



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
AMAZONAS
CAMPUS MANAUS CENTRO
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

JOSÉ LUCAS DUQUE SANTOS SOUSA

**MEMÓRIAS PRESENTES NO MUSEU HISTÓRICO MOACIR
ANDRADE: contribuições na construção da Educação Profissional e
Tecnológica**

MANAUS/AM
2025

JOSÉ LUCAS DUQUE SANTOS SOUSA

**MEMÓRIAS PRESENTES NO MUSEU HISTÓRICO MOACIR
ANDRADE: contribuições na construção da Educação Profissional e
Tecnológica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Campus Manaus Centro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Dr. Deilson do Carmo Trindade

MANAUS/AM
2025

Biblioteca do IFAM – Campus Manaus Centro

S725m Sousa, José Lucas Duque Santos.

Memórias presentes no museu histórico Moacir Andrade: contribuições na construção da Educação Profissional e Tecnológica / José Lucas Duque Santos Sousa. – Manaus, 2025.

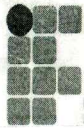
180 p. : il. color.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus* Manaus Centro, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Deilson do Carmo Trindade.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Formação humana integral. 3. Memória institucional. 4. Museu Moacir Andrade. I. Trindade, Deilson do Carmo. (Orient.) II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.

CDD 370.7



INSTITUTO FEDERAL
AMAZONAS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
CAMPUS MANAUS CENTRO
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA EM REDE NACIONAL



JOSÉ LUCAS DUQUE SANTOS SOUSA

**MEMÓRIAS PRESENTES NO MUSEU HISTÓRICO MOACIR ANDRADE:
CONTRIBUIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, *Campus* Manaus Centro, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, sob orientação do Prof. Dr. Deilson do Carmo Trindade.

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em 19 de setembro de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Deilson do Carmo Trindade - Presidente/Orientador
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
ProfEPT-IFAM

Prof. Dr. José Cavalcante Lacerda Junior - Membro Interno
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
ProfEPT-IFAM

Prof. Dr. Davi Avelino Leal – Membro Externo
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

JOSÉ LUCAS DUQUE SANTOS SOUSA

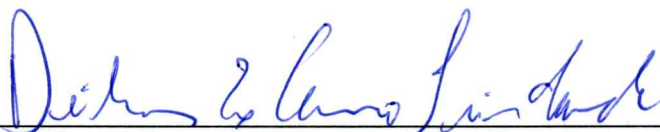
CATÁLOGO TEMÁTICO DO MUSEU MOACIR ANDRADE: MEMÓRIAS E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA A EPT.

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, *Campus* Manaus Centro, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, sob orientação do Prof. Dr. Deilson do Carmo Trindade.

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 19 de setembro de 2025.

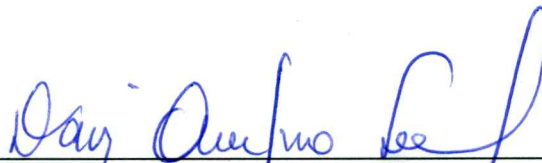
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Deilson do Carmo Trindade - Presidente/Orientador
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
ProfEPT-IFAM



Prof. Dr. José Cavalcante Lacerda Junior - Membro Interno
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
ProfEPT-IFAM



Prof. Dr. Davi Avelino Leal – Membro Externo
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Aos meus avós Cremilda e Firmino (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha companheira Emily Rosário pela paciência, dedicação e incentivo sem os quais essa dissertação não seria possível.

Ao meu orientador Professor Doutor Deilson do Carmo Andrade pelas contribuições no processo de desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos meus colegas da turma de mestrado (2023-2025) que se tornaram fontes inspiradoras e renovadoras para a conclusão desta pesquisa. Aos professores e professoras do ProEPT que solidificaram as bases para a produção dessa dissertação.

Agradecimentos, em especial, aos coordenadores do curso, durante a vigência do mestrado, a Profa. Dra. Deuzilene Marques e o Prof. Dr. José Lacerda Cavalcante Júnior.

“O espírito da gente está naquilo que a gente deixa... na nossa obra. Seja na transferência para os filhos, ou a transferência do nosso trabalho através de livros, obras de arte ou obras espirituais...espirituais no sentido de saber tratar o homem”.

(Moacir Andrade, 1998)

RESUMO

O presente trabalho apresenta o estudo desenvolvido no Museu Histórico Moacir Andrade, vinculado ao Instituto Federal do Amazonas – Campus Manaus Centro – IFAM/CMC, no âmbito da linha de pesquisa Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos da Educação Profissional e Tecnológica – EPT, do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Fundamentada na Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), a pesquisa teve como objetivo geral analisar o acervo do Museu Moacir Andrade no contexto da preservação da memória institucional. Para tanto, foram examinadas as coleções que compõem a história da Instituição, bem como parte das obras do artista amazonense que dá nome ao espaço. Além disso, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com dois professores e dois servidores do IFAM/CMC, as quais contribuíram para a consolidação dos objetivos da investigação. Os resultados obtidos demonstraram a existência de lacunas quanto à adequação e sistematização daquele espaço, apontando para a necessidade de políticas mais efetivas de preservação e valorização da memória institucional. Contudo, verificou-se que a utilização pedagógica do museu apresenta grande potencial para o fortalecimento da formação humana integral no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, na medida em que possibilita a articulação entre memória, identidade e práticas educativas no contexto amazônico.

Palavras-Chave: Museu Moacir Andrade. Memória Institucional. Educação Profissional e Tecnológica. Formação Humana Integral.

ABSTRACT

This present study conducted at the Moacir Andrade Historical Museum, affiliated with the Federal Institute of Amazonas – Manaus Centro Campus, within the scope of the research line "Organization and Memories of Pedagogical Spaces of Professional and Technological Education," part of the Professional Master's in Professional and Technological Education. Based on Content Analysis (Bardin, 2016), the research aimed to analyze the Moacir Andrade Museum's collection within the context of preserving institutional memory. To this end, the collections that comprise the institution's history were examined, as well as some of the works by the Amazonian artist for whom the space is named. Furthermore, semi-structured interviews were conducted with two professors and two staff members, which contributed to the consolidation of the research objectives. The results demonstrated gaps in the adequacy and systematization of the space, highlighting the need for more effective policies to preserve and enhance institutional memory. However, it was found that the pedagogical use of the museum has great potential for strengthening integral human development within the scope of Professional and Technological Education, as it enables the articulation between memory, identity and educational practices in the Amazonian context.

Keywords: Moacir Andrade Museum. Institutional memory. Professional and Technological Education. Integral human development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Museu Moacir Andrade. Fonte: Autor, 2024.....	54
Figura 2: Mesas com tampo de vidro onde estão armazenadas ferramentas das oficinas industriais da EAA e Lyceu Industrial (1909-1942). Foto: Autor, 2024.....	55
Figura 3: Ferramentas e utensílios – Liceu Industrial (1942). Foto: Autor, 2024.....	56
Figura 4: Primeira estrutura de funcionamento da Escola de Aprendizes Artífices – 1910. Foto exposta nos painéis da sala principal do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	56
Figura 5: Fachada da Escola de Aprendizes Artífices no ano de 1916. Foto exposta nos painéis da sala principal do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	57
Figura 6: Fachada da Escola Técnica de Manaus (1947). Foto em painéis expositivos na sala principal do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	57
Figura 7: Em uma das salas do primeiro andar do Museu estão expostas algumas obras e rascunhos/esboços de desenhos do artista Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	58
Figura 8: Material de limpeza alocado em uma das salas anexas do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	71
Figura 9: Sala principal do térreo do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	72
Figura 10: Sala principal do térreo do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024....	72
Figura 11: Casa de detenção. Neste prédio funcionou, temporariamente em 1916, a Escola de Aprendizes Artífices. Painel do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	73
Figura 12: EAA 1927-1941. Disponível em painel do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	74
Figura 13: Novas Instalações da Escola de Aprendizes Artífices do Amazonas, em Manaus. Fonte: CPDOC. Arquivo Digital. Aspectos de maquetes, instalações e atividades de instituição de ensino industrial amazonense, bem como de desfile comemorativo ao Dia do Trabalho, 1934-1945.....	75
Figura 14: Ferramentas utilizadas nas oficinas de Marcenaria do Lyceu Industrial (1942). Foto: Autor, 2024.....	76
Figura 15: Ferramentas utilizadas nas oficinas de Marcenaria do Lyceu Industrial (1942). Foto: Autor, 2024.....	77
Figura 16: Certificado do Sr. Agésilau Libório dos Santos (1945). Foto: Autor, 2024.....	78
Figura 17: Material pertencente ao CEFET/AM (2005). Foto: Autor, 2024.....	79
Figura 18: Material pertencente ao CEFET/AM (2005). Foto: Autor, 2024.....	79
Figura 19: Álbuns de fotografias disponíveis no Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	81
Figura 20: Materiais diversos jogados em espaços do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	82
Figura 21: Materiais diversos jogados em espaços do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	82
Figura 22: Materiais diversos jogados em espaços do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	83
Figura 23: Documentos dispersos nos armários da Sala Administrativa do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	84
Figura 24: Documentos dispersos nos armários da Sala Administrativa do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	84

Figura 25: Sala dos Diretores. Primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	85
Figura 26: Recorte de Jornal. Documento disponível no álbum nº 91-01-019 (Registro do Museu), sob registro de tombamento nº 12551 (sem número de página). Foto: Autor, 2024.....	87
Figura 27: Sala 01, primeiro andar, do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	89
Figura 28: Sala 01, primeiro andar, do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	89
Figura 29: Mensagem de Jorge Amado ao lado da porta de entrada do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	95
Figura 30: Mensagem de Thiago de Mello exposta na entrada do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	97
Figura 31: Mensagem de Jovina Andrade exposta na entrada da Sala 01 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	99
Figura 32: Mensagem de Gabriel García Marques exposta na Sala 01 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	101
Figura 33: Mensagem de Luís da Câmara Cascudo exposta na Sala 01 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	102
Figura 34: Mensagem de Gilberto Freire exposta na Sala 01 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	104
Figura 35: Mensagem de Herbert Baldus exposta na Sala 01 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	105
Figura 36: Mensagem de Clarice Lispector exposta na Sala 01 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	107
Figura 37: Mensagem de Jean-Paul Sartre exposta na Sala 02 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	109
Figura 38: Mensagem de João Guimarães Rosa exposta na Sala 02 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.....	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

CEFET/AM – Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas

EAA – Escola de Aprendizes Artífices

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

ETFAM – Escola Técnica Federal do Amazonas

ETM – Escola Técnica de Manaus

IFAM/CMC – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas,
Campus Manaus Centro

PE – Produto Educacional

PIM – Polo Industrial de Manaus

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1.....	23
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – OS INSTITUTOS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA NO BRASIL E A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL	23
1.1 O percurso embrionário da Educação Profissional na Velha República	23
1.2 Conflitos e interesses políticos na história da educação profissional.....	26
1.3 Novas perspectivas e diretrizes na educação profissional e tecnológica.....	29
CAPÍTULO 2.....	35
A HISTÓRIA E A MEMÓRIA COMO OBJETOS DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE ACADÊMICA	35
2.1. História e Memória uma categoria de estudo nas ciências sociais	35
2.2 Arquivos e museus em instituições escolares – os lugares de memória	43
2.3. Os museus e suas múltiplas possibilidades na educação profissional e tecnológica	48
CAPÍTULO 3.....	53
OS CAMINHOS DA PESQUISA OU A BUSCA POR UM PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	53
3.1. Da técnica e do tipo de pesquisa à escolha do local.....	53
3.2. Obtenção dos dados e sujeitos participantes. Os riscos possíveis, as estratégias e os benefícios da pesquisa.....	59
3.3 A busca pelas fontes e os procedimentos de análise dos dados coletados.....	59
CAPÍTULO 4.....	69
MUSEU MOACIR ANDRADE, UM NOVO OLHAR COMO FERRAMENTA E ESPAÇO EDUCATIVO NA EPT	69
4.1. Museu do CEFET/AM, o Museu Moacir Andrade.....	70
4.2. Moacir Andrade na memória de intelectuais brasileiros: uma análise de conteúdo das homenagens.....	90
4.3. O Museu como espaço de formação: narrativas de professores e servidores do IFAM/CMC	114
CAPÍTULO 5.....	143
A PROPOSTA OU O DESAFIO, O PRODUTO EDUCACIONAL	143
5.1. Elementos para a elaboração do produto educacional.	143
5.2 Os passos para a criação do protótipo.	146
5.3 A execução dos testes, o aprimoramento e a validação do produto.....	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	141
APÊNDICE A – OFÍCIOS	161
APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	168
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	170
APÊNDICE D – DESCRIÇÃO DOS ÁLBUNS FOTOGRÁFICOS CATALOGADOS NO MUSEU MOACIR ANDRADE	176

INTRODUÇÃO

Conforme afirmou Moacir Andrade em uma entrevista realizada no ano de 1998, “o espírito da gente está naquilo que a gente deixa... na nossa obra. Seja na transferência para os filhos, ou a transferência do nosso trabalho através de livros, obras de arte ou obras espirituais... espirituais no sentido de saber tratar o homem”. Este pensamento sintetiza o propósito desta pesquisa, que busca transformar memórias institucionais e acervos históricos da Educação Profissional e Tecnológica – EPT em um legado educativo. Ao assumir a preservação e a reinterpretação dessas experiências como instrumentos formativos, esta dissertação parte do princípio de que a memória não se limita ao passado, mas se torna um projeto como força constitutiva do presente e do futuro.

Este estudo assumiu o propósito de analisar o Museu Histórico Moacir Andrade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro – IFAM/CMC, a partir da noção dos lugares de memórias e da importância da preservação da memória institucional. Essa análise foi realizada a partir de investigações no acervo do Museu (fotografias dos painéis de exposição, mensagens de agradecimentos ao artista amazonense Moacir Andrade) bem como do registro das memórias de sujeitos que integram a história dessa centenária Instituição.

Centrado na temática da memória institucional verificamos que a preservação do acervo em um espaço dentro de uma instituição de educação profissional e tecnológica é um dos mecanismos valorativos que contribui para a formação humana integral dos indivíduos que compõem essa comunidade escolar. Observando as dissertações e artigos produzidos no campo da EPT no repositório do IFAM, verificamos que havia uma lacuna sobre trabalhos realizados cuja temática fosse esse espaço como lugar de preservação da memória dessa Instituição.

Uma vez que os materiais alocados nesse acervo recobrem todo o período da Instituição, optamos por analisar documentos diversos que pudessem nos dar um panorama geral de cada época da Instituição. Os documentos disponibilizados no Museu compreendem vários períodos do Instituto desde a sua criação como Escola de Aprendizes Artífices (1909-1937), Lyceu Industrial de Manaus (1937-1942), passando por Escola Técnica de Manaus (1942-1965), Escola Técnica Federal do Amazonas (1965-2001), Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas

(2001-2008) até a presente denominação Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Assim, a análise de parte do acervo do Museu nos permitiu traçar um panorama histórico sobre as intenções políticas e sociais que permearam a composição desse espaço de educação.

Em uma busca mais apurada nos repositórios institucionais de unidades federais e estadual de educação do Amazonas (IFAM, UFAM e UEA) não encontramos nenhuma pesquisa realizada especificamente sobre este espaço. No *site* institucional do IFAM encontramos somente algumas poucas notícias de eventos realizados: homenagem ao artista Moacir Andrade no ano de 2016; um breve resumo de uma entrevista realizada com o artista; e posterior exposição de algumas de suas obras que estão disponíveis no Museu. Essas últimas ações ocorreram no ensejo das comemorações dos 110 anos da referida Instituição no ano de 2019. A falta de informações a respeito desse local nos intrigou e nos direcionou de modo a analisar esse espaço afim de obtermos informações que nos ajudariam a compreender, sob uma perspectiva histórica, essa instituição de educação profissional e tecnológica.

É quase consenso afirmar que os Institutos Federais se tornaram referência no que diz respeito a serem detentores de uma política voltada para a formação humana integral no campo da educação brasileira, porém, se faz necessária a busca pelos elementos condicionantes dessa política ao longo de sua história. Em uma instituição centenária como o IFAM, essa busca pôde ser realizada analisando como essas políticas educacionais se ajustaram às necessidades locais, se se adequaram, de que forma e como foram implementadas no sentido de transformação dos indivíduos da comunidade que a envolve. As instituições escolares são portadoras de novos códigos de conduta e conhecimentos científicos centrais na vida social e pública. Acreditamos que o conhecimento destas instituições seja fundamental para a compreensão dos contornos específicos de qualquer sociedade.

As pesquisas sobre instituições escolares no Brasil começaram a receber maior atenção e complexidade nas suas categorias analíticas especialmente a partir dos anos 1990, pois naquele momento se consolidava um profundo debate sobre a relação entre educação e sociedade dentro de uma perspectiva crítica da história (Nosella, 2002). Essa tendência privilegiou os estudos sobre as instituições escolares em sua materialidade, o que foi de extrema importância para a comunidade acadêmica, pois essas novas pesquisas começaram a considerar os

vários aspectos que compõe a história dessas instituições de ensino, principalmente no que se refere aos contextos sociais nos quais estão inseridas, o que definiriam os programas e currículos, as circunstâncias de criação e instalação de cursos para atender as diferentes realidades, entre outros aspectos que nos fazem perceber a importância do valor social e cultural dessas instituições. Como lugares de memória as instituições são compreendidas como o conjunto das experiências que formam e conformam a identidade política e social dos indivíduos, sendo espaços que fazem parte do processo de formação e aprendizagem contínuas.

Nesta pesquisa utilizamos como princípio metodológico um estudo interdisciplinar que estabeleceu um diálogo entre história e memória, alicerçado nas bases conceituais da EPT, numa perspectiva de compreensão sobre as relações estabelecidas em instituições escolares, locais próprios de produção de significados diversos influenciados por contextos socioculturais de épocas distintas. O interesse em desenvolver essa pesquisa se baseou em alguns trabalhos realizados em minha carreira profissional como professor de História na Educação Básica na Secretaria de Educação do Estado do Amazonas que resultou na pesquisa *Arquivos escolares como fontes para os estudos em educação* financiado pela agência de fomento à pesquisa do Estado do Amazonas no ano de 2022 (Fapeam, 2022). Assim, o nosso interesse em pesquisar o Museu Moacir Andrade, dando destaque aos bens inventariados sobre a Escola Técnica Federal do Amazonas – ETFAM, Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas – CEFET-AM e Instituto Federal do Amazonas/Campus Manaus Centro – IFAM/CMC, nasceu da necessidade de identificarmos e expormos para a comunidade os processos históricos, demonstrando as permanências e as transformações dessa unidade de ensino profissional e tecnológico ao longo do tempo.

O acervo fotográfico disponível no Museu, por exemplo, foi um importante caminho para verificarmos as transformações ocorridas nessa Instituição. Ainda que sob condições de preservação muito aquém daquelas estabelecidas pelas normas que regem Arquivos e Museus no Brasil, pois de acordo com o documento elaborado pelo Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ definem que “as áreas de trabalho e de circulação de público deverão atender às necessidades de funcionalidade e conforto, enquanto as de armazenamento de documentos de vem ser totalmente independentes das demais” (Conarq, 2005, p. 9). Dada a quantidade de fotografias e, infelizmente, da indevida catalogação desse material, empreendemos na direção de

utilizar do acervo fotográfico, as imagens que estão expostas nos painéis e “galerias” do Museu. A partir da análise desses materiais verificamos como a Instituição se adequou a novas realidades na cidade de Manaus bem como na expectativa criada para atender aos novos interesses em escala regional. Com a expansão do Polo Industrial de Manaus, logo surgiu a demanda de mão de obra qualificada para o preenchimento das vagas nas indústrias instaladas no Amazonas. Desta forma, a ETFAM passou a ofertar cursos técnicos em Eletrônica, Mecânica, Química e Saneamento. Pudemos observar pelo acervo fotográfico disponível, por exemplo, que nesse período o prédio principal sofreu diversas melhorias em sua infraestrutura, tais como: a construção do prédio do recreio coberto, do ginásio de esportes, da pista de atletismo e da piscina. Todas essas inovações serviriam para atender às crescentes demandas impulsionadas por esse novo período histórico da cidade.

A necessidade de atribuir significados históricos e heroicos aos sujeitos envolvidos nas transformações das instituições escolares (o que leva, por exemplo, a dar nomes desses sujeitos à auditórios, bibliotecas, praças, laboratórios, entre outros) se tornou algo comum nestas Instituições. Assim, em outubro de 1986 foi criada na ETFAM, uma Sala Memória, que no ano de 1994 se tornou o Museu Moacir Andrade, cujo objetivo era preservar a memória histórica da ETFAM. Com dois acervos distintos, o Museu está estruturado da seguinte maneira: no andar térreo se encontram documentos (como atas oficiais manuscritas e impressas, acervo fotográfico em painéis e álbuns de fotografias, objetos de oficinas técnicas, maquinários, entre outros) que compõe boa parte do período dessa Instituição de Ensino; no andar superior encontramos obras artísticas diversas (pinturas, textos, poemas, livros e certificados e placas de homenagem, entre outros) obtidas através da doação do acervo pessoal do artista amazonense Moacir Andrade¹.

¹ Nascido em 17 de março de 1927 o artista plástico, poeta, desenhista e escritor se consagrou internacionalmente pelas obras que retratam a região Amazônica e a vida ribeirinha. Ele possui cerca de 50 mil telas pintadas, escreveu 20 livros e expôs as próprias produções em mais de 70 países. Em 1941, ingressou como aluno no Liceu Industrial de Manaus e já na inauguração das novas instalações desta unidade de ensino apresentou, com apenas 14 anos de idade, suas pinturas e desenhos. Estudando como aluno interno do Liceu Industrial, Moacir Andrade aprimorou ainda mais as suas técnicas ao realizar o curso de Marcenaria onde estudou até o ano de 1945. Em 1952, com 25 anos de idade, realiza sua primeira exposição individual no salão da recém-criada Escola Técnica de Manaus. Na década de 70, tornou-se professor de desenho na Escola Técnica Federal do Amazonas (ETFAM) onde dedicou-se por mais de 20 anos à vida acadêmica. Faleceu em 27 de julho de 2016.

Como dito anteriormente, foi exatamente no bojo das discussões ocorridas nas décadas de 1980 e 1990 sobre preservação das memórias institucionais, das instituições escolares como lugares de memória, que se organizou na antiga Escola Técnica Federal do Amazonas um espaço denominado Sala Memória. De acordo com Nunes Mello (2009) uma das grandes contribuições para o acervo da Sala Memória ocorreu no ano de 1994 a partir das doações do acervo pessoal do artista Moacir Andrade, ex-aluno e ex-professor aposentado da Instituição. Ainda naquele ano, sob a direção de Raymundo Luiz de Salles Teixeira, a Sala Memória da Escola Técnica Federal do Amazonas passou à denominação de Museu Histórico Moacir Andrade, sendo o primeiro Museu cadastrado da Rede Federal das então Escolas Técnicas Federais. O espaço compreendia uma sala conjunta no andar térreo do prédio central, mas com o aumento dos bens que seriam inventariados para a constituição do museu houve então uma mudança de local. Essa mudança decorreu da desocupação da Casa Residencial, local destinado à residência dos Diretores, e que a partir de então foi destinada ao funcionamento do Museu. No ano de 1997, o Museu se tornou um espaço aberto ao público externo, algo que continua até os dias atuais, “possibilitando o acesso aos bens inventariados que nos contam um pouco da história desta centenária Instituição” (Nunes de Mello, 2009, p. 203).

Do ponto de vista da legislação federal, a Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009 (Brasil, 2009), os Museus são instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, entre outras atividades os conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico que podem estar a serviço do desenvolvimento social e cultural de uma sociedade. Na referida lei verificamos que são princípios fundamentais dos museus a valorização da dignidade humana; a promoção da cidadania; o cumprimento da função social; a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural, entre outros aspectos, o que para nós são elementos condicionantes de uma formação humana integral.

Sendo assim, o objetivo geral dessa pesquisa foi analisar os bens inventariados e os objetos catalogados no Museu Histórico Moacir Andrade do Instituto Federal do Amazonas – Campus Manaus Centro promovem o fortalecimento da EPT entre professores e alunos. Assim, objetivos específicos: a) examinar a documentação histórica, registros manuscritos, impressos e

iconográficos; b) registrar as memórias dos sujeitos e das ações realizadas no Museu Moacir Andrade no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica; c) desenvolver um produto educacional que contribua de forma pedagógica para a preservação da memória institucional do IFAM/CMC.

Diante do exposto, esta pesquisa buscou responder a seguinte questão: em que medida a análise dos objetos catalogados no Museu Histórico Moacir Andrade contribuem para a preservação da memória institucional e a promoção do fortalecimento da EPT no IFAM/CMC?

Dessa forma, os objetivos elencados foram desenvolvidos a partir das seguintes questões norteadoras: quais documentos históricos - registros manuscritos, impressos, iconográficos, entre outros – compõem o acervo do Museu Histórico Moacir Andrade? De que forma o registro das memórias dos sujeitos e das ações realizadas no Museu Histórico Moacir Andrade contribuem para a construção da memória institucional no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica? Como desenvolver um produto educacional que possa contribuir para a preservação da memória institucional do IFAM/CMC a partir do acervo do Museu Histórico Moacir Andrade?

Essa dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *História e memória da educação profissional e tecnológica – os institutos de educação profissional e tecnológica no Brasil e a formação humana integral* realizamos uma discussão sobre a história e a memória da educação profissional e tecnológica no Brasil dedicando a recuperar os fundamentos históricos que marcam a constituição da educação profissional no país. A seção inicial, *O percurso embrionário da Educação Profissional na Velha República*, analisa as primeiras iniciativas de institucionalização da formação profissional em meio às transformações sociais e econômicas da virada do século XIX para o XX. Na sequência, a seção *Conflitos e interesses políticos na história da educação profissional* evidencia as disputas de projetos que marcaram esse campo educacional, mostrando como as políticas estiveram associadas às necessidades produtivas e aos contextos ideológicos de cada período histórico. Por fim, a seção *Novas perspectivas e diretrizes na educação profissional e tecnológica* discute a consolidação dos Institutos Federais como espaços formativos que articulam trabalho, ciência, cultura e tecnologia, alinhados à proposta da formação humana integral.

No segundo capítulo *A história e a memória como objetos de investigação e análise acadêmica* abordamos a fundamentação teórica que embasou a nossa pesquisa, qual seja, a relação entre a história e a memória como objeto de investigação sob as categorias de lugares de memória e da preservação da memória institucional. A seção *História e memória: uma categoria de estudos nas ciências sociais* apresenta o debate conceitual que fundamenta o uso da relação entre história e memória como categoria analítica e como ferramenta para compreender as experiências sociais e institucionais. Em seguida, a seção *Arquivos e museus em Instituições Escolares: os lugares de memória* discute o papel desses espaços na preservação e valorização do patrimônio educacional, destacando sua relevância para a identidade institucional. E a seção *Os museus e suas múltiplas possibilidades na Educação Profissional e Tecnológica* destaca a potencialidade pedagógica dos museus, ressaltando sua contribuição para a formação humana e integral dos sujeitos no âmbito da EPT.

No terceiro capítulo, *Os caminhos da pesquisa ou a busca por um procedimento metodológico*, descrevemos a metodologia utilizada nesta pesquisa, sua tipologia, objetivos elencados, local da pesquisa, sujeitos colaboradores nas entrevistas realizadas, enfatizando os aspectos éticos envolvidos, os perfis dos participantes e as estratégias adotadas para minimizar riscos e potencializar benefícios, expondo o processo de organização, seleção e interpretação das fontes documentais e entrevistas, desencadeando no método de análise utilizado para alcançar os resultados apresentados.

O capítulo quarto intitulado *Museu Moacir Andrade, um novo olhar como ferramenta e espaço educativo na EPT* transcorrerá sobre as discussões e os resultados análise dos dados coletados, a partir das observações realizadas no acervo do Museu Moacir Andrade. A seção *Museu do CEFET/AM, o Museu Moacir Andrade* apresenta o processo de constituição do espaço museal e sua relevância como patrimônio cultural e institucional. Na seção seguinte *Moacir Andrade na memória de intelectuais brasileiros: uma análise de conteúdo das homenagens*, são examinadas diferentes interpretações e discursos disponíveis em materiais exposto no Museu que destacam a importância do artista na construção simbólica da Amazônia, contribuindo para compreender sua projeção intelectual. Já a seção *O Museu como espaço de formação: narrativas de professores e servidores do*

IFAM/CMC sistematiza as percepções coletadas nas entrevistas, mostrando como o Museu é reconhecido como potencial ferramenta de reflexão crítica no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica.

No capítulo final abordaremos sobre a elaboração de um produto educacional, um catálogo temático intitulado *Catálogo temático do Museu Moacir Andrade: memórias e possibilidades pedagógicas para a EPT* que acreditamos poder contribuir em futuras pesquisas, mas, sobretudo, ser um material que dê destaque na preservação da memória dessa Instituição.

Consideramos que o registro, a análise e a exposição dessas informações são elementos importantes para a construção do conhecimento histórico e da memória institucional do Instituto Federal do Amazonas - Campus Manaus Centro, visto que a inexistência sobre esse tema no âmbito das pesquisas desenvolvidas na linha de Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos da Educação Profissional e Tecnológica do ProfEPT pôde, enfim, ser sanada.

Dessa forma, ao situar a estrutura geral do trabalho e justificar sua relevância no contexto da memória institucional e da Educação Profissional e Tecnológica, passamos a desenvolver a primeira etapa da investigação, voltando o olhar para os fundamentos históricos que embasam essa modalidade de ensino. É necessário compreender como as políticas públicas educacionais moldaram o percurso da EPT no Brasil e de que maneira essas diretrizes impactaram a concepção de formação humana integral. Com esse objetivo, o capítulo que se segue traça um panorama da história da educação profissional no país, destacando seus marcos legais, as permanências e rupturas de seu modelo educacional e, especialmente, sua implementação na região amazônica, ponto central da realidade investigada nesta dissertação.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – OS INSTITUTOS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA NO BRASIL E A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL

No capítulo inicial dessa dissertação abordaremos a trajetória da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil apontando seus principais aspectos, tecendo algumas críticas e ponderações sobre as variadas tentativas de superação da dualidade estrutural da educação no país que conduzirá para uma educação centrada na formação humana integral dos indivíduos.

1.1 O percurso embrionário da Educação Profissional na Velha República

O estudo sobre as instituições escolares obtiveram seu primeiro momento de efervescência na segunda metade do século XX, sobretudo, a partir da formulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961, contudo, a expansão e a força desses estudos produziram uma enorme quantidade de pesquisas a partir da década de 1990, momento no qual os programas de pós-graduação estabeleceram linhas e grupos de pesquisa sobre essa temática no âmbito da História da Educação. É importante ressaltar os pontos positivos e negativos dessas pesquisas, respectivamente, no que diz respeito à ampliação de linhas de investigação, diversidade teórico-metodológica e novas fontes de pesquisa, contrastando com fragmentação epistemológica e dificuldades de compreensão da totalidade do fenômeno educacional.

Nesse ponto, Nosella (2005), afirma que a instalação, construção e a evolução das instituições escolares estão relacionadas aos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais dos locais nas quais estão inseridas, portanto, a partir da pesquisa de uma instituição em particular podemos apreender sobre o contexto mais geral. Este é o esforço que se exige nas pesquisas mais recentes sobre instituições escolares, buscando evitar reducionismos particulares e tentar compreender de forma mais acertada o movimento real da sociedade.

Ao longo do século XX e início do século XXI constatamos as diversas mudanças nos planos educacionais do Brasil sobretudo no que se refere à educação/ensino profissional, ora industrial, ora profissional e tecnológico. Nesse sentido, a história do ensino profissional e tecnológico no Brasil foi e ainda é

profundamente influenciada por essas transformações. Desde as primeiras iniciativas voltadas para a formação de mão de obra qualificada, da adequação dos desvalidos da sorte a um novo modelo de sociedade, da relação entre educação e mercado de trabalho, até a consolidação de uma rede de ensino técnico e tecnológico sólida, o desenvolvimento desse setor por muitas vezes refletiu as demandas e mudanças da sociedade brasileira em diferentes contextos históricos.

Com o objetivo de criar escolas de ensino profissional primário e gratuito no Brasil a partir de setembro de 1909, o então presidente da República, Nilo Peçanha, assinou o decreto nº 7.566 (Brasil, 1909) composto por 18 artigos que estabeleciam os requisitos para criação, funcionamento e fiscalização das futuras Escolas de Aprendizes Artífices que seriam construídas no país. Ao analisar esse decreto verificamos que nele está estabelecida a ideia do estado paternalista brasileiro quando lemos o verbo “facilitar” como uma ideia de garantia às classes proletárias os meios necessários para vencer as dificuldades de existência dessa camada da população pressupondo o entendimento de que a desigualdade que existia (e ainda persiste) no Brasil não fosse resultado das próprias decisões políticas estabelecidas e sim algo natural para a maioria da sociedade brasileira.

Não muito distante, no início do século XX durante o período conhecido como a República das Oligarquias, sua estrutura social, econômica, política e cultural era estabelecida pela escravidão que foi abolida, após séculos de lutas antiescravistas, no ano de 1888. Logo é evidente compreender que as relações sociais e de poder no início do século passado ainda perpassavam pelos ritos e ritmos escravocratas. Ao dispensar essa população das fazendas, principalmente de café no sudeste do Brasil, ocorre um processo migratório em direção ao meio urbano, mal organizado, sobretudo, nas principais cidades do país, Rio de Janeiro, capital, São Paulo, Salvador e Recife, principalmente. Observamos isso no próprio decreto quando, ainda em sua primeira consideração, afirmava sobre “o aumento constante da população das cidades” sendo esse aumento justificado em grande medida por essas ações tomadas pelos poderes constituídos no país a partir do fim da escravidão (Guimarães, 2020).

É nesse o contexto em que se encontra a maioria da população brasileira no início do século XX, e como alternativa de organização se estabelece a criação das Escolas de Aprendizes Artífices com intuito de garantir ensino de um ofício “aos filhos dos desfavorecidos da fortuna”, novamente numa perspectiva que considera

algo abstrato à própria desigualdade social em que viviam os filhos das camadas mais pobres da sociedade.

A necessidade do preparo técnico e intelectual coincidia com elementos que caracterizavam a nova organização social que se pretendia no Brasil, qual seja, atender aos processos iniciais, bem incipientes, de formação industrial que determinados setores pretendiam, porém, há um outro elemento muito mais premente nessa consideração: que o preparo técnico e intelectual estivesse atrelado aos anseios de afastar essas crianças da “ociosidade ignorante, escola do vício e do crime” (Brasil, 1909) numa clara demonstração do entendimento sobre a criança pobre do Brasil, ou seja, um mal a ser extirpado, uma vez que estavam longe da educação e muito mais do trabalho.

Esse pensamento também tem as suas raízes de ser, afinal foram definidas leis no início da república do Brasil que estabeleciam a vadiagem como um crime a ser combatido. E quem eram esses “criminosos”? Justamente aqueles pertencentes aos grupos que outrora eram forçados ao trabalho, os ex-escravizados e seus descendentes que forçados a migrarem para as cidades as encontram sem moradia e trabalho que atendessem a todos, portanto, para os donos do poder era necessário criar leis que os controlassem.

Diante desse cenário é que serão instaladas nas capitais dos estados da Federação uma escola de ensino profissional primário e gratuito por intermédio do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, afinal ainda não havia na República a organização de um ministério próprio à educação, algo que será atendido somente na Era Vargas (1930-1945), quando da criação do Ministério da Educação e Saúde. As Escolas de Aprendizes Artífices, portanto, cumpriram – ao menos como objetivo inicial – os interesses de determinados grupos econômicos (“consultadas, quanto possível, as especialidades das indústrias locais”, art. 2º do Decreto-lei nº 7.566 de 1909) demonstrando o que se pretendia no Brasil para os setores mais pobres da população.

A industrialização incipiente e a urbanização crescente nas primeiras décadas do século XX criaram uma demanda por uma força de trabalho qualificada no Brasil. Getúlio Vargas (1930-1945), implementou um projeto de modernização que incluía a formação profissional como um componente essencial para o

desenvolvimento econômico². A Lei Orgânica do Ensino Industrial, promulgada em 1942, formalizou, então, a criação de Escolas Industriais Federais em várias regiões do país, voltadas para a formação e qualificação de trabalhadores para atender às necessidades da indústria emergente.

Podemos verificar a necessidade de organização geral do ensino estabelecendo para esse fim os conceitos fundamentais que visava atender aos seguintes interesses: 1) do trabalhador; 2) das empresas e; 3) da nação (Art. 3º), no entanto, em seu artigo 4º estabelece as prioridades do ensino industrial no que diz respeito à preparação profissional do trabalhador e aí percebemos que esta formação estava associada apenas à capacitação técnica para o exercício das atividades laborais que coadunassem com os interesses econômicos da nação, não estabelecendo diretrizes para a capacitação do indivíduo em uma formação integral, plena, no mundo do trabalho (Brasil, 1942).

1.2 Conflitos e interesses políticos na história da educação profissional

Para a adequação ao novo contexto brasileiro, foram organizadas as leis de equivalência durante a década de 1950 com objetivo de organizar e estruturar a educação profissional, principalmente o ensino industrial aliado aos ciclos de 1º e 2º graus, ocasionando na década seguinte a estruturação dos ginásios posto que se pretendia algo polivalente, modernizante e, claro, orientados para o trabalho, inspirado em modelos internacionais, sobretudo, o norte-americano (Cunha, 2014). É o caso, por exemplo, da Lei 3.352/59 (Brasil, 1959), na qual verifica-se como o processo educacional estava voltado às necessidades de integração do indivíduo ao processo de trabalho produtivo, ou seja, a noção de formação que se pretendia a partir dessas instituições escolares se baseava no objetivo da realização de atividades especializadas que estivessem em consonância com as realidades econômicas locais e, dessa forma, contando com a contribuição da experiência de organizações profissionais e grupos privados locais. Esses aspectos iriam orientar a

² Assim, para atender aos interesses dos grupos industriais do país foi concebido o decreto-lei nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942, que criava o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (SENAI), com o objetivo de criar e organizar um sistema de aprendizagem que seria dirigido aos trabalhadores industriários e organizado e administrado pela Confederação Nacional da Indústria que mantinha sede na cidade de São Paulo, demonstrando, assim, a aliança de Vargas com outros grupos econômicos do país bem como uma tentativa dos Industriários paulistas voltarem a ter controle sobre o cenário político do Brasil através da organização sistemática de um modelo de ensino que pudesse lhe garantir esse domínio.

redação final da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei nº 4.024/1961 - no que diz respeito ao ensino industrial.

Foi exatamente nesse contexto em que houve a transformação da Escola Técnica de Manaus para a Escola Técnica Federal do Amazonas, que se tornou a instituição pioneira para aliar os interesses de grupos empresariais que se instalaram na Zona Franca de Manaus, bem como ser uma resposta para a sociedade manauara de uma escola modelo de educação fazendo com que essa instituição se notabilizasse ao longo de décadas como um local de referência para a educação profissional no Amazonas.

Magalhães (1998), utilizando a categoria instituição educativa, afirma que esses espaços são complexos desenvolvidos a partir de quadro socioculturais. Para o autor, do ponto de vista histórico, “uma instituição educativa é uma complexidade espaciotemporal, pedagógica, organizacional, onde se relacionam elementos materiais e humanos” (p. 61), sendo importante compreendermos como isso se desvela num fluxo de permanentes tensões. As instituições escolares são lugares permeados e refletidos dos conflitos e das tensões políticas, culturais, ideológicas que afetam a vida dos indivíduos na sociedade, pois, conforme Saviani (2005, p. 28) “as instituições são necessariamente sociais, tanto na origem [...] como no seu próprio funcionamento, uma vez que se constituem como um conjunto de agentes que travam relações entre si e com a sociedade a que servem”.

Na mesma direção, Gatti Jr. (2015, p. 341), diz que o “conhecimento das instituições escolares é fundamental para a compreensão dos contornos específicos de qualquer sociedade”, nos possibilitando um caminho para articulação do particular com o geral, pois essas instituições não operam isoladamente: estão inseridas em um contexto social, político e histórico que as atravessa e transforma. O estudo da história das instituições educacionais, nesse sentido, permite analisar as singularidades desses espaços e suas contribuições na constituição das práticas pedagógicas e da identidade educacional de uma época. Como aponta o autor, essa perspectiva investigativa busca compreender os diversos sujeitos implicados nos processos formativos, lançando luz sobre aquilo que se passa “no interior das escolas”, ultrapassando as normativas formais para alcançar os sentidos vivenciados cotidianamente. Opera-se um esforço por captar os elementos que conferem identidade à instituição escolar, valorizando a especificidade de cada trajetória, e reconhecendo que tais elementos atribuem “um sentido único no cenário

social do qual fez ou ainda faz parte”, mesmo quando essa instituição se transforma com o passar do tempo.

Ao analisarmos as transformações históricas do ensino industrial, profissional e tecnológico no Brasil ao longo do século XX, é fundamental considerar que as instituições escolares não podem ser compreendidas como entidades isoladas. Sanfelice (2008), adverte que, embora sejam objetos singulares de pesquisa, elas não constituem recortes autônomos da realidade social, política, cultural, econômica e educacional. O autor argumenta que, mesmo quando se investiga o interior de uma instituição, suas dinâmicas não se explicam por si mesmas, pois sua identidade é moldada por determinações externas que se articulam dialeticamente em seu funcionamento. Essa perspectiva é fundamental para analisar as mudanças que reconfiguraram o ensino industrial em profissional e, posteriormente, em EPT ao longo do século XX, revelando como projetos de Estado, conjunturas econômicas e reformas educacionais moldaram e foram, por sua vez, reinterpretados no cotidiano das escolas. Essas transições não ocorreram de forma linear, mas através de tensões entre permanências e rupturas, nas quais as instituições tiveram que negociar seu lugar em meio a mudanças estruturais.

O Brasil Republicano foi e ainda é marcado por diversos conflitos, tensões, golpes e ditaduras. As décadas de 1960 a 1980 refletem esse caldo de tensões que se expressaram no golpe civil-militar de 1964 e que culminou numa ditadura empresarial-militar no país que durou 21 anos até o ano de 1985. Evidentemente que esse regime ditatorial refletiria em sua ponta mais ideológica: a educação. A educação profissional no Brasil durante a ditadura empresarial-militar apresentou aspectos singulares, sobretudo, no que diz respeito ao financiamento e apoio internacional, dado, evidentemente, ao contexto geopolítico global daquele momento. Durante a ditadura militar, a Reforma Universitária de 1968 e a Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus em 1971 destacaram a formação técnica como prioridade. A criação dos Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs, foi uma medida para fortalecer o ensino técnico e tecnológico em diversas regiões do país, visando formar técnicos especializados que pudessem contribuir diretamente para o crescimento econômico e tecnológico. Neste contexto, o alinhamento ideológico aos Estados Unidos da América possibilitou financiamentos a partir da Agência dos Estados Unidos para Desenvolvimento Internacional – USAID, em acordos de cooperação com o Ministério da Educação do Brasil (Cunha, 2014). Essa

cooperação com aporte do financiamento internacional se tornou um pilar no que se refere à educação profissional no Brasil, sobretudo, quando analisamos as bases estabelecidas pela Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial – CBAI (um dos pontos de inflexão da educação brasileira que não está totalmente corrigido até hoje) estabelecendo a ideia de um sistema educacional que preza pela concepção produtivista da educação (Saviani, 2008), um dos elementos mais caros à ditadura e que ainda permanece em nosso sistema de educação.

Concernente a esse pensamento e alinhamento ideológico, político e econômico aos grupos empresariais que se destacavam no apoio às medidas do regime ditatorial, inclusive, dominando parte dos debates no próprio interior do Conselho Federal de Educação, foi aprovada no país a lei que reorganizava o ensino profissional de 2º grau tornando-o compulsório (Lei nº 5.692/71), o que entrava em desacordo com determinadas tendências pedagógicas, uma vez que não era a corrente de pensamento dominante no Ministério da Educação muito menos daquelas estabelecidas pelos órgãos internacionais que apoiavam o regime no Brasil. A maneira brusca para implementar essa ideia partiu de um aprofundamento do autoritarismo do governo e grande apoio das camadas médias que iriam se beneficiar desse modelo, pois impulsionou o crescimento do setor privado da educação via eliminação da vinculação orçamentária, algo que já estava previsto desde a concepção da Constituição de 1967 (Cunha, 2014; Saviani, 2008; Guimarães, 2020).

Não obstante, no que pese sobre o ensino superior, buscando um sentido para o sistema educacional brasileiro, foi sob a direção de um regime autoritário retomada a lógica do controle desse nível educacional a partir de uma reforma universitária (Lei nº 5.540/68; Decreto nº 464/69), porém guiada pela concepção ideológica norte-americana dos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade, um modelo empresarial de educação que visava maiores resultados com menos custos e isso implicou na reestruturação do ensino superior no país, especialmente, em seu acesso. Se a tendência privatizante já se manifestava antes da instalação da ditadura civil-militar, nos anos em que se consolidou e vigorou esse regime, esse modelo de aprofundou³ tornando o favorecimento à iniciativa privada

³ É possível observar esse fenômeno num contexto mais atual, durante e após a pandemia de COVID-19, tendo em vista a expansão de empresas de ensino universitário no formato de Educação à Distância, com salas superlotadas e cada vez menos professores contratados, ou seja, mais

em mais um legado que nos foi deixado pelo regime militar

1.3 Novas perspectivas e diretrizes na educação profissional e tecnológica

Com a redemocratização a partir de 1985, é possível verificarmos a tendência a uma nova perspectiva para a educação no Brasil, com foco na democratização do acesso e na qualidade do ensino. A Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, de 1996, estabeleceram diretrizes importantes para a consolidação do ensino técnico e tecnológico como parte integrante do sistema educacional, levando em consideração ainda a dualidade existente nessa modalidade de ensino. Os aspectos principais sobre a educação profissional no Brasil estavam definidos, neste contexto, pela Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), apoiada, posteriormente, no Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997 e pela Portaria nº 646 de 14 de maio de 1997 que, em resumo, afirmavam que esse nível de educação conduziria ao permanente desenvolvimento de aptidões de jovens e adultos para a vida produtiva. Esses documentos legais exprimem as intenções e os interesses a que estariam subordinados o sistema educacional brasileiro, sobretudo, as demandas necessárias ao ensino profissional. Frigotto (1998) critica o enfoque utilitarista do ensino técnico, argumentando que a formação profissional deveria transcender as necessidades imediatas do mercado de trabalho e contribuir para a formação integral e cidadã dos estudantes.

As lutas por uma educação como um direito social estava enraizada na sociedade brasileira, sobretudo, após os anos de ditadura civil-militar, como uma forma de tecer naquele momento o papel da cidadania no processo de redemocratização. E a luta por educação pública e de qualidade perpassava por esse ideal. No entanto, as armadilhas criadas pelos governos Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) tornaram o alcance desse ideal algo muito difícil de ser atingido. O reflexo está na disposição desse decreto (Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997) que visava, sobremaneira, a educação como um elemento associado aos interesses econômicos vigentes, tornando o indivíduo mero reproduzidor das tendências voltadas para o mercado de trabalho. A reforma educacional do governo Fernando Henrique Cardoso estava alinhada ao ideário do liberalismo conservador

produtividade com menos custos o que implica sobremaneira na qualidade do ensino nessas instituições (Brasil, 2022).

em termos econômicos e sociais, tanto na concepção quanto na prática (Ciavatta; Frigotto, 2003). Para atingir esses objetivos o plano foi organizar a distribuição de recursos aos Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs, de acordo com a adesão a Portaria 646 de 1997, uma medida compreendida como coercitiva e autoritária. Essas ações contribuíram para a percepção da frágil estrutura democrática do país e de seus recorrentes governos quando se trata de atender aos ditames de uma economia global, objetificando em um sistema educação que impõem diretrizes sem contar com a participação dos autores que propõe alternativas diferentes para um outro projeto societário.

A divisão dos níveis de educação em básico, técnico e tecnológico, em especial, no que concerne aos cursos técnicos de nível médio, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais, demonstram claramente a perspectiva economicista, mercadológica e fragmentária sob a égide da pedagogia das competências e a organização do ensino por módulos, sob o ideário da ideologia da empregabilidade, reinstaurando na educação média e técnica brasileira uma nova forma de dualismo (Ciavatta; Frigotto, 2003).

O Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004, regulamentou o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e buscou a partir de uma série de disputas expressar um caminho de mudanças na educação profissional compreendendo diversos setores progressistas e suas lutas internas na sociedade, nos estados, nas escolas (Ciavatta; Frigotto; Ramos, 2005). Este decreto possibilitou algumas transformações nos níveis de ensino, tais como: formação inicial, técnica de nível médio, sendo essa integrada, concomitante e subsequente, tecnológica de graduação e pós-graduação.

Todas essas características apresentadas neste decreto não eram novidades. Ciavatta, Frigotto e Ramos (2005), assinalam que essas ideias remetiam às propostas iniciais demandadas por organizações civis ligadas à educação no momento da nova reordenação de forças democráticas após o fim da ditadura civil-militar. Olhando por esse ângulo, podemos verificar o quanto as disputas sobre o processo educacional no Brasil conjugam elementos de forças progressistas e forças reacionárias para as rupturas e permanências do dualismo estrutural na educação brasileira.

Era preciso ir além! Com o advento do novo século, programas de expansão do ensino profissional foram importantes para expandir e modernizar a rede de

ensino técnico e tecnológico, integrando a formação humana com as novas demandas do mundo de trabalho globalizado o que resultou na criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – Ifs, a partir de 2008, um importante passo para consolidar uma rede nacional de ensino técnico e tecnológico que oferecesse uma formação abrangente e de qualidade. Assim sendo, a lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008, possui um elemento transformador sobre as bases que norteariam a educação profissional e tecnológica no Brasil.

A Lei nº 11.892/2008 representou um marco na estruturação da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, consolidando a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica – RFEPCT, e instituindo os Institutos Federais. Essa "nova constitucionalidade", como define Pacheco (2010), não apenas reconfigurou o modelo institucional, mas também impulsionou avanços substantivos no sistema de ensino, especialmente no que diz respeito à democratização e à qualidade da EPT. Para o autor, o fortalecimento desse nível educacional "passa pela democratização da oferta da EPT, pela adoção de políticas diferenciadas no sentido de assegurar o acesso e a permanência e pela manutenção da qualidade do ensino ofertado" (Pacheco, 2010, p. 75), elementos que se materializaram na expansão da rede pública de educação profissional em escala nacional. Essa transformação não se limitou à criação de novas estruturas administrativas; ela redefiniu o próprio horizonte da EPT ao articular ensino, pesquisa e extensão em uma perspectiva integrada. A RFEPCT, ao incorporar a dimensão científica e tecnológica, ampliou o escopo da educação profissional, rompendo com antigas dicotomias entre formação técnica e produção de conhecimento. Nesse sentido, a Lei nº 11.892/2008 não apenas respondeu a demandas históricas por equidade no acesso, mas também reposicionou a EPT como eixo estratégico para o desenvolvimento nacional, alinhando-se a projetos de soberania tecnológica e inclusão social.

Essa dimensão é fundamental para a compreensão dos objetivos da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, uma vez que estão postas nesse interim as concepções de formação humana integral e da *omnilateralidade*, bases fundantes da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil. O que está colocado para a nova constitucionalidade da RFEPCT é a formação de cidadãos que se compreendam como atores políticos capazes de pensar e agir para as transformações políticas, sociais e econômicas tendo em vista a possibilidade da

construção de um novo modelo de sociedade (Pacheco, 2010). O modelo no qual estão organizados os Institutos Federais atende a esse mecanismo quando observamos a autonomia para a construção dos Planos de Desenvolvimento Institucional – PDI, que prevê ações, na constituição de centros de excelências em ciências integradas, no sentido de estimular, dentre outras importantes questões, o desenvolvimento de espírito crítico e cidadão dos indivíduos.

De acordo com o documento do MEC (Brasil, 2010), os Institutos Federais em sua proposta que integra o ensino médio à formação técnica,

além de estabelecer o diálogo entre os conhecimentos científicos, tecnológicos, sociais e humanísticos e conhecimentos e habilidades relacionadas ao trabalho e de superar o conceito da escola dual e fragmentada, pode representar, em essência, a quebra da hierarquização de saberes e colaborar, de forma efetiva, para a educação brasileira como um todo, no desafio de construir uma nova identidade para essa última etapa da educação básica (Brasil, 2010, p.27).

Os Institutos Federais podem ser compreendidos pelos papéis que cumprem na vida social e na convicção de que a educação dos indivíduos deve cumprir a integração do conhecimento geral das ciências e as particularidades das práticas no intuito de desenvolvimento da criticidade dos indivíduos, pois na construção de novos conhecimentos exige-se que os fundamentos científicos sejam sistematizados e apreendidos em suas raízes epistemológicas (Ramos, 2005). Nesse sentido, a concepção de educação adotada no Plano de Desenvolvimento Institucional do Instituto Federal do Amazonas – IFAM, pauta-se em princípios elementares que compõem as bases da EPT quando afirma que

A educação em um processo de ampliação e de desenvolvimento humano. Essa deve encaminhar para o exercício de uma identidade crítica e emancipatória, fundamentada nas ideias de liberdade e de autonomia, pautando-se em uma ação política e de transformação social. (IFAM, 2019, p. 114)

O modelo institucional dos Institutos Federais, em uma estrutura multicampi e com currículos sensíveis às demandas regionais, consolidou-se como referência na educação pública brasileira. Mais do que simplesmente alinhar conhecimentos técnicos e científicos às exigências do mercado de trabalho, essa proposta busca superar o dualismo estrutural da educação brasileira ao promover uma formação

que integra trabalho, ciência e cultura como pilares indissociáveis. Como destaca Dantas (2020, p. 15), esse projeto de "formação alargada" presente na Rede Federal não se limita à capacitação profissional, mas produz "conscientização, protagonismo e autonomia", características fundamentais para uma verdadeira formação humana integral. Essa perspectiva *omnilateral* é viabilizada por uma estrutura administrativa e pedagógica robusta, capaz de conciliar educação tecnológica com emancipação social. No entanto, como o próprio autor ressalta, esse modelo ainda enfrenta o desafio da não universalização, já que sua abrangência permanece circunscrita à esfera federal. Essa contradição expõe uma tensão constitutiva da EPT no Brasil: por um lado, a Rede Federal avança como laboratório de inovação pedagógica ao romper com a lógica estreita do "adestramento para o emprego"; por outro, "sua capilaridade limitada" reproduz, em nova escala, as assimetrias de um sistema educacional historicamente marcado pela fragmentação entre redes federal, estaduais e privadas. Evidentemente, que ainda há muito o que se fazer sobre a educação profissional e tecnológica no Brasil, mas os primeiros passos já foram dados. Quinze anos após a mudança na estrutura do ensino profissional do país já podemos estabelecer um parâmetro positivo sobre essa modalidade de ensino e essa forma de gerenciamento e organização da educação profissional e tecnológica do Brasil.

Ao concluir o percurso histórico sobre a constituição e o desenvolvimento da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, especialmente a partir da consolidação dos Institutos Federais como centros de formação humana integral, reconhecemos os avanços e os desafios que ainda se impõem à consolidação de uma educação comprometida com os princípios democráticos e sociais. No entanto, compreender as transformações da EPT requer não apenas o exame de políticas educacionais e estruturas institucionais, mas também uma atenção especial à dimensão simbólica e histórica dessas instituições. Nesse sentido, adentramos, no próximo capítulo, em uma reflexão teórica sobre a relação entre história e memória, com ênfase no papel dos arquivos e museus como espaços de preservação e produção de significados no âmbito da educação profissional, particularmente quando se situam dentro das instituições escolares. Esses lugares de memória tornam-se essenciais para compreender como se constrói, se mantém e se comunica a identidade institucional ao longo do tempo.

CAPÍTULO 2

A HISTÓRIA E A MEMÓRIA COMO OBJETOS DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE ACADÊMICA

A relação entre memória e história tem sido objeto de debate intenso na historiografia contemporânea. Enquanto a história é frequentemente vista como uma disciplina voltada para a análise crítica e a reconstrução do passado, a memória é geralmente percebida como um fenômeno mais subjetivo e fluido, moldado por experiências pessoais e coletivas. Esta distinção, no entanto, não é estanque, e o entrelaçamento entre memória e história revela-se crucial para a compreensão de como sociedades e indivíduos se relacionam com o passado.

2.1. História e Memória: uma categoria de estudo nas ciências sociais

A memória e a história se tornaram em uma categoria de análise de destaque nas ciências sociais a partir da segunda metade do século XX, momento em que diversas pesquisas explicitaram esquemas analíticos capazes de compreender os relatos das memórias dos sujeitos como uma função social para este campo do conhecimento. No campo específico da história, as memórias individuais e coletivas tornaram-se um fértil terreno para a produção de novos conhecimentos, novas abordagens e construção de novas perspectivas metodológicas e epistemológicas. Nessa seara, novas maneiras de se pensar a história dos grupos sociais foram se delineando e transformando significativamente a forma de compreensão das relações humanas e dos eventos históricos desde então.

Le Goff (1990) afirma que alguns cientistas foram assim levados a aproximar a memória de “fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas e sociais” dada sua condição de função social. Em sua análise, o autor propõe uma superação da dicotomia entre memória e história, ressaltando que ambas, embora possuam naturezas distintas, sendo uma mais subjetiva e afetiva, a outra mais crítica e analítica, se entrelaçam no esforço comum de construção de sentidos sobre o passado. A memória não é apenas a evocação de lembranças individuais ou coletivas, mas um campo de disputa simbólica, onde se organizam as seleções, silenciamentos e legitimações de experiências vividas. A história, por sua vez, torna-se um instrumento capaz de problematizar essas memórias, revelando suas mediações, intencionalidades e funções sociais. Assim, a memória não pode ser

concebida apenas como fonte da história, mas como uma dimensão ativa da vida social, que influencia a maneira como o passado é compreendido, transmitido e apropriado.

A relação entre história e memória constitui um eixo fundamental para compreender como as sociedades constroem suas identidades e disputam significados sobre o passado. Para o autor, a memória não é apenas um elemento constitutivo da identidade, seja individual ou coletiva, mas também um campo de poder onde se travam lutas pela hegemonia narrativa, ou seja, "tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas" (p. 426), revelando como os silêncios e omissões históricas funcionam como mecanismos de manipulação da memória coletiva. Essa dialética entre lembrança e esquecimento assume especial relevância quando analisamos instituições educacionais como espaços de produção e preservação de memória.

Bastos e Stephanou (2005, p. 324) alertam, no entanto, que "é preciso, contudo, que estejamos atentos aos perigos de reificação da memória", que a transforma em objeto, "como se fosse um conjunto de documentos depositado na cabeça das pessoas ou nas escritas privadas do eu" (*Idem*, p. 324). Esse alerta convoca o pesquisador a compreender que a memória não pode ser tratada como um dado bruto, imutável ou espontâneo, mas como uma construção subjetiva, dinâmica e seletiva, perpassada por mediações culturais, sociais e políticas. Ao assumir essa perspectiva, as autoras destacam que a memória não está submetida às mesmas exigências metodológicas e críticas que caracterizam o trabalho historiográfico.

Diferentemente da história, que exige validação por meio da problematização e da confrontação com fontes e contextos, a memória opera por meio de afetos, lacunas e reconstruções. Por isso, embora possa conter aspectos históricos, ela não se estrutura de forma linear nem segue uma lógica narrativa homogênea, pois, na verdade, se trata de uma prática de sentido, constantemente resignificada, que emerge a partir das vivências e posicionamentos dos sujeitos o que leva ao fato de que ao investigar a memória, sobretudo em instituições escolares, é necessário reconhecer seus limites e potências, evitando tanto a idealização quanto a descaracterização de sua natureza. Assim, compreender a memória em sua complexidade implica assumir a sua instabilidade e sua profunda

ligação com os modos como os sujeitos se situam no tempo e na coletividade, especialmente quando se busca reconstruir trajetórias e identidades no campo da educação profissional e tecnológica.

A relação entre memória e história é sempre marcada por tensões e diálogos constantes. Pierre Nora (1993), argumenta que a memória é um elemento fundamental na formação da identidade nacional e coletiva, mas também ressalta sua natureza seletiva, afetiva e, muitas vezes, fragmentada, posto que há uma distinção entre a memória vivida, espontânea e incorporada, e a memória formalizada, que se inscreve em monumentos, museus, arquivos e comemorações. Esses lugares não apenas guardam vestígios do passado, mas também representam uma tentativa consciente de ancorar identidades em meio ao que ele denomina de um “presente eterno”, marcado pelo declínio dos ambientes sociais em que a memória era naturalmente transmitida fazendo com que os lugares de memória sejam substitutos simbólicos diante do enfraquecimento das memórias coletivas tradicionais.

Nora (1993, p. 15), afirma: “o que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar”, revelando a tentativa humana de dar forma ao inatingível, de arquivar aquilo que escapa à recordação espontânea. A história, em contrapartida, é definida como “uma reconstrução sempre problemática do que não existe mais” (p. 9), ou seja, uma operação intelectual de busca e interpretação sobre um tempo que já se desvaneceu.

Candau (2012), afirma que apesar de apresentarem um aspecto semelhante, uma vez que tanto a memória quanto a história se constituem como representações do passado, suas naturezas epistemológicas e funcionais são profundamente distintas. Enquanto a história opera sob os critérios da objetivação e da análise crítica, com o propósito de esclarecer o passado de maneira ordenada e sistemática, a memória atua por meio de uma vivência subjetiva, emocional e sensível, instaurando o passado de forma imanente ao próprio ato de lembrar. Nesse sentido, a história revela-se como uma prática disciplinada, comprometida com a lógica da verificação e da organização dos fatos, ao passo que a memória se constrói a partir da experiência encarnada dos sujeitos, atravessada por afetos, emoções e valores.

Esse autor argumenta ainda que “a história pode vir a legitimar, mas a memória é fundadora”, destacando que a memória tem o poder de originar

pertencimentos e identidades coletivas, enquanto a história tende a observar esses fenômenos a partir de uma certa distância crítica. Nesse sentido, os sujeitos não apenas lembram, mas também constroem sentidos a partir de suas trajetórias e vivências, mobilizando um tipo de conhecimento que não se submete totalmente à lógica linear e documental da história, mas que a complementa com o testemunho vivo dos seus respectivos cotidianos, ou seja, a memória não apenas resgata o passado, mas o reinventa, conferindo-lhe novos significados conforme os contextos de evocação e os sujeitos que o enunciam.

Halbwachs (1990) compreende a história como uma construção que procura sistematizar os acontecimentos de um período, oferecendo um recorte racional que, embora necessário, tende a ser esquemático e incompleto. Para o autor, a história busca fixar o passado de forma ordenada e coesa, mas essa ordenação muitas vezes desconsidera a multiplicidade de vivências e interpretações que são conservadas nas memórias individuais e coletivas. Quando a memória é tomada como objeto de investigação histórica, ela revela sua dimensão viva e mutável, marcada por constantes atualizações conforme os sujeitos reconstróem o passado à luz do presente. Essa memória, longe de ser um simples repositório de lembranças, é um campo dinâmico, onde diferentes versões do passado coexistem, entram em tensão e podem ser instrumentalizadas em disputas simbólicas e de poder. Assim, a memória aparece como um terreno fértil para compreender não apenas o que foi vivido, mas também como os sujeitos significam suas experiências e como essas significações influenciam a construção de identidades coletivas.

A noção de sociologia da memória coletiva proposta por Halbwachs (1990), caracteriza que a lembrança individual necessita de uma comunidade afetiva, cuja construção se dá mediante o convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais. Essa lembrança individual é então baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos. Segundo o autor, o indivíduo que lembra está inserido na sociedade na qual sempre possui um ou mais grupo de referência, sendo assim, a memória é então sempre construída em grupo, sendo que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Pensar a memória como elemento contributivo para a compreensão da história. Esse é ponto fundamental dessa pesquisa. Significa afirmar que a memória não é história *per se*, ela é parte integrante da construção histórica dos indivíduos e

da própria sociedade, de uma consciência histórica. Que ela possui, a memória coletiva, uma função social. Através da linguagem, seja escrita ou falada, a memória, constituída como um objeto, incorpora, toma tecitura e produz a comunicação ao outro na ausência do acontecimento. É no e com as especificidades do tempo presente que os indivíduos reconstróem suas histórias numa relação/interação entre passado/presente apostando naquilo que é possível lembrar – e esquecer.

Ricoeur (2007), entende que “o estatuto da memória [...] é insuperável de uma reflexão acerca do binômio passado/presente” na medida em que esta oposição não é neutra, “mas subentende ou exprime um sistema de valorização”, como o par antigo/moderno, progresso/retrocesso. Compreende que “o que é próprio da história da memória é a história de seus modos de transmissão”. Nesse aspecto, afirma que “a memória se encontra revelada a si mesma, em sua profundidade, pelo movimento da história” (p. 401), daí a necessidade de historicização da memória.

É a batalha pela memória que está posta neste tabuleiro. No jogo de disputas e manipulação sobre o que deve/pode ser lembrando e daquilo que deve e têm que ser esquecido que se situam as especificidades do tempo presente. Os indivíduos possuem a habilidade de recordar daquilo que os significam, no entanto, essas recordações são recheadas de elementos que ora conduzem aos anseios da comunidade afetiva que o envolvem ora, a depender dos sintomas do tempo presente, os afastam. Essa dinâmica de poder estabelecida pelo embate da memória se configurou nas últimas décadas como catalizador de novas abordagens no campo das ciências humanas. No que se refere ao campo da história, é notável a batalha pela memória, especialmente regiões colonizadas como o território brasileiro, posto que o estudo sobre a memória social/coletiva é uma maneira elementar para compreensão dos problemas do tempo e da própria história que “ora está em retraimento ora em transbordamento” (Le Goff, 1990, p. 368).

Os primeiros registros sobre a função social da memória remontam à Grécia Arcaica (apartando-se aqui as lendas e mitos existentes desse período histórico) na qual existia a instituição do *mnemon*, uma espécie de servidor encarregado de conservar, em vistas de lembranças e testemunho, matérias para a religiosidade e para a justiça (Le Goff, 1990). A determinação da origem de uma influência social é sempre problemática, pois ela pode ser um ponto de convergência de várias correntes de pensamento que atribui significados ao coletivo (Bosi, 2023). A

memória coletiva adquire esforços – de rememoração e de esquecimentos – do grupo aos quais pertencem os indivíduos que recorda, podendo ser objeto de disputa entre grupos sociais com diferentes visões do passado.

Compreender a construção da memória em contextos sociais nas ciências sociais e humanidades envolve explorar como as memórias são formadas, compartilhadas e preservadas dentro das sociedades. A memória social é um campo interdisciplinar que investiga como grupos coletivos, comunidades e sociedades criam e mantêm lembranças do passado. Trazendo novamente Halbwachs (2016), o conceito de memória coletiva refere-se às memórias compartilhadas por um grupo social, que ajudam a construir e sustentar uma identidade comum. Essas, baseada na interação, são formadas e reforçadas por interações sociais e culturais o que as tornam flexíveis e dinâmicas evoluindo com o tempo à medida que as sociedades mudam. A memória é caracterizada como um fenômeno social, que se manifesta tanto individual quanto coletivamente. A memória de um grupo social não é apenas a soma das lembranças individuais, mas um sistema compartilhado de referências e significados que configura a identidade e a continuidade desse grupo.

Os processos e mecanismos de construção da memória advém das práticas narrativas sobre o passado que moldam a percepção coletiva e dos discursos produzidos que estruturam essas percepções, resultando em narrativas hegemônicas que são comumente aceitas bem como em percepções alternativas que desafiam constante as visões dominantes na sociedade. O processo de lembrar e narrar o passado é contínuo e pode ser revisado com novas interpretações e disputas. Memoriais, cerimônias e dias de comemoração são exemplos de como a memória coletiva é institucionalizada e utilizada para promover uma visão particular da história. Essa instrumentalização da memória pode levar a distorções e silenciamentos de vozes alternativas, criando uma narrativa dominante que pode não refletir a complexidade do passado.

Explorar a integração entre memória e história para a compreensão das transformações sociais, políticas e econômicas de uma determinada região envolve um exame detalhado de como as experiências pessoais e coletivas interagem com eventos e processos históricos. Esse estudo revela como as memórias individuais e coletivas influenciam a percepção da história e vice-versa, contribuindo para a compreensão das dinâmicas de mudança em contextos específicos. A construção da memória em contextos sociais é um processo complexo e dinâmico, que envolve a

interação de narrativas, rituais, espaços e discursos. As ciências sociais e humanidades fornecem ferramentas e teorias essenciais para compreender como as sociedades lembram e interpretam o passado, moldando a identidade coletiva e influenciando políticas contemporâneas.

O uso da memória como fonte histórica levanta questões metodológicas e epistemológicas significativas. A memória é intrinsecamente subjetiva e pode ser afetada por processos de seleção, reconstrução e até mesmo de invenção. Este aspecto é problemático para a historiografia, que busca uma reconstrução factual e verificável do passado. No entanto, Ricoeur (2000), têm argumentado que a memória deve ser valorizada não apenas como um repositório de fatos, mas como uma expressão da experiência humana e das narrativas que as pessoas constroem sobre suas vidas. A análise crítica das fontes de memória, como testemunhos orais, diários e memórias, pode revelar muito sobre as percepções, sentimentos e interpretações que indivíduos e grupos têm sobre eventos históricos. Para uma pesquisa eficaz, é crucial adotar abordagens interdisciplinares, combinando métodos qualitativos e quantitativos, e considerar as diferentes dimensões sociais, culturais e políticas da memória coletiva.

De acordo com Michel de Certeau (2014), na relação entre o passado e o presente a operação historiográfica moderna, está colocada, em primeiro lugar, sob o signo da separação entre o passado e o presente. Esta historiografia deixa clara a estrutura que caracteriza a cultura ocidental moderna: a inteligibilidade se estabelece em relação ao outro. Nessa relação, a historiografia tende a provar que o lugar onde ela se produz é capaz de compreender o passado: estranho procedimento que finge no presente o privilégio de recapitular o passado num saber, qual seja, a própria escrita da história que se constrói, de forma ambivalente, a relação entre passado e presente. Segundo o autor, a historiografia ocidental opera sob um paradoxo estrutural: ela se funda na separação radical entre passado e presente, ao mesmo tempo que afirma a capacidade do presente de dominar e recapitular o passado em um saber pretensamente objetivo.

Essa operação não é neutra, mas sim um ato de poder epistêmico – uma "prática ambiciosa" que transforma "a obscuridade do corpo vivido" (as experiências concretas) em discursos ordenados pelo "querer saber" ou "querer dominar" (De Certeau, 2014, p. 142), sendo, assim, não um simples registro do passado, mas um ato de tradução violenta que o submete às categorias do presente. Ao separar

radicalmente passado e presente, a historiografia simultaneamente exclui a tradição, para constituí-la como "outro", e a coloniza, para torná-la inteligível em seus próprios termos. Essa "prática ambiciosa" não é ingênua: ela fabrica cenários onde o passado é domesticado em narrativas que legitimam o presente. No contexto da EPT, esse mecanismo é visível nas histórias institucionais que convertem processos contraditórios (como a tensão entre formação técnica e emancipação) em linhas evolutivas suaves.

Concebida desde o final do século XVIII como desenvolvimento ou processo, a história pressupõe um corte entre o passado e o presente. A quem beneficia a História? Não podemos descartar as necessidades de consolidação e disputas de poder entre os variados grupos sociais. Os historiadores do século XIX são, por sua vez, favoráveis a uma estrita separação entre história e memória, mas desta vez em nome do ideal de uma história no passado e apenas no passado: a história termina onde começa a memória. Somente há pouco tempo é que ocorreu uma reviravolta: a invasão do campo da história pela memória. A partir da década de 1970, a memória, até então considerada impura pelos historiadores, transformou-se em um objeto da história de pleno direito, com sua história (historicização da memória) (Hartog, 2016, p. 25). Ao lado dessa memória comum, voltada para a rememoração, existe outra, trabalhada, reservada e controlada estreitamente, que tende inteiramente para a memorização, na qual se apoia a aprendizagem.

Com a revalorização da memória como objeto legítimo da historiografia, especialmente a partir da segunda metade do século XX, ampliam-se também as possibilidades de compreensão sobre as formas pelas quais os sujeitos e os grupos sociais constroem, ressignificam e preservam suas experiências históricas. Essa inflexão no campo da história insere os debates sobre a memória em uma dimensão mais sensível às práticas sociais e culturais que estruturam o pertencimento coletivo e a identidade institucional. Nesse contexto, ganha relevo o papel dos espaços dedicados à preservação dessas memórias, como arquivos, museus e centros de documentação, especialmente quando localizados em instituições escolares. É sobre esses lugares de memória, físicos e simbólicos, que se debruça a próxima seção, com o intuito de compreender suas funções, seus sentidos e seus impactos no campo da educação profissional e tecnológica.

2.2 Arquivos e museus em instituições escolares: os lugares de memória

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT), historicamente vinculada às dinâmicas do mundo do trabalho e à formação de sujeitos para atuação em diferentes contextos produtivos e sociais, carrega consigo um rico patrimônio material e imaterial que expressa os sentidos atribuídos à escola, à formação humana e à prática educativa ao longo do tempo. Nesse cenário, torna-se fundamental refletir sobre os espaços responsáveis pela preservação dessas memórias, quais sejam, arquivos, museus e centros de documentação, que, em sua configuração institucional, também operam como lugares de memória (Nora, 1993).

Nas instituições de EPT, esses espaços assumem uma função estratégica ao resguardar documentos, objetos, fotografias, práticas e narrativas que ajudam a compreender não apenas a trajetória da escola em si, mas os projetos políticos e pedagógicos que a atravessaram. Quando ativados como dispositivos de leitura crítica da história, esses lugares podem oferecer ao presente elementos significativos para a análise das transformações ocorridas nas finalidades da educação profissional, nos perfis formativos esperados e nas disputas simbólicas em torno do que significa formar para o trabalho.

Sob essa perspectiva, esta seção propõe discutir a relevância de arquivos e museus escolares como instâncias fundamentais da memória institucional da EPT. Ancorada na concepção de “lugares de memória” formulada por Pierre Nora (1993), a análise parte da compreensão de que tais espaços não apenas armazenam documentos e objetos, mas também produzem sentidos, disputam narrativas e podem contribuir para o fortalecimento de uma identidade crítica e histórica da escola. Discutem-se, ainda, os aspectos simbólicos, pedagógicos e políticos que envolvem a construção desses lugares, destacando seu papel na preservação e interpretação de experiências educativas marcadas por processos de exclusão, resistência, transformação e reinvenção.

Em perspectiva simples, poderíamos dizer que os espaços de memória são espaços físicos ou simbólicos onde as memórias são mantidas e celebradas, como museus, que colaboram com a conservação, preservação de artefatos e narrativas históricas, monumentos que marcam e celebram eventos ou figuras importantes para a memória coletiva, e locais de memória.

Nora (1993), realizou um célebre estudo sobre esse tema apontando um aspecto constituinte de vários grupos sociais na manutenção de suas memórias, de

suas histórias, o que denominou de “ilusões de eternidade” (p. 13). Os lugares de memória, no entanto, apresentam novas simbologias ao decorrer do tempo apresentando-se em um movimento dialético que constituem esses espaços como locais de salvaguarda daquilo que pode estar ameaçado pelo silenciamentos, pelo esquecimento. Os grupos sociais, portanto, se comportam com o “sentimento que não há memória espontânea”, sendo necessário a defesa dessas lembranças coletivas. Nesse ínterim, cabe ao historiador no seu processo de produção do conhecimento dar sentidos a esses lugares. “Lugares, portanto, lugares mistos, híbridos e mutantes [...] numa espiral do coletivo e do individual [...] os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados” (*Idem*, p. 22).

Diferentemente de todos os objetos da história, “os lugares de memória não têm referentes na realidade”, sendo, eles mesmos, “seu próprio referente”, portanto, social e histórico (*Ib.*, p.22). A noção de “lugares de memória” proposta por Pierre Nora tem desempenhado um papel crucial na historiografia contemporânea ao reconfigurar a maneira como entendemos e nos relacionamos com o passado. Nora introduziu o conceito no contexto de uma crescente percepção de que a memória coletiva, outrora transmitida de maneira fluida e orgânica, estava em processo de transformação em virtude das mudanças sociais e culturais do final do século XX. A proposta de Nora está enraizada na percepção de que, na ausência de uma “memória viva” transmitida oralmente e através de práticas cotidianas, a sociedade moderna necessita de “lugares de memória” para manter um vínculo com o passado. Esses lugares não são necessariamente físicos; podem incluir documentos, monumentos, símbolos, eventos, e até mesmo práticas culturais e rituais que agem como ancoradouros da memória coletiva.

De acordo com Nora (1993), um “lugar de memória” é um espaço onde a memória coletiva se cristaliza e se refugia em tempos de transformação. Ele é definido por sua capacidade de evocar lembranças e significados para uma comunidade, agindo como um ponto de referência cultural e identitário. Esses lugares surgem quando a continuidade da memória direta se interrompe e a memória deve ser preservada artificialmente. Os lugares de memória são caracterizados por três atributos principais: a) Materialidade, no que se refere a algo tangível, que pode ser um monumento, um arquivo, um museu, ou mesmo um local geográfico que tenha significância histórica; b) Funcionalidade, posto que

desempenham um papel ativo na preservação da memória, frequentemente institucionalizado através de práticas de comemoração, ensino e patrimonialização; c) Simbologia, pois têm uma dimensão simbólica que transcende sua função prática ou material, carregando significados profundos e às vezes múltiplos para os indivíduos e a sociedade (*Idem*, 1993, p. 21)

O conceito de "lugares de memória" influenciou profundamente a historiografia, mudando a forma como os historiadores abordam o estudo da memória coletiva e da identidade cultural. Ele enfatizou a importância dos símbolos e rituais na construção e manutenção da memória, oferecendo uma lente através da qual podemos entender as complexas relações entre memória, história e identidade. No entanto, não se pode deixar cair na intenção que pode sobrevalorizar o papel dos lugares de memória na estabilização das memórias, subestimando as dinâmicas de conflito e transformação. Sendo um dos aspectos dos lugares de memória, a materialidade, proposta por Nora, apresentaremos uma breve análise dos casos de Arquivos e Museus como espaços característicos da preservação de memórias coletivas e que, portanto, se enquadram na acepção do termo desenvolvido pelo autor.

Quando abordamos sobre a preservação da memória institucional diz respeito à sua representação a partir do acervo de informações acumulados ao longo do tempo por uma instituição. Essa preservação é essencial para a construção de uma identidade institucional que pode influenciar em práticas e estratégias futuras. Nesse sentido, os arquivos e museus institucionais desempenham um importante papel nesse processo, funcionando como uma espécie de guardiões dessa memória ao coletar, organizar e exibir os artefatos e os documentos de uma instituição.

Etimologicamente a palavra arquivo deriva do latim *Archivium/Archivus* expressando "lugar de guarda de documentos e outros títulos" com a intenção de "preservar as informações criadas tanto pelo homem bem como pelas instituições". As versões sobre o conceito de Arquivo aparentemente possuem o mesmo sentido: designam desde a antiguidade sofrendo poucas alterações até significar "o local destinado como repositório ou coleção de qualquer espécie de documentos ou outros materiais, como manuscritos, fotos, correspondência etc." (Reis, 2006, p. 21), importantes para instituições civis ou governamentais, ou que têm valor cultural, estratégico, histórico, informativo, entre outros.

O conceito moderno tanto de arquivo bem como de museu como conhecemos hoje começou a se consolidar a partir do Renascimento, quando a valorização do passado e da cultura clássica impulsionou a coleta e sistematização de artefatos e documentos históricos. Dessa forma, conforme Reis (2006), “os arquivos vão adquirir dupla dimensão, onde se por um lado são garantia dos direitos dos cidadãos, por outro conservam e geram a memória do passado da nação e por isso vão ser objeto da investigação histórica” (p. 23).

A Associação de Arquivistas Brasileiros, segundo Martins (1998, p. 4), escreve: “Arquivo é o conjunto de documentos que, independentemente da natureza ou do suporte, são reunidos por acumulação ao longo das atividades de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas”. A partir deste ponto, nota-se que toda organização, pública ou privada, tem em suas instalações um arquivo, local onde se concentram documentos que justificam, provam e confirmam as atividades realizadas nesses estabelecimentos ao decorrer do tempo. De acordo com a legislação brasileira, sob a lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, em seu artigo 2º

Consideram-se arquivos [...] os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.

E gestão de documentos “o conjunto de procedimentos e operações técnicas à sua produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento em fase corrente e intermediária, visando a sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente.” (Art. 3º). A referida Lei:

Envolveu os documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos; os documentos produzidos e recebidos por instituições de caráter público e entidades privadas; os documentos produzidos e recebidos por pessoa física; e também o suporte da informação ou natureza do documento (papel, filme, documento, documento público, documento privado) (Medeiros, 2003, s/p).

A gestão documental, definida legalmente como o “conjunto de procedimentos e operações técnicas relativos à produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento” de documentos (Brasil, Art. 3º), constitui a base material para a construção de memórias institucionais. Essa prática, longe de ser neutra, reflete

disputas políticas e epistemológicas sobre o que deve ser preservado ou descartado. Como ressalta Medeiros (2003, s/p), a legislação arquivística brasileira abrange não apenas documentos públicos, mas também aqueles produzidos por "instituições de caráter público, entidades privadas e pessoas físicas", independentemente de seu suporte revelando seu papel na construção de memórias plurais ou excludentes.

A consideração mais importante, no entanto, da referida lei se encontra no Artigo 4º onde se lê que: "todos têm o direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular ou de interesse coletivo ou geral, contidas em documentos de arquivos". Assim, competem às administrações municipais, estaduais e federais, a gestão e organização desses estabelecimentos para que se tornem espaços de construção e preservação da memória histórica e identidades socioculturais, não sendo somente meros repositórios de documentos.

Bellotto (2014) afirma que esse é o papel crucial desses espaços institucionalizados, uma vez que os arquivos são locais de construção e preservação da memória da coletividade no entendimento da dinâmica que envolve a documentação e a interpretação dos registros o que molda a forma como a própria história é compreendida. Dessa forma, compreendemos ser necessária uma metodologia crítica ao analisar a função dos arquivos a partir do que se propõe em termos historiográficos. A autora, enfatiza a importância de compreender os "arquivos dentro de um contexto social e político, reconhecendo que a forma como os registros são criados, preservados e acessados é influenciada por questões de poder e interesse" (p. 280) que podem refletir e perpetuar relações de poder.

Nesse caminho, compreendendo que a seleção e organização dos documentos são processos carregados de significados e de decisões na gestão dos arquivos, alguns aspectos referentes à função de arquivos em museus, propostos pela autora, merecem destaque: a) preservação e conservação, adotando técnicas específicas para preservar documentos físicos e digitais, protegendo-os de deterioração e garantindo sua longevidade; b) organização e acessibilidade, através da classificação e catalogação de documentos para facilitar a recuperação e uso da informação, o que permite que pesquisadores acessem dados relevantes para suas atividades; c) autenticidade e prova, pois os documentos arquivísticos possuem valor probatório, sendo fundamentais para a comprovação de direitos, obrigações e atividades de uma instituição; d) construção da identidade institucional, uma vez que os arquivos mantêm registros que refletem a trajetória histórica e as transformações

da instituição, contribuindo para a construção e manutenção de sua identidade; e) pesquisa e interpretação, uma importante contribuição dos museus, pois realizam pesquisas sobre seus acervos, produzindo conhecimento e interpretando os objetos em seus contextos históricos e culturais, o que pode contribuir para a compreensão da evolução e impacto da instituição (Belloto, 2014).

2.3. Os museus e suas múltiplas possibilidades na educação profissional e tecnológica

Voltando aos aspectos que se referem aos museus como lugares de memória na acepção desenvolvida por Nora (1993), não podemos definir esses espaços como algo estático que represente uma totalidade histórica ou, muito menos, que tenha a pretensão de ser um retrato fiel da história de um local, de uma comunidade ou de uma instituição. Carvalho e Pereira (2010), afirmam que o museu é um ambiente no qual as percepções sociais são diversas e as funções sociais desse espaço são modificadas ao longo do tempo numa miríade de “gestos preservacionistas, silenciamento, monumentalizações, perspectivas historiográficas” (*Ibidem*, p. 384), bem como podendo ser um local com “intenções educativas, turísticas e celebrativas” o que nos faz acreditar ser capaz de oportunizar percepção “dos múltiplos sentidos dos tempos – e, neles, o que há de história, memória e de esquecimento” (*Ibidem*, p. 384), revelando sua multiplicidade.

A compreensão geral que temos de museu está em os associar a meros locais de exposição que remontam a um passado que não se pode modificar e, dessa forma, há o impedimento em pensar esses espaços como locais de produção do conhecimento. A ação do pesquisador no campo do patrimônio histórico-cultural e/ou no espaço como um museu sob a perspectiva da memória institucional, ou de grupos sociais, para Pacheco (2010, p.4), é de “dupla responsabilidade: explicitar os conflitos e as disputas que se encontram no passado ao mesmo tempo em que se forma uma identidade positiva para a comunidade que o envolve”, eis o desafio a ser superado.

Carvalho e Pereira (2010), trazem uma importante definição que dialoga sobre a ideia de que nesses espaços é possível identificarmos que “há disseminação de uma infinidade de novos signos” em cada ação desenvolvida perante a sujeitos diversos. Estes possuem a capacidade em problematizar seus limites e seus interesses, o que, de acordo os autores, configura “uma relação

fundamentalmente educativa”, pois “há no museu objetos sem-lugar intrínseco que se oferecem ao exercício da imprevisibilidade, da prática do conflito, das mudanças e da experiência de devastação e de limite” (*ibidem*, p. 392), e assim compreendem o museu como instituição-prisma.

Ulpiano Meneses realiza uma importante indagação sobre essa concepção de museu: “que possibilidade pode haver de participação do museu histórico na produção do conhecimento histórico?” Assim busca responder o autor

Estamos imersos num oceano de coisas materiais, indispensáveis para a nossa sobrevivência biológica, psíquica e social. A chamada "cultura material" participa decisivamente na produção e reprodução social. No entanto, disso temos consciência superficial e descontínua. Os artefatos, por exemplo, são não apenas produtos, mas vetores de relações sociais. Que percepção temos desses mecanismos? Não se trata, apenas, portanto, de identificar quadros materiais de vida, listando de objetos móveis, passando por estruturas, espaços e configurações naturais, até obras de arte'. Trata-se, isto sim, de entender o fenômeno complexo da apropriação social de segmentos da natureza física (Meneses, 1983).

A provocação de Ulpiano Meneses (1983) sobre o papel dos museus históricos na produção do conhecimento vai além de uma questão metodológica. Sua reflexão desloca o museu de seu lugar tradicional como repositório de objetos para entendê-lo como arena de significados, onde a cultura material se revela como "não apenas produtos, mas vetores de relações sociais". Ao criticar a "consciência superficial" que temos sobre a cultura material, o autor nos convida a ver os artefatos não como meros vestígios do passado, mas como *atores* que nos podem dar a medida das relações sociais e pedagógicas. Na EPT, isso significaria tratar um torno mecânico ou um plano de aula não como "ilustrações" de uma época, mas como sintomas de projetos políticos em conflito: qual formação técnica se valorizava? Quais saberes eram marginalizados nesse processo? Essa abordagem transforma o museu em um laboratório de história crítica, ou seja, é preciso entendermos "o fenômeno complexo da apropriação social" materializado nos objetos demonstrando como certas tecnologias naturalizaram divisões de classe até expor os silêncios da documentação oficial sobre práticas pedagógicas dissidentes.

Neste caminho compreendemos que o museu somente se interessa pelos objetos materiais por causa do sentido histórico e social que os compõem. O museu

oferece condições excepcionais de análise e entendimento que nenhum outro lugar na sociedade pode oferecer. Atualmente, o museu é um recurso estratégico que permite que essa consciência seja expandida e aprofundada. Nos museus, nos defrontamos com objetos enquanto objetos, conscientes de suas várias significações e usos. Por outro lado, a função documental do museu - realizada por meio de um acervo e bancos de dados - garante não apenas a democratização do conhecimento e da experiência humanas, mas também a possibilidade de transformação inteligível.

O museu é o espaço onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha. As mudanças que constituem os indivíduos e os grupos sociais ao longo do tempo, compreende-se esses espaços “como lugar de transfigurações”, assim sendo, “ele não poderá comportar sentidos unívocos, nem mesmo para aqueles objetos de sedutora estabilidade”. Entendemos o museu “como lugar de ultrapassagens, em que emergem relações dinâmicas e intrincadas entre os sujeitos na experiência de aprender e sentir os enovelamentos dos tempos” (Carvalho e Pereira, 2010, p. 395), tendo em vista a sua concepção como um lugar de memória associado a uma transitoriedade.

No âmbito da Educação Profissional e Tecnológica o Museu Moacir Andrade pode se tornar um espaço significativo para a integração de várias áreas do conhecimento, sobretudo, porque este espaço pode oferecer e potencializar nos estudantes uma visão mais contextualizada das transformações não somente ocorridas na Instituição bem como verificar as mudanças da própria região em que está inserida, uma vez que a instituição escolar pode ser compreendida pelos papéis que ela cumpre na vida social e acreditamos na convicção de que a educação dos indivíduos deve cumprir a integração do conhecimento geral das ciências e as particularidades das práticas no intuito de desenvolvimento da criticidade dos indivíduos, pois na construção de novos conhecimentos exige-se que os fundamentos científicos sejam sistematizados e apreendidos em suas raízes epistemológicas (Ramos, 2005), portanto torna-se necessário,

O desenvolvimento consensual de um projeto de resgate da escola como lugar de memória, das lembranças de seus personagens e momentos mais expressivos. Documentos dispersos, preservados na história particular de muitos, fotografias, livros, papéis e objetos guardados com zelo e nostalgia podem alimentar a perspectiva de uma escola de uma formação integrada e mais completa para os

jovens, com reconhecimento e orgulho de si mesmos como mestres (Ciavatta, p. 101).

Dessa forma, nos cabe, no estudo das instituições escolares, explicitar as múltiplas relações com o contexto político, social, econômico e cultural no qual está inserida. Analisar o objeto singular em sua profundidade pode nos levar à uma compreensão do quadro mais geral.

As instituições são compreendidas como o “conjunto das experiências que formam e conformam a identidade política e social dos indivíduos” (Thiesen, 2013), sendo espaços que fazem parte do processo de formação e aprendizagem contínuas. A autora define que “as instituições são tomadas como formas fundamentais de saber-poder”, nesse sentido, estas possuem o caráter simétrico de “lembrar e esquecer”. A memória, nesse caso, seria um alvo político que se depreende a partir de “determinados discursos e está aliada aos critérios de verdade vigentes na sociedade” (p. 6), sendo necessário descrever o processo de “racionalização” de reter e esquecer determinados elementos presente nas instituições e como essa forma política opera “no comportamento dos indivíduos” bem como “nas instituições que formam a sociedade”, abordando elementos centrais na composição do conceito de memória institucional.

A partir dessa concepção de memória institucional enquanto constructo político e seletivo, sustentado por lógicas de saber-poder e práticas de lembrança e esquecimento (Thiesen, 2013), torna-se pertinente deslocar o olhar para os artefatos que carregam essas marcas da institucionalidade: os registros visuais. Nesse sentido, as fotografias produzidas e preservadas pela antiga Escola Técnica Federal do Amazonas se tornam documentos privilegiados para a análise das materialidades da memória institucional, posto que sejam mais do que meras representações, tais imagens configuram-se como formas de inscrição e naturalização de discursos sobre o trabalho, a educação e a identidade amazônica, permitindo entrever os modos como a instituição selecionou, preservou e projetou certos aspectos de sua própria trajetória.

A partir das reflexões teóricas sobre a constituição da história e da memória como campos investigativos, bem como da discussão sobre os arquivos e museus como lugares de memória nas instituições escolares, torna-se necessário explicitar os caminhos metodológicos percorridos ao longo desta pesquisa. Compreender os

modos como a memória institucional é produzida e resguardada no contexto da Educação Profissional e Tecnológica exige uma abordagem que articule análise documental, observação direta de espaços como museu e escuta sensível de sujeitos que experienciam cotidianamente esses ambientes.

Assim, o capítulo seguinte apresenta a metodologia adotada para a realização deste estudo, detalhando seus objetivos, instrumentos, estratégias de análise e as escolhas que orientaram a construção dos dados, com ênfase na escuta dos professores e servidores do IFAM/CMC e na observação sistemática do Museu Moacir Andrade como espaço pedagógico e de preservação da memória institucional. Nessa relação entre memória e história, analisando casos como o de arquivos e acervos de museus, há uma gama de interpretações oriundas dos variados atores sociais e históricos que perfizeram os caminhos e participaram ativamente das transformações ocorridas nas instituições escolares, desenvolveremos uma leitura sobre esses indivíduos utilizando dos mecanismos e ferramentas da abordagem proposta pela metodologia da História Oral que nos permitirá elaborar um panorama geral do quadro de mudanças, rupturas e permanências neste espaço institucional de educação.

CAPÍTULO 3

OS CAMINHOS DA PESQUISA OU A BUSCA POR UM PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A compreensão das dinâmicas de preservação da memória institucional no contexto da Educação Profissional e Tecnológica demandou uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, centrada na escuta de sujeitos e na análise de documentos e registros visuais. Nesse sentido, apresentamos os fundamentos metodológicos que sustentaram esta investigação, detalhando seus objetivos, estratégias de coleta e análise dos dados.

3.1. Da técnica e do tipo de pesquisa à escolha do local

Nesta pesquisa optamos por dois percursos metodológicos para a obtenção/coleta e análise de dados. Inicialmente, realizamos o levantamento documental que é um instrumento eficaz para acessarmos e interpretarmos registros e documentos que permitem uma análise contextualizada da Instituição. Em um outro momento, utilizamos como instrumento de coleta de dados a partir de entrevistas semiestruturadas.

A técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), foi adotada como procedimento principal para a sistematização e categorização das entrevistas com professores e servidores do IFAM/CMC, permitindo identificar núcleos de sentido, categorias temáticas e unidades de registro que revelam percepções, memórias e interpretações sobre a história da instituição e do Museu Moacir Andrade. Com isso, foi possível articular empiricamente os discursos dos sujeitos com os referenciais teóricos e o material documental e imagético levantado ao longo da pesquisa.

De acordo com Marconi e Lakatos (1985, p. 107) “as instituições e os costumes têm origem no passado”, portanto, nos cabe o importante papel de “pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função”. Indo um pouco mais além, podemos inferir que o método histórico nos permite, a partir das investigações sobre processos, acontecimentos e instituições, verificar a influências dessas mudanças e permanências na sociedade atual. De acordo com as autoras, “colocando-se os fenômenos, como, por exemplo, as instituições, no ambiente social

em que nasceram [...] torna-se mais fácil a análise e compreensão” do seu desenvolvimento e de suas sucessivas alterações.

Nóvoa (1993, p. 17), admite que a investigação pressupõe o “emprego de necessário ecletismo metodológico e de uma reinvenção das fontes”, onde estariam alicerçados três eixos fundamentais para a pesquisa sobre a história das instituições escolares: espaço, tempo e a ação. Citando Bourdieu (1993), o autor reflete sobre o debate convergente entre o campo da História e da Sociologia para se compreender a História da Educação. Nesse sentido, os caminhos percorridos durante o processo de investigação no nosso objeto foram se alterando na tentativa de construir uma abordagem significativa na reconstrução do passado dessa Instituição em relação à sociedade na qual aquela está inserida.

Localizado no interior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Campus Manaus Centro, o Museu Histórico Moacir Andrade tem seu acesso pela lateral esquerda do edifício central pela Avenida Visconde de Porto Alegre, 1975, bairro Praça 14 de janeiro, ao lado da portaria. Construído como uma Sala Memória, o Museu possui dimensões que estão aquém para a uma real organização e preservação dos objetos que lá estão alocados, pois originalmente o prédio não fora concebido para esta finalidade e sim para servir como residência dos diretores gerais da Instituição e, assim, o que percebemos hoje é que não houve uma reestruturação no local que atendesse às características de um museu.



Figura 1: Museu Moacir Andrade. Fonte: Autor, 2024.

Podemos verificar que muitos objetos estão mal alocados “disputando” espaço com outros apetrechos como caixas de materiais de limpeza, por exemplo, o que afeta sobremaneira a organização do espaço. No térreo contém uma pequena saleta de entrada, uma sala maior à direita da porta de acesso, um banheiro e duas salas menores com uma quantidade de objetos que impedem uma boa circulação pelo local. Neste pavimento estão disponíveis para apreciação dos discentes e dos visitantes da Instituição documentos manuais e impressos, inventários e dezenas de álbuns de fotografias, entre outros utensílios e maquinários diversos relativos à Escola de Aprendizes Artífices (1909-1937), Liceu Industrial (1937-1942), Escola Técnica de Manaus (1942-1965), Escola Técnica Federal do Amazonas (1965-2000), e ao Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas (2001-2008). Para tanto, afim de se ter uma noção do espaço de preservação da memória institucional pesquisado, optamos por utilizar como referência algumas imagens produzidas a partir de fotografias captadas de alguns espaços do Museu Moacir Andrade.



Figura 2: Mesas com tampos de vidro onde estão armazenadas ferramentas das oficinas industriais da EAA e Lyceu Industrial (1909-1942). Foto: Autor, 2024.



Figura 3: Ferramentas e utensílios – Liceu Industrial (1942). Foto: Autor, 2024.



Figura 4: Primeira estrutura de funcionamento da Escola de Aprendizes Artífices – 1910. Foto exposta nos painéis da sala principal do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.



Figura 5: Fachada da Escola de Aprendizes Artífices no ano de 1916. Foto exposta nos painéis da sala principal do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

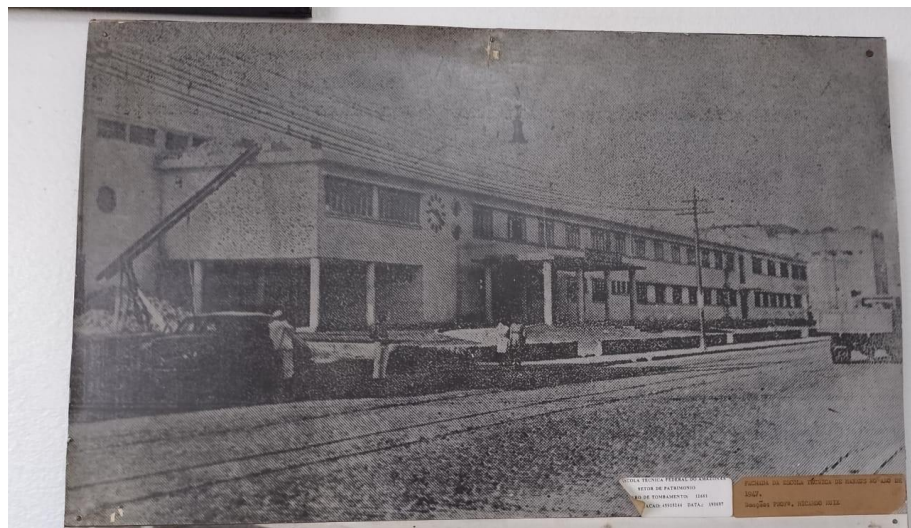


Figura 6: Fachada da Escola Técnica de Manaus (1947). Foto em painéis expositivos na sala principal do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

Já no primeiro andar, onde podemos identificar a estrutura de quartos e escritórios de uma casa antiga, modelo característico da primeira metade do século XX, estão dispostos de maneira muito mais organizada objetos diversos e obras artísticas do artista Moacir Andrade. Essa organização pode ser compreendida em função dos espaços neste andar serem mais amplos. Neste andar há disponíveis um

conjunto de obras artísticas - pinturas, desenhos, poemas, livros –, certificados, diplomas, honrarias doadas pelo próprio artista Moacir Andrade durante a segunda metade da década de 1990 com o objetivo de resguardar e incentivar a preservação de parte de suas obras na Instituição onde foi aluno durante os anos 1940 e professor em meados dos anos 1970.

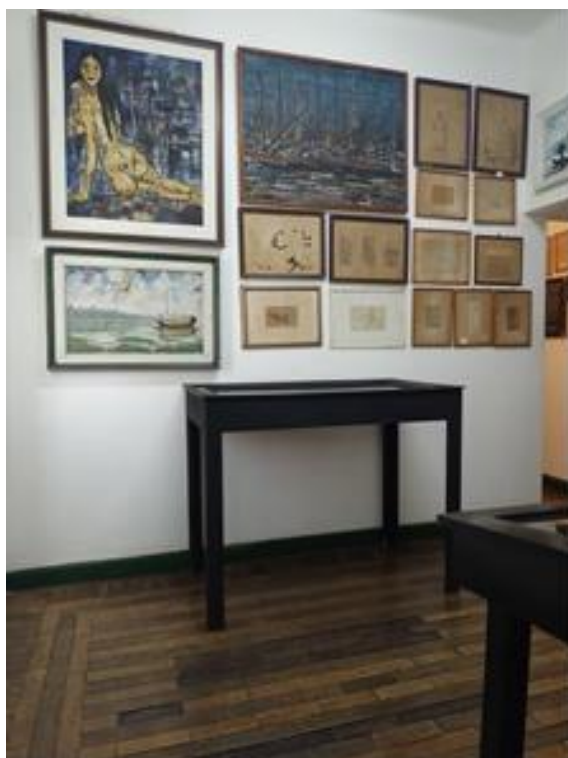


Figura 7: Em uma das salas do primeiro andar do Museu estão expostas algumas obras e rascunhos/esboços de desenhos do artista Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

A natureza dessa pesquisa constituiu-se a partir de uma abordagem qualitativa. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa, neste tipo de abordagem, tem o ambiente como fonte direta dos dados e o objeto de estudo em questão necessita de um trabalho mais intensivo de campo, compreendendo como metas de investigação “o entendimento, a descrição, a descoberta, a generalização e a hipótese” (p. 70). Os autores consideram “que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (*Ibidem*, p. 70). Na pesquisa qualitativa, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas, uma vez que não há necessidade de utilização de técnicas estatísticas, já que o ambiente natural é considerado a fonte direta para a extração das informações.

Do mesmo modo, Dourado e Ribeiro (2023), apontam que, em diferentes momentos da pesquisa qualitativa, incluímos a “subjetividade do pesquisador” e que, neste tipo de pesquisa, “a preocupação não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão da situação de pesquisa escolhida” (*Ibidem*, p. 16), portanto os dados estatísticos não compreendem o foco do processo de análise de nossa problemática.

Do ponto de vista dos objetivos utilizamos a ideia da pesquisa exploratória. Para Gil (2016), “as pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema” com intuito de construção de hipóteses. Nesse sentido, as pesquisas exploratórias buscam estabelecer informações preliminares sobre um dado assunto estudado. Prodanov e Freitas (2013), afirmam que esse tipo de pesquisa proporciona um plano de estudos flexível e o tema que trabalhamos pôde ser abordado por diferentes perspectivas, o que envolveu inicialmente o levantamento documental, bem como as entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o objeto pesquisado.

3.2. Obtenção dos dados e sujeitos participantes. Os riscos possíveis, as estratégias e os benefícios da pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa inicialmente focamos nos livros de registros identificando quais são os bens inventariados e se ainda estão no local, uma vez que nas observações iniciais, ainda na fase elaboração do projeto de pesquisa, verificamos que nem todos os bens registrados se encontravam naquele espaço⁴. E, dentre a gama de objetos alocados naquele espaço, escolhemos como foco de análise parte do acervo fotográfico que está exposto nos painéis e nas paredes das salas, “galerias”, de visitação do Museu, posto que por conter boa parte da documentação histórica ali existente, foi possível verificarmos as transformações ocorridas nessa Instituição no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica. Ao reconhecer que as fotografias não são meras reproduções da realidade, mas representações carregadas de intencionalidades, marcas temporais e relações sociais, elas puderam ampliar o nosso escopo da análise da memória institucional e das práticas educativas.

⁴ Essa informação foi constatada durante a elaboração do projeto de pesquisa sob anuência do responsável pelo local o que nos direcionou a novos rumos de investigação.

Esse reconhecimento abriu espaço para a inclusão das imagens, em especial a fotografia, no corpo das investigações históricas, não mais como acessórios, mas como documentos plenos, capazes de revelar dimensões ocultas da vida social. A fotografia, portanto, deixa de ser um adorno visual para se constituir em linguagem e método, abrindo novas possibilidades para o entendimento da formação profissional no Brasil, sobretudo quando analisada a partir dos múltiplos contextos sociais que a envolvem, nesse sentido, essa abordagem contribui para o entendimento de que o acervo disponível no Museu Moacir Andrade como fontes legítimas para investigar a história da Educação Profissional e Tecnológica no Amazonas (Ver apêndice E).

Em relação às fontes orais, coletamos depoimentos a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com professores do IFAM/CMC, sobretudo, da área de História, e funcionários da Instituição. Infelizmente, o responsável pelo espaço investigado não nos concedeu entrevista de maneira formal. O que captamos de suas informações se deu a partir de conversas informais durante as visitas ao Museu, porém, por uma questão ética não utilizamos essas conversas como ferramentas de coletas de dados. No geral, utilizamos esses registros apenas para confirmação de alguns dados que durante as observações não conseguíamos compreender e a ajuda do funcionário responsável pelo local foi muito bem-vinda.

Esse instrumento de coleta de dados nos auxiliou no processo da pesquisa visto que, como afirma Fontana e Rosa (2023), “como técnica de construção de dados, a entrevista é vista como o instrumento mais usual em pesquisas na área da Educação” (p. 185), uma vez que, estando o pesquisador/entrevistador mais perto do problema investigado, isso lhe permite conhecer melhor o objeto de sua pesquisa. Assim, para a obtenção desses registros orais utilizamos o caminho metodológico proposto pelos autores que requiriu a tomada de determinadas medidas, tais como: a) planejamento; b) conhecimento prévio do público entrevistado; c) oportunidade para a realização da entrevista; d) condições favoráveis para a execução do trabalho; e) conhecimentos preliminares do campo no qual a entrevista foi conduzida; f) preparação específica para cada entrevista, tendo em vista que cada uma delas possuía particularidades e exigências delimitadas; g) autorização do comitê de ética e termos de consentimento assinado pelos colaboradores.

Inicialmente nos concentramos no público efetivo do quadro de profissionais da instituição ligados diretamente ao Museu, sendo eles: o diretor geral, o funcionário realocado para a salvaguarda dos bens inventariados e professores(as) do componente curricular de História do Ensino Médio Integrado do IFAM - CMC. Em um contato prévio estabelecemos a quantidade de seis (06) indivíduos. No entanto, com o decorrer da investigação, alteramos os sujeitos participantes, mas o que não desviou dos objetivos propostos antecipadamente. As mudanças decorreram, sobretudo, da falta de tempo e disposição de algumas pessoas selecionadas, do desencontro de informações a respeito do que se tratava a proposta da pesquisa, por receio de ter seus nomes e respostas associadas a uma pesquisa que se tornaria pública, entre outros aspectos. Sendo assim, buscamos ao longo do processo de investigação novas alternativas e pudemos contar com a contribuição de outros participantes. Assim, entrevistamos dois (02) professores de História e dois (02) servidores administrativos do IFAM/CMC.

Para ciência dos envolvidos, elaboramos os documentos necessários como termos de consentimento e justificativa da participação apontando os riscos, as estratégias minimizadoras e os benefícios advindos dessa pesquisa. Descrevemos esses requisitos para todos os participantes, conforme os parágrafos abaixo.

Neste ponto optamos por expor alguns riscos que a pesquisa envolvendo seres humanos podem acarretar conforme a Resolução do CNS N° 466, de 12 de dezembro de 2012, mesmo sendo possibilidades ainda que remotas, quais sejam eles: - Invasão de privacidade; - Responder a questões sensíveis; - Revitimizar e perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados; - Discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; - Divulgação de dados confidenciais, registrados no TCLE; - Tomar o tempo do participante ao responder ao questionário/entrevista; - Riscos relacionados à divulgação de imagem, quando houver filmagens ou registros fotográficos.

Com a possibilidade de riscos advindos da coleta de dados com os participantes da pesquisa, elencamos, então, algumas estratégias para minorá-los, tais como: a) garantir o sigilo em relação as suas respostas, as quais serão tidas como confidenciais e utilizadas apenas para fins científicos; b) garantir que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes; c) assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em

prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro; d) esclarecer e informar a respeito do anonimato e da possibilidade de interromper o processo quando desejar, sem danos e prejuízos à pesquisa e a si próprio; e) garantir o acesso em um ambiente que proporcione privacidade durante a coleta de dados, uma abordagem humanizada, optando-se pela escuta atenta e pelo acolhimento do participante, obtenção de informações, apenas no que diz respeito àquelas necessárias para a pesquisa; f) garantir explicações necessárias para responder as questões; g) garantir local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras; h) garantir a retirada do seu consentimento prévio, ou simplesmente interrupção do autopreenchimento das respostas e não enviar o formulário, caso desista de participar da pesquisa; i) garantir ao participante a liberdade de se recusar a ingressar e participar do estudo, sem penalização alguma por parte dos pesquisadores; j) orientar aos participantes que a concordância ou não em participar da pesquisa em nada irá alterar sua condição e relação civil e social com a equipe de pesquisa e a Instituição de origem; k) garantir o zelo pelo sigilo dos dados fornecidos e pela guarda adequada das informações coletadas, assumindo também o compromisso de não publicar o nome dos participantes (nem mesmo as iniciais) ou qualquer outra forma que permita a identificação individual; l) garantir que não haverá interferência dos pesquisadores nos procedimentos habituais do local de estudo ou na vida do participante; m) deve-se garantir ao participante de pesquisa o direito de acesso ao teor do conteúdo do instrumento (tópicos que serão abordados) antes de responder as perguntas, para uma tomada de decisão informada; n) garantir ao participante de pesquisa que somente após ter dado o seu consentimento o questionário será aplicado.

Informamos aos sujeitos participantes, como forma de benefícios de suas participações na pesquisa, as seguintes intenções: o nosso interesse em pesquisar sobre o Museu Moacir Andrade dando destaque aos bens inventariados sobre a Escola Técnica Federal do Amazonas, CEFET-AM e IFAM/CMC nasceu da necessidade de identificar e expor para a comunidade escolar o processo histórico e de transformações dessa unidade de ensino. A escassez de informações sobre o Museu como espaço de preservação da memória institucional despertou nosso interesse em investigar mais profundamente esse ambiente. Assim, buscamos analisar os objetos do Museu como fontes que possibilitem uma compreensão mais ampla da trajetória histórica da instituição. Acreditamos que esta pesquisa poderá

contribuir para a compreensão da história dessa instituição uma vez que os bens inventariados e os objetos catalogados no Museu são dotados como fontes históricas que traduzem uma determinada época. Consideramos que essa pesquisa poderá contribuir para futuras atividades desenvolvidas na linha de Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos da Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional.

3.3. A busca pelas fontes e os procedimentos de análise dos dados coletados

Sendo a pesquisa documental uma importante ferramenta de inquirição científica que se instala no campo dos estudos qualitativos e que contribui para a compreensão de um fenômeno em seu ambiente natural, utilizamos como método de exame dos dados a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), na qual se tornam necessárias três etapas ligadas ao desenvolvimento de uma pesquisa: (a) a pré-análise, onde se busca organizar o *corpus* de análise, que incide na eleição/escolha dos documentos; (b) a organização do material, no qual a tarefa principal é organizar o *corpus* de análise considerando uma leitura atenta para a interpretação dos dados, e; (c) a análise dos dados coletados, em que se empreende a análise dos documentos. Nessa etapa “ocorre a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica” (Kripka, Scheller, Bonotto, 2015, p. 69 *apud* Fontana, Pereira, 2023, p. 51).

Para a análise dos registros orais seguimos o seguinte caminho metodológico proposto por Freitas (2006): a) planejamento; b) conhecimento prévio do público que foi entrevistado; c) oportunidade para a realização da entrevista; d) condições favoráveis para a execução do trabalho; e) conhecimentos preliminares do campo no qual a entrevista foi executada; f) preparação específica para cada entrevista, tendo em vista que cada uma delas possuía particularidades e exigências delimitadas e isso foi considerado no momento da preparação; g) autorização de comitês de ética, conforme a necessidade da nossa pesquisa.

Foi imprescindível para a exequibilidade da entrevista um contato amistoso com os colaboradores, a construção de perguntas adequadas ao perfil dos entrevistados, o registro sistemático das respostas, nos valendo do uso de

gravadores; saber e ter a noção de quando a entrevista deveria ser encerrada (em nenhuma delas ultrapassamos 60 minutos); e a coleta das assinaturas nos termos e declarações para viabilizar a divulgação das informações prestadas.

A primeira parte da pesquisa foi a realização de levantamento documental do acervo do Museu Moacir Andrade. De acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), essa técnica se revela essencial para compreender a realidade investigada a partir de uma perspectiva que valoriza as fontes documentais como testemunhos de práticas sociais e culturais. Do mesmo modo, Gil (2008), afirma que o levantamento documental é o procedimento que envolve a coleta, análise e interpretação de documentos que não foram originalmente produzidos para fins de pesquisa.

Dentre os documentos existentes no acervo do Museu, encontramos uma vasta gama de materiais, como certificados de conclusão de cursos de ex-alunos, certificados de participação em eventos externos dos diretores e professores da Instituição, relatórios técnicos de variadas épocas da Instituição, atas e registros institucionais, correspondências, selos, moedas brasileiras e estrangeiras, instrumentos/maquinários de oficinas técnicas de diversos cursos, um conjunto de álbuns de fotografias, bem como os painéis de exposição com fotos de variados eventos ocorridos dentro e fora da Instituição, além de uma vasta documentação impressa que, infelizmente, não possui catalogação o que inviabilizou o nosso acesso.

Essas observações iniciais se deram ainda no processo de visitas realizadas ao Museu no período de desenvolvimento do projeto de pesquisa. Por se tratar de um espaço no qual as condições de alocação desses documentos não são totalmente adequadas, fez-se necessário elencar critérios de inclusão e exclusão de quais objetos mereceriam a nossa atenção. O que fazer com essa quantidade de itens? A partir dessa gama de informações como identificar e definir quais objetos deveriam receber uma análise mais aprofundada para o desenvolvimento da pesquisa? Essas dúvidas pairaram por um bom tempo nas discussões propostas durante o andamento do curso. Assim, nos primeiros meses de realização da pesquisa fizemos uma busca a partir de livros de registros de itens adquiridos e/ou doados ao Museu. Tivemos acesso a dois desses livros, porém o único que utilizamos, dada as boas condições de leitura e dados cadastrados, tratam dos itens doados entre os anos de 1997 e 2008. Antes e depois dessas datas não há menção na documentação disponível no local. De todo modo esse registro serviu para nos

guiar na escolha dos itens que seriam analisados. Assim, a definição do material a ser analisado para compor a investigação do acervo do Museu foram os álbuns de fotografias disponibilizados no local.

A análise de parte do acervo fotográfico, conforme discutido por Ciavatta (2007), permite inferir aspectos relevantes das transformações históricas vivenciadas por uma instituição de ensino profissional e tecnológico. As fotografias, segundo a autora, não apenas capturam aparências, mas também evocam sentidos mais profundos, pois representam aquilo que Kossoy (2007, p. 133 *apud* Ciavatta, 2023, p. 22) define como “primeira realidade: o objeto real; segunda realidade: a essência”. Em outras palavras, a imagem fotográfica contém, em sua superfície visível, um universo de conhecimentos e representações que, embora aparentes, ocultam múltiplos processos sociais e mediações constituintes do objeto representado. Esses processos abrangem dimensões: culturais, técnicas, científicas, econômicas e políticas, e dão sentido ao objeto em sua totalidade. Compreender a fotografia como fonte de pesquisa, portanto, exige ir além da descrição formal ou contextual: pressupõe o esforço analítico de explicitar a história que cada imagem carrega, revelando o que está oculto na aparência da representação fotográfica.

Quando analisamos as trajetórias de instituições escolares, por exemplo, a abordagem geralmente está centrada na investigação a partir de documentos escritos, atas de reuniões, livros de conselhos e atividades pedagógicas, entre outras fontes consideradas formais. Com o advento da atenção à cultura escolar o horizonte de possibilidades de investigação sobre as instituições de ensino se ampliou enormemente e, nesse caminho, percebemos a importância da utilização de ferramentas metodológicas como as entrevistas semiestruturadas. No nosso caso, os depoimentos coletados a partir destas entrevistas puderam produzir análises diversas sobre as transformações que moldaram essa instituição de educação ao longo do tempo. Ao analisar esses testemunhos foi necessária uma abordagem crítica que reconhecesse tanto as semelhanças quanto as diferenças entre as narrativas individuais. Tivemos em conta, na relação entre memória e história, que as lembranças são construções dinâmicas o que implicou uma investigação cuidadosa das lacunas, silêncios e contradições dentro dos testemunhos orais. Para Freitas (2006) a interação entre entrevistador e entrevistado não apenas coleta informações, mas também promove um processo de reflexão e reconstrução da memória individual e coletiva.

Para Freitas (2006), a entrevista, assim, é vista como uma interação dialógica entre o entrevistador e o entrevistado, onde a memória é construída mutuamente e o pesquisador, portanto, não é apenas um coletor de dados, mas também um facilitador que ajuda o entrevistado a organizar e articular suas lembranças. De acordo com a autora, a relação da história oral com as instituições de consulta e documentos é “bidirecional”, ou seja, “enquanto se obtém das fontes já existentes material para a pesquisa e a realização de entrevistas, estas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo [...] aqueles aos quais se recorreu de início” (p. 88).

Acreditamos que essa ferramenta metodológica foi particularmente valiosa para a nossa pesquisa, pois possibilitou compreender determinadas dinâmicas sociais e históricas. Nesse sentido, para compor o aprofundamento do objeto investigado a partir dos depoimentos coletados, optamos pelo tipo de entrevista semiestruturada, na qual estabelecemos preliminarmente os eixos norteadores que compuseram o quadro geral das perguntas elaboradas.

Definimos que os colaboradores desta pesquisa deveriam ser oriundos de ao menos dois setores laborais distintos para que obtivéssemos uma diversidade nas respostas coletadas. Durante o desenvolvimento da pesquisa buscamos contatos com alguns indivíduos que, inicialmente toparam em participar da pesquisa e logo depois recebemos as negativas. Com aqueles que colaboraram a maior dificuldade foi encontrar horários disponíveis, pois devido a uma greve no meio do processo, os colaboradores não responderam as nossas indagações e tentativas de contato, fosse por *e-mail* ou via aplicativo de mensagens instantâneas. No entanto, as entrevistas realizadas transcorreram de forma positiva com boa colaboração dos entrevistados nas respostas às questões norteadoras propostas.

Os entrevistados foram caracterizados da seguinte forma:

- Professor 1: História, atua na Instituição desde 2009, 54 anos.
- Professor 2: Sociologia, atua desde 2012, 47 anos.
- Servidora 1: Atua desde 2019, formada em Administração, 30 anos.
- Servidor 2: Atua desde 2023, estudante de História, 24 anos.

As entrevistas foram realizadas com quatro colaboradores: dois professores da área de história do IFAM/CMC e dois servidores técnico-administrativos. A escolha desses sujeitos deve-se à sua relação direta com o cotidiano institucional e com o Museu Moacir Andrade, compreendido aqui como um espaço de memória e

formação cidadã. Consideramos que essas vozes representam segmentos fundamentais para compreensão da dinâmica educativa e da preservação da memória institucional.

Os procedimentos Metodológicos, seguindo Bardin (2016), foram realizadas as seguintes etapas: 1) Leitura flutuante das transcrições; 2) Definição das categorias de forma emergente; 3) Codificação e classificação dos dados.

As categorias emergentes definidas foram: a) História como instrumento de conscientização; b) diálogo entre passado e presente; c) formação cidadã e profissional; d) aplicabilidade prática da história; e) divergência entre teoria e prática; f) polarização ideológica na EPT; g) formação integral x técnica; h) desconhecimento das bases da EPT pela comunidade escolar; i) comparativo com outros modelos (ex: SENAI); j) reconhecimento da riqueza histórica da instituição; k) iniciativas existentes, mas insuficientes; l) necessidade de sistematização e inovação; m) memória como elemento identitário e pedagógico.

No tocante às Unidades de registro/contexto (codificação), foram elencadas as seguintes: a) Tentando trabalhar e acordar os alunos para essa realidade b) Fazendo um paralelo do passado com o presente c) Era necessário que eles conhecessem os problemas econômicos do país no passado e) Para que eles viessem a enfrentar no seu futuro talvez os mesmos problemas econômicos nacionais f) Eles poderiam reproduzir o mesmo modelo no futuro g) Prepará-los para essas possibilidades futuras h) A história... prima por prepará-los para que eles possam enfrentar esse futuro i) A maioria daqueles que estão na sala de aula... não estarão mais nas suas áreas j) Existe no papel, mas não é passada na prática k) Parte deve ser aplicada, outra desprezada l) Bases pregam ambos: cidadania e emprego m) Alunos não sabem o que é EPT n) Alguns dizem que o Senai é mais produtivo o) A instituição tem uma história rica e uma trajetória de grande relevância no contexto da educação profissional e tecnológica na região p) A memória institucional muitas vezes parece dispersa ou pouco acessível q) Existem iniciativas de preservação, como eventos comemorativos e manutenção de arquivos r) Sinto falta de um repertório ou sistema mais claro para registrar e compartilhar experiências s) A preservação não é apenas lembrar, mas garantir que boas práticas sejam mantidas e replicadas.

Como se pode observar optamos nesta seção por demonstrar as categorias e unidades de registro compatíveis com as respectivas falas dos colaboradores

desta pesquisa. Dessa forma, unificamos as mesmas e organizamos conforme o quadro abaixo:

Categoria de análise	Unidade de registro/contexto
a) História como Instrumento de Conscientização	“Tentando trabalhar e acordar os alunos para essa realidade”
b) Diálogo entre Passado e Presente	“Fazendo um paralelo do passado com o presente”
c) Formação Cidadã e Profissional	“Se o Brasil ainda teria condições de cair no processo de hiperinflação”
d) Aplicabilidade Prática da História	“Era necessário que eles conhecessem os problemas econômicos do país no passado” / “Para que eles viessem a enfrentar no seu futuro talvez os mesmos problemas econômicos nacionais”
e) Divergência entre teoria e prática	“Existe no papel, mas não é passada na prática”
f) Polarização ideológica na EPT	“Eles poderiam reproduzir o mesmo modelo no futuro” / “O que é ensinado aqui às vezes parece ir contra o que os próprios alunos acreditam”
g) Formação integral vs. Técnica	“A maioria daqueles que estão na sala de aula... não estarão mais nas suas áreas” / “Bases pregam ambos: cidadania e emprego” / “Sinto falta de um repertório ou sistema mais claro para registrar e compartilhar experiências”
h) Desconhecimento das bases pela comunidade escolar	“Alunos não sabem o que é EPT” / “Parte deve ser aplicada, parte deve ser desprezada”
i) Comparação com outros modelos (Senai)	“A maioria daqueles que estão na sala de aula... não estarão mais nas suas áreas” / “Alguns dizem que o Senai é mais produtivo”
j) Reconhecimento da riqueza histórica da instituição	“A Instituição tem uma história rica e uma trajetória de grande relevância no contexto da educação profissional e tecnológica da região.”
k) Memória como elemento identitário e pedagógico	“A preservação não é apenas lembrar, mas garantir que boas práticas sejam mantidas e replicadas”
l) Desafios na preservação e transmissão da memória institucional	“A memória institucional muitas vezes parece dispersa ou pouco acessível” / “falta um espaço que conte a história da escola de forma organizada” / “a história da escola podia ser mais trabalhada com os alunos”
m) Iniciativas existentes, mas insuficientes para tal missão / Necessidade de sistematização e inovação na preservação	“Existem até iniciativas de preservação, como eventos comemorativos e manutenção de arquivos” / “Fazem exposições, mas geralmente são pontuais, ligadas a alguma comemoração” / “Tem gente que guarda as coisas, mas é muito isolado, não é um projeto da escola”

Quadro 1: Categorias de análise e unidades de registro e contexto das entrevistas realizadas. Autor, 2025.

As unidades de registro foram destacadas a partir de trechos relevantes das entrevistas, exemplificando as percepções dos entrevistados sobre os temas abordados. A apresentação e discussão das Categorias de Análise foram divididas em três eixos principais: a) Eixo 1: Percepções sobre o uso pedagógico do museu; b) Eixo 2: Percepções sobre a função do Instituto Federal de Educação sob as Bases da EPT; c) Eixo 3: Desafios e possibilidades da EPT no IFAM/CMC.

CAPÍTULO 4

MUSEU MOACIR ANDRADE, UM NOVO OLHAR COMO FERRAMENTA E ESPAÇO EDUCATIVO NA EPT

Este capítulo possui como objetivo apresentar as análises desenvolvidas a partir dos dados coletados durante esta pesquisa. Partimos dos fundamentos

apresentados por Laurence Bardin, o método da Análise de Conteúdo, para compreensão dos relatos obtidos dos colaboradores bem como da investigação nos documentos selecionados no Museu Moacir Andrade.

4.1. Museu do CEFET/AM, o Museu Moacir Andrade

O Museu Histórico Moacir Andrade está localizado no interior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Campus Manaus Centro (como apresentado na Imagem 1). Situado na lateral esquerda do edifício central entre o acesso pela Avenida Visconde de Porto Alegre, 1975, bairro Praça 14 de janeiro, e o Refeitório Jamil Assem. Por não possuir uma identificação precisa, uma placa em destaque, por exemplo, verificamos através de conversas informais com colegas de outros cursos de pós-graduação, alunos e alunas da Instituição e até mesmo funcionários que há um desconhecimento sobre do que se trata esse espaço. “Não sei! Deve ser um arquivo ou um almoxarifado!” “Nunca sabia que se tratava de um Museu. Trabalho aqui há cinco anos e nunca entrei aqui” (Servidor 1) (Ver Imagem 12). A que se deve esse desconhecimento? Qual a finalidade de se manter um espaço com essas características se o mesmo não é devidamente tratado pela diretoria responsável?

Construído como uma Sala Memória, o Museu possui dimensões que estão aquém para a uma real organização e preservação dos seus bens inventariados. Dividido em dois espaços distintos: 1) Museu do CEFET-AM e 2) Museu Moacir Andrade, originalmente o prédio foi concebido como uma casa para servir como residência do diretor geral da instituição. Segundo Sarmiento (1941, p. 63) a estrutura da residência possuía o seguinte padrão: a “Casa do Diretor, de 2 pavimentos, com 2 salas, 4 quartos, banheiro, água, cozinha, 2 varandas, 2 terraços, hall, quarto de criado, e W.C.”. Esta sofreu as intervenções em sua estrutura predial na transição de Escola Técnica de Manaus para Escola Técnica Federal do Amazonas, na década de 1960. E o que percebemos hoje é que não houve uma reestruturação no espaço para servir de fato à ideia de organização de um museu. Podemos verificar que muitos objetos estão mal alocados “disputando” espaço com materiais de limpeza, caixas de produtos higiênicos, entre outros, o que afeta sobremaneira a inicial intenção que era a de preservação da história da Instituição.



Figura 8: Material de limpeza alocado em uma das salas conexas do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

No térreo do Museu há uma pequena saleta de entrada com um banco de espera, uma escada com acesso ao primeiro andar e alguns objetos sem identificação abaixo dela. À direita vemos o que consideramos ser a sala principal do ambiente, visto que além de encontrarmos painéis de exposição com fotos de vários períodos dessa Instituição, mesas de madeiras com tampos de vidros e trancadas à chaves contendo ferramentas utilizadas no período do Liceu Industrial, devidamente catalogados, certificados e placas de homenagem à Escola, há uma enorme mesa e um banco de madeira que serve como local de estudos tanto para os discentes do IFAM quando há visitas bem como para os pesquisadores que ora buscam informações nos registros disponíveis do Museu. Apesar de pequena essa sala proporciona um ambiente adequado aos indivíduos que estejam desenvolvendo uma pesquisa, pois há condicionador de ar, bebedouro, uma mesa com os livros de registros de visitas, além dos painéis de exposição.



Figura 9: Sala principal do térreo do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.



Figura 10: Sala principal do térreo do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

É possível observar alguns quadros de fotografias das antigas estruturas da Escola: da Escola de Aprendizes Artífices durante a segunda década do século XX,

que funcionava no bairro Cachoeirinha em um terreno conhecido como Chácara Afonso de Carvalho. Podemos verificar uma fotografia da primeira mudança da Escola de Aprendizes Artífices do Amazonas para o antigo prédio da Casa de Detenção de Manaus, no ano de 1916.



Figura 11: Casa de detenção. Neste prédio funcionou, temporariamente em 1916, a Escola de Aprendizes Artífices. Painel do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

Nunes Mello (2009, p. 31), informa que “apesar de não ser um local adequado para o funcionamento do estabelecimento de ensino, o novo endereço trouxe alterações positivas para a escola”, sobretudo, por apresentar naquele momento um ambiente que se tornaria de fácil acesso para os estudantes. Outras imagens compõem esse período de adaptação da Escola à realidade local. É interessante notar que havia naquele momento um novo cenário político vislumbrando no país, como discutido no capítulo 1. E essas adequações de novo modelo de Escola atrelado à realidade amazonense foi estabelecido numa espécie de tentativas e erros que foram moldando essa nova modalidade de ensino aqui na cidade de Manaus. Por exemplo, desde a autorização para a sua criação em 1909, ainda não havia na terceira década do século, um espaço próprio para a construção e adequação de estruturas físicas que atendessem às diretrizes educacionais do Brasil naquele contexto. Em 1927, novamente, a Escola de Aprendizes Artífices é

deslocada para outro lugar, dessa vez para a Feira de Manaus, onde está instalado o Mercado Municipal da Cachoeirinha. E lá permaneceu até o ano de 1941, quando já num outro contexto político e social do nosso país, pudemos verificar um avanço na reorganização dos espaços de ensino industrial no Brasil. E, dessa maneira, o Amazonas não escapou à essa condição (Ver Imagem 17).



Figura 12: EAA 1927-1941. Disponível em painel do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

No Museu é possível verificar em destaque nesse primeiro ambiente as várias instalações que se sucederam na história da Instituição até que em 1941 fora cedido pelo governo federal um terreno – Praça Rio Branco – para a construção da nova sede do que viria a ser o Lyceu Industrial de Manaus e, posteriormente, Escola Técnica de Manaus.

“Finalmente, em 1924, já com a denominação de Lyceu Industrial de Manaus, por força da Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, passa a funcionar no novo prédio que, em 07.03.1930, através da lei Municipal nº 1.548, foi repassado ao Estado a Praça Visconde do Rio Branco, localizada no quarteirão compreendido entre a Avenida 7 de setembro e as ruas Duque de Caxias, Ajuricaba e Visconde de Porto Alegre, cedida posteriormente à União, através do Decreto nº 2.110, de 13 de março de 1933, quando era Secretário-Geral do Estado e interventor interino Waldemar Pedrosa para que fosse edificada a sede definitiva da escola” (Nunes Mello, 2009, p. 54).

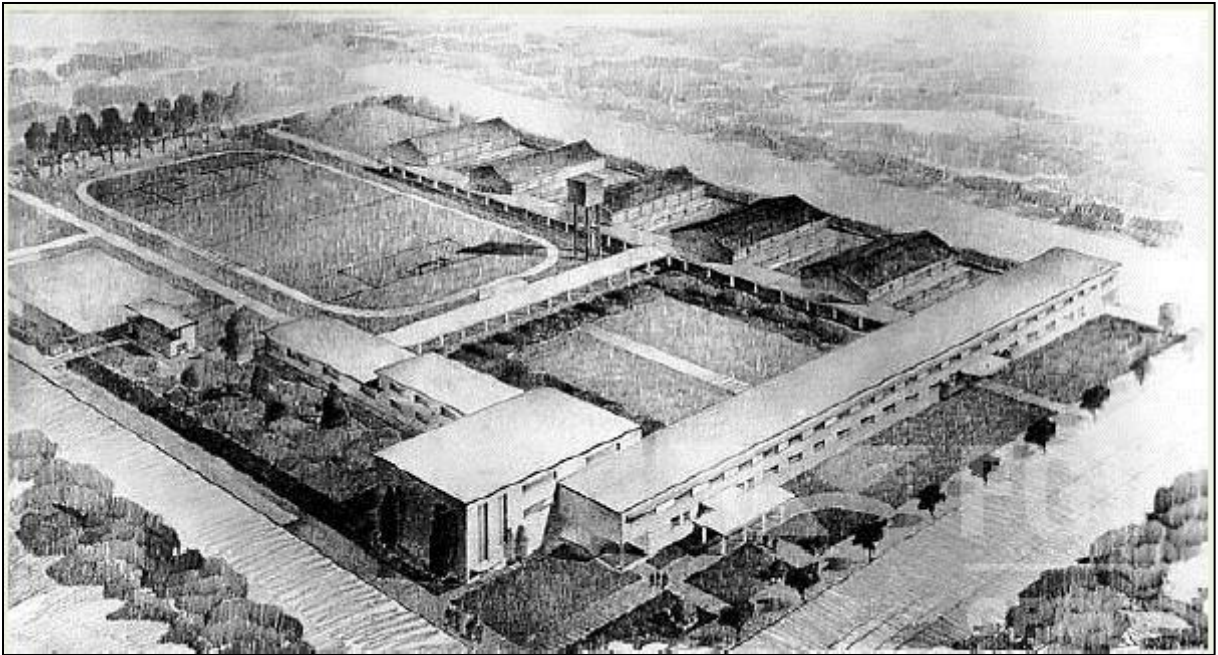


Figura 13: Novas Instalações da Escola de Aprendizes Artífices do Amazonas, em Manaus. Fonte: CPDOC. Arquivo Digital. Aspectos de maquetes, instalações e atividades de instituição de ensino industrial amazonense, bem como de desfile comemorativo ao Dia do Trabalho, 1934-1945.

Ao lado da sala principal do Museu há uma sala anexa, onde vemos um piano de cauda, dois painéis de exposição com fotos de estudantes da ETFAM, sobretudo, em atividades esportivas e apresentações teatrais. Essas ações compõem o período da administração do diretor-geral João Martins Dias entre os anos 1995-1999. Importante frisar que todas essas fotos constantes nos painéis de exposição foram retiradas dos álbuns fotográficos disponíveis no acervo. Por um lado, há uma vantagem em deixar à vista das visitas que vão ao Museu, no entanto, por conta da iluminação não adequada para manutenção da preservação desses materiais, isso acaba acarretando num processo de apagamento das mesmas. Foi possível observamos uma série de imagens expostas nos painéis da sala principal que não há como identificar mais do que se trata.

Ainda na sala em anexo é possível observar um torno mecânico utilizado durante os anos 1980 no laboratório de Mecânica da Escola. Nas mesas com tampos de vidro, observamos homenagens às décadas da Escola Técnica, alguns certificados, selos comemorativos e *banners* de atividades realizadas em função do centenário da Instituição, no ano de 2010 – essas ações estão disponíveis no *site* da Instituição. Mas na sala anexa à sala principal do Museu encontramos os registros de atividades realizadas por uma professora de História da Instituição durante as

celebrações do Centenário da Instituição, no ano de 2010.

Voltando à sala principal observamos à mostra uma quantidade de objetos devidamente catalogados das primeiras décadas dessa Instituição quando a mesma ainda era denominada Lyceu Industrial de Manaus. Nas mesas de madeiras com tampos de vidros, observamos as ferramentas utilizadas nas oficinas ofertadas pela Escola primeira metade do século passado, sendo proibido o manuseio desses objetos por terceiros. Constata-se nos informes que existem ao lado de cada peça os fins de utilização daqueles materiais como, por exemplo, martelos, serrotes, chaves específicas para produção em marcenarias, entre outros.



Figura 14: Ferramentas utilizadas nas oficinas de Marcenaria do Lyceu Industrial (1942). Foto: Autor, 2024.



Figura 15: Ferramentas utilizadas nas oficinas de Marcenaria do Lyceu Industrial (1942). Foto: Autor, 2024.

Nessas mesas da sala principal e da sala em anexo ainda encontramos uma série de diplomas e certificados de atividades diversas, seja de alunos ou professores, do período em que a Instituição passou à denominação de Escola Técnica de Manaus, como o mais antigo documento nesse formato preservado no Museu, o certificado de um aluno, o Sr. Agesilau Libório dos Santos⁵, que se formou como Marceneiro ano de 1945, documento este assinado pelo então diretor geral da Instituição, o Sr. Luís Paulo Sarmiento.

⁵ Em dezembro de 1963, sob administração do professor Waldir Garcia (1961-1964), foi comunicado pela Diretoria-executiva que 04 artífices que concluíram com aproveitamento os cursos de formação de Professores em Curitiba iriam, a partir de 1964, integrar o quadro de professores da Escola: eram eles, José Fernandes Holanda, que foi professor por muitos anos do Curso Técnico em Mecânica, Edvaldo Ferreira de Souza, **Agésilau Libório dos Santos**, que exerceu durante muitos anos a Coordenação do Serviço de Integração Escola-Empresa e Manuel Rodrigues Filho, que também exerceu várias funções na Instituição (Nunes de Mello, 2009, p. 71). A Direção Geral do Instituto Federal do Amazonas – Campus Manaus Centro, comunicou o seu falecimento em 16 de junho de 2018.

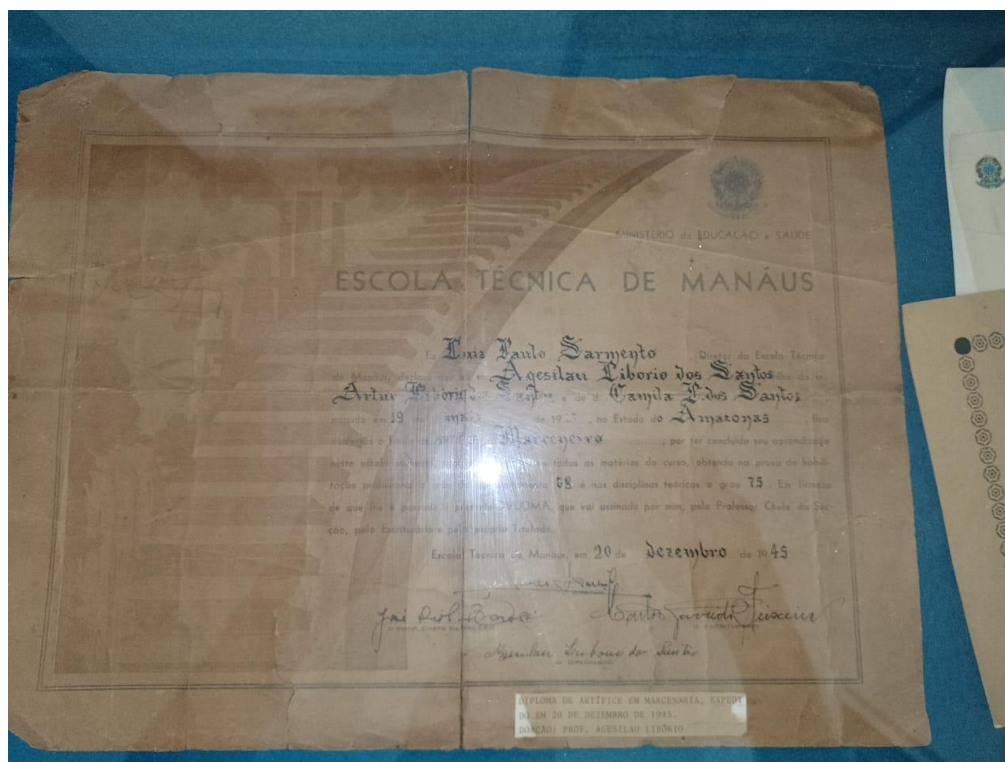


Figura 16: Certificado do Sr. Agesilau Libório dos Santos (1945). Foto: Autor, 2024.

Adentrando ao espaço verificamos um banheiro e duas salas menores com uma quantidade de objetos como máquinas de datilografia, computadores *desktop*, impressoras, *rack* e aparelhos de televisão, bem como grandes máquinas utilizadas nos cursos da Escola Técnica Federal como também no CEFET Amazonas, que por devido ao tamanho e mau posicionamento desses objetos nesta pequena sala, acabam impedindo uma melhor circulação pelo local.



Figura 17: Material pertencente ao CEFET/AM (2005). Foto: Autor, 2024.



Figura 18: Material pertencente ao CEFET/AM (2005). Foto: Autor, 2024.

Ainda neste setor do pavimento há um armário de madeira com portas de vidros no qual estão alocados ainda alguns objetos e utensílios das oficinas ofertadas no período da Escola de Aprendizes Artífices do Amazonas, como é o caso das ferramentas que pertenceram ao sr. Idelfonso Olindo dos Santos, aluno da primeira turma (1911) e que se tornou professor da Instituição posteriormente.

“Apesar das dificuldades da Escola, dois alunos se destacaram entre os muitos alunos da Escola de Aprendizes Artífices. O primeiro é Idelfonso Olindo dos Santos e Arnaldo Carpanetti, pertencente a 1ª turma de 1911, que prosseguiu sua carreira na própria Instituição, como Professor adjunto de desenho e contramestre de alfaiataria. [...] No ato de sua aposentadoria [1957], foi elogiado por sua dedicação, zelo, competência e senso de responsabilidade que sempre demonstrou no exercício de suas atividades.

O senhor Idelfonso visitou várias vezes esta Instituição de Ensino na década de 80, chegando a participar, como convidado em algumas atividades comemorativas, pois, nós (aqui faço questão de me incluir ao coro de louvor ao mestre!), servidores, o considerávamos uma memória viva daquela época: era ele quem saciava a curiosidade que tínhamos em saber sobre o funcionamento da escola desde seu início, principalmente a respeito do ensino e da clientela da escola. Faleceu em 1993, aos 97 anos, deixando saudades a todos” (Nunes Mello, 2009, p. 43).

É neste setor do Museu em que encontramos os vários álbuns de fotografias de diversas épocas da Instituição. Essas dezenas de álbuns, dos quais abordaremos mais adiante, nos proporcionaram um redirecionamento da pesquisa, pois, pelo fato da maioria estar catalogada, contribuiu sobremaneira na investigação das mudanças e permanências ocorridas nessa Instituição de Educação Profissional e Tecnológica.



Figura 19: Álbuns de fotografias disponíveis no Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

Ao lado da sala administrativa encontramos mais dois espaços que estão profundamente insalubres devidos às más condições de manutenção. Paredes com mofo, umidade e materiais jogados de qualquer maneira, tendo um aspecto muito mais de depósito do que necessariamente de organização para fins de consulta. Isso demonstra um pouco do descaso que há com relação à manutenção e preservação dos bens disponíveis no Museu. De quem é a responsabilidade? Um funcionário, prestes a aposentar, é o verdadeiro vilão? Professores e professoras que pouco caso faz do Museu? A direção do Campus Manaus Centro que não organiza uma atividade nesse espaço desde o ano de 2019? São questionamentos que surgiram nas várias visitas técnicas que realizamos no Museu. Concluímos que há uma evidente demonstração de falta de anseio pela preservação da memória institucional da Escola.



Figura 20: Materiais diversos jogados em espaços do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.



Figura 21: Materiais diversos jogados em espaços do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.



Figura 22: Materiais diversos jogados em espaços do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

Um pouco mais ao fundo encontramos a sala administrativa disponível para o único funcionário responsável pelo Museu Moacir Andrade, desde a manutenção, limpeza, orientação e registros de visitas, de alunos e alunas, professores e pesquisadores externos. Infelizmente, é nesta sala também que há armários com diversos documentos não catalogados, livros de registros, atas e documentos oficiais que necessitam urgente de um tratamento profissional para que possam servir de instrumentos para pesquisas que forem realizadas sobre a Instituição. Como não tivemos autorização para manusear essa documentação, optamos por deixá-los alocados da mesma forma que a encontramos.



Figura 23: Documentos dispersos nos armários da Sala Administrativa do Museu Moacir Andrade.
Foto: Autor, 2024.



Figura 24: Documentos dispersos nos armários da Sala Administrativa do Museu Moacir Andrade.
Foto: Autor, 2024.



Figura 25: Sala dos Diretores. Primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

A título de exemplificação dessa seção podemos destacar na sala 1 do primeiro andar do Museu a exposição das fotografias (19 fotografias e um quadro com perfil em alto relevo) dos Diretores Gerais da Instituição desde a fundação em 1910 sendo o primeiro diretor o senhor Saturnino Octaviano Santa Cruz de Oliveira, responsável por estabelecer o local de funcionamento da Instituição, que ficou no cargo até o ano de 1913 até o diretor geral de 1991 Jorge Humberto Barreto, um dos mais longevos diretores dessa Instituição⁶. A primeira observação que constatamos é que se trata de todos os diretores homens, mesmo tendo como Diretora Geral interina a senhora Maria José Araújo Calmont no ano de 1991, o que pode levar a abordagem sobre a questão de gênero nas Instituições Associadas, o que não é o caso dessa pesquisa.⁷

Jorge Teberyçá assumiu a Instituição por dois momentos, no ano de 1921 e 1924, substituindo temporariamente o então diretor Esmeraldo Américo Coelho (1917-1932) que havia sido transferido pelo Ministério da Agricultura, Indústria e

⁶ No acervo fotográfico disponível no Museu Moacir Andrade há uma enorme quantidade de álbuns de fotografias que registram o período da administração do diretor Jorge Humberto Barreto. O que pode ser objeto de estudo para outras pesquisas sobre a História e Memórias da Instituição.

⁷ A professora Maria José Araújo Calmont assumiu a direção da Escola Técnica Federal do Amazonas como pro-tempore no período de 15 de fevereiro a 03 de abril de 1991, em razão da indefinição por parte do Ministério da Educação quanto à nomeação do novo Diretor (Nunes Mello, 2009, p. 99).

Comércio para a cidade de Aracaju, Sergipe, para ocupar o cargo de diretor da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe. Já no ano de 1924 o substitui novamente devido ao processo de mudança de poder ocorrido naquele que o destituiu e novamente reempossado ao cargo de Diretor. Após esse período não constatamos em nossas pesquisas outras substituições temporárias marcantes, exceto em casos de viagens e participações em eventos oficiais do governo federal, o que não compete abordar nesse momento. No entanto, acreditamos que descrever os próximos substitutos seja algo necessário devido justamente ao período no qual ocorreram essas substituições (1964-1970), de intensa intervenção nas Instituições Federais (Nunes Mello, 2009).

Guilherme Pinto Nery assume a direção em fevereiro de 1964. Dentre os acontecimentos do seu período enquanto diretor, destaca-se a instalação de uma comissão de inquérito para apurar fatos ligados a movimentos subversivos ou antidemocráticos ocorridos na Instituição o que o faz pedir a sua exoneração do cargo em caráter revogável (Nunes Mello, 2009).

No mesmo ano assume interinamente o senhor Hugo Mário Tavares (1964 a 1965) que não chegou a completar o mandato por problemas de saúde. Assim, em 19 de abril de 1965, assume a administração o senhor Oyama César Ituassu da Silva e pede exoneração do cargo em junho daquele ano devido à incompatibilidades jurídicas com o Conselho de Representantes. Ainda em 1965, assumiu como diretor da Instituição o senhor Dário Hernani Vizeu, sendo o primeiro diretor da então Escola Técnica Federal do Amazonas, período em que a Instituição mais recebeu recursos. Devido aos desgastes com o Conselho de Representantes, bem documentado pela professora Nunes Mello (2009), solicitou exoneração do cargo em agosto de 1966.

Do mesmo modo que identificamos os diretores do mural ilustrativo que ocuparam por menos tempo o cargo de Diretor Executivo da Instituição, observamos também aqueles que ficaram nessa função por décadas. São os casos dos diretores executivos: Esmeraldo Américo da Silva Coelho (1917-1932), Luiz Paulo Sarmento (1935-1947); Jorge Humberto Barreto (1976-1991).

Como visto anteriormente, durante a administração do senhor Esmeraldo Américo Coelho entre 1917 e 1932, ocorreram algumas substituições. No entanto, a sua longa administração na Escola de Aprendizes Artífices está dentro do contexto da remodelação do ensino profissional e técnico que instituiu o concurso para o

cargo de Diretor através de uma lista tríplice apresentada ao ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

O segundo diretor com mais tempo no cargo foi o senhor Luiz Paulo Sarmiento, entre os anos de 1935 a 1947. Duas considerações iniciais: foi o diretor que esteve a frente da Instituição em um dos períodos políticos mais conturbados da história da República Brasileira bem como foi o diretor que, em virtude dessas mudanças estruturais do país, participou de três fases de evolução da Instituição, ou seja, Escola de Aprendizes Artífices do Amazonas, Lyceu Industrial e Escola Técnica de Manaus. Com grande prestígio frente ao presidente Getúlio Vargas, foi na sua administração que a Escola passaria ao seu prédio definitivo, inaugurado no ano de 1941 (Ver Figura 1).

E, por fim, chegamos ao diretor Jorge Humberto Barreto que por mais tempo administrou essa Instituição entre 1976 e 1991, período de intensas mudanças políticas e educacionais da história brasileira. Nomeado por decreto do presidente da república em 13 de outubro de 1976.



Figura 26: Recorte de Jornal. Documento disponível no álbum nº 91-01-019 (Registro do Museu), sob registro de tombamento nº 12551 (sem número de página). Foto: Autor, 2024.

Para Nunes Mello (2009), em sua gestão a Escola se firmou como referência em educação profissional como também na qualidade pedagógica e nos esportes

para a sociedade amazonense, posto que se tratava de um gestor inovador que conseguiu articular com diversos setores da sociedade ao promover conexões com o setor produtivo além de amplos vínculos com autoridades governamentais, empresariais e políticas. O *boom* de reformas estruturais na Instituição bem como da criação de variados departamentos organizacionais e novos cursos técnicos e profissionais ocorrem justamente em seus anos como administrador da mesma. Um momento importantíssimo para a reestruturação das Escolas Técnicas no Brasil ocorre em 1986, sob a nova constituição do Conselho Técnico consultiva, que estabelecia as primeiras eleições para Diretor-Geral da Escola com consulta à comunidade escolar, sem dúvida um grande marco para a nova realizada política e social por qual passava a sociedade brasileira.

Mas, apesar dessa breve descrição da imagem apresentadas, outras questões se mantêm: por que no mural dedicado aos diretores-gerais da Instituição encontramos até o momento de finalização da administração do diretor Jorge Humberto Barreto? Por que não estão inseridas nesse local as imagens de outros diretores e diretora seguintes passando pelo momento do CEFET/AM até o presente momento do Instituto Federal do Amazonas, campus Manaus Centro?

Continuando nossa exposição do Museu, no primeiro andar, verificamos um ambiente bem diferente. Podemos observar neste pavimento uma estrutura de uma casa, afinal o projeto original era para servir de residência para os diretores da Instituição. Nos “quartos” e “salas” estão à disposição os objetos e as obras doadas para o acervo do Museu pelo próprio Moacir Andrade. Estas obras estão muito mais organizadas, sobretudo, em função dos espaços que compõem o primeiro andar serem um pouco mais amplos do que as pequenas salas do piso térreo. Neste andar há disponíveis um conjunto de obras artísticas - pinturas, desenhos, poemas, livros - entre outras, doadas ao Museu pelo próprio artista Moacir Andrade do seu acervo pessoal durante a segunda metade da década de 1990 com o objetivo de resguardar e incentivar a preservação de parte de suas obras na escola onde foi aluno durante os anos 1940 e professor em meados dos anos 1970.



Figura 27: Sala 01, primeiro andar, do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.



Figura 28: Sala 01, primeiro andar, do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

É inevitável pensar que, da forma como estão expostos esses materiais e por se tratar de um pavimento que outrora serviu de moradia para os diretores gerais da

Instituição, há uma lógica em situar o visitante como se ele estivesse dentro da residência do próprio artista. Não há como sabermos realmente se essa foi a intenção dos organizadores do Museu, porém é bem factível a ideia de transformar aquele espaço num modelo que pudesse homenagear ainda em vida o artista amazonense. Dessa maneira, faremos uma breve descrição sobre a vida e a obra desse grande artista amazonense.

4.2 Moacir Andrade: um artista de renome

Moacir Couto de Andrade nasceu em 17 de março de 1927 em Manaus, no contexto de uma região ainda profundamente marcada pelos efeitos da crise da borracha e por intensas dinâmicas migratórias internas. Filho de Severino Galdino de Andrade, que era migrante nordestino e que trabalhou em seringais e depois em ofícios urbanos, e de Jovina Couto de Andrade, professora oriunda de Manacapuru, Moacir cresceu entre a cidade de Manaus e o interior do Amazonas, experiência que iria nutrir o repertório temático de sua produção (como memórias rurais, ribeirinhas e folgedos populares). Essas lembranças familiares (contos, músicas e costumes nordestinos trazidos pelo pai) aparecem em sua literatura e nas narrativas que o próprio artista deixou sobre sua formação afetiva e estética.⁸

A formação escolar de Moacir mesclou ensino elementar e técnico. Ingressou ainda criança em cursos locais de formação profissional (Escola de Aprendizes e Artífices / Liceu Industrial de Manaus) e concluiu curso técnico em marcenaria entre 1942–1945, período em que também teve contato com aulas de desenho técnico, um dado que relativiza a noção simples de “autodidata” que muitas biografias atribuem ao artista. Esses primeiros contatos com desenho técnico e ofício fornecem uma base que se refletirá tanto na precisão de suas composições quanto no uso de temas ligados às práticas populares e ao ambiente amazônico.

Os primeiros registros de exposição datam da década de 1950, com crescente visibilidade a partir do final dos anos 1950 (o ano de 1958 é frequentemente citado como marco que consolidou sua interpretação da paisagem e do homem amazônicos nas artes plásticas). A partir daí, sua produção se fez presente em mostras locais e também em circuitos nacionais, com inscrições em

⁸ <https://facetasculturais.com.br/2023/03/04/moacir-andrade-de-manaus-para-o-mundo/> Acesso em: 20 set 2025.

catálogos e acervos de instituições como o Museu de Arte Moderna (MAM/MASP) e outras coleções públicas e privadas. A dispersão do acervo (em coleções particulares, pinacotecas e arquivos) exigiu dos pesquisadores um trabalho extensivo de localização e documentação das obras. A temática central em sua obra articula paisagem, cenas cotidianas ribeirinhas, mitos e folguedos locais, compondo uma iconografia que busca afirmar a alteridade amazônica desde uma perspectiva interna, isto é, produzida por quem vive e convive com esses modos de vida. Sua linguagem, por vezes qualificada como primitivista ou de feição “popular”, foi defendida pelo próprio autor como expressão legítima de matrizes culturais regionais, e recebeu reconhecimento crítico local e nacional.⁹

Paralelamente à produção artística, Moacir manteve longa carreira como professor, lecionando desenho técnico e artes em colégios estaduais, na antiga Universidade do Amazonas e, mais tarde, na Escola Técnica Federal do Amazonas (ETFAM / atual IFAM) e assumiu cargos de gestão cultural. Entre suas nomeações públicas estão a direção da Divisão da Pinacoteca do Estado (década de 1960) e o exercício temporário de direção do Teatro Amazonas. Recebeu diversas honrarias nacionais e regionais ao longo da carreira, incluindo medalhas de mérito cultural e prêmios outorgados por instituições acadêmicas e governamentais. Essas atividades evidenciam sua compreensão da arte como prática educativa e patrimonial.¹⁰

Moacir também atuou em associações e coletivos locais (por exemplo, o Clube da Madrugada), bem como em conselhos e comissões voltadas à preservação do patrimônio histórico e artístico do Amazonas, ações que o colocaram como articulador relevante no campo cultural manauara.¹¹

Além das telas e desenhos, Moacir produziu textos sobre temas amazônicos (livros, catálogos e depoimentos) que dialogam com sua produção plástica e com a construção de uma memória regional. Sua formação e atuação também se aprofundaram na museologia; há registros de cursos e atividades relacionados à organização de museus, além de que seu nome foi associado à criação de espaços de memória dedicados à sua obra. O acervo e doações da família contribuíram para

⁹ Ver LOPES, Valter Frank de Mesquista. **Os processos socioartísticos em Moacir Andrade: estilo e artes plásticas na Amazônia.** 2018. 240 fl. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6414> Acesso em: 22 set 2025.

¹⁰ *Idem*, p. 28.

¹¹ <https://www2.ifam.edu.br/campus/cmc/noticias/voce-conhece-a-obra-do-moacir-andrade?> Acesso em: 20 set 2025.

a constituição do Museu Moacir Andrade e de salas-memória no campus do IFAM/CMC, iniciativas fundamentais para a preservação e difusão do material do artista.

Moacir Andrade faleceu em 2016, deixando um acervo vasto e diversificado que continua a suscitar pesquisas e interpretações. Sua trajetória nos mostra não apenas a força criativa de um artista comprometido com a cultura amazônica, mas também os desafios inerentes à preservação da memória regional, marcada pela dispersão de obras e pela necessidade constante de registro e sistematização. Como artista, educador e gestor, Moacir Andrade representa um elo fundamental entre a produção artística e os processos de valorização cultural na Amazônia, contribuindo para a construção de uma identidade visual e histórica própria da região. Estudos recentes e reaberturas de espaços museais com áreas dedicadas a Moacir atestam o interesse contínuo por sua obra e a sua centralidade para estudos sobre arte e memória na Amazônia.

4.3. Moacir Andrade na memória de intelectuais brasileiros: uma análise de conteúdo das homenagens

No conjunto de obras do artista, de prêmios e honrarias emolduradas nas paredes do Museu, de retratos com personalidades diversas seja do campo artístico, político, social, de registros pessoais e fotos de viagens feitas do artista ao redor do mundo, sobretudo, na Europa e América Latina, selecionamos como foco de análise para se ter uma dimensão da totalidade e da importância da preservação dessas coleções, as homenagens gravadas em imponentes placas de ferro fundido feitas por pessoas singulares ao artista Moacir Andrade. Escritas por intelectuais, artistas e personalidades nacionais e internacionais, essas mensagens não apenas celebram a trajetória artística de Moacir Andrade, mas também projetam visões plurais sobre a Amazônia e sobre o valor simbólico de sua obra. O quadro a seguir sintetiza os resultados desse processo analítico, apresentando as categorias interpretativas que emergiram das mensagens e os elementos textuais que sustentaram a definição dessas categorias.

Mensagem/Autor(a)	Categoria de análise	Unidades de registro e contexto
Jorge Amado	Intensidade e complexidade do artista	“carne e sangue do nosso povo”, “mundo sem fim”,

		"fabulário tão rico e à gente tão pobre", "miséria e grandeza"
Thiago de Mello	Integração simbólica entre natureza amazônica e identidade artística	"força torrencial das nossas águas", "entardecer rubro do rio Negro", "silêncio esplendor das nuvens", "brilhos de cobre e safira".
Jovina Couto de Andrade	Reconhecimento precoce da vocação artística	"seus desenhos são muito lindos", "um dia você será grande artista", "eu terei um grande orgulho de você",
Gabriel García Marques	Reconhecimento moral e humano do artista	"gesto largo e eterno de formas e cores", "energia injetada nas veias da história da arte universal", "presença permanente da Amazônia brasileira", "exemplo vivo de dignidade humana", "respeitado por todas as camadas sociais", "homem probo", "distinguido pelas mais importantes universidades internacionais"
Luís da Câmara Cascudo	Identidade simbiótica entre artista e cultura amazônica	"interpreta com seu gênio as tradições, os hábitos, a identidade e a alma do povo", "espírito ecumenizado, sincretizado", "vento, as águas, a floresta e a terra da Amazônia", "como um deus pagão", "senhor de todos os sonhos, fascínios, absurdos, e de todas as eras"
Gilberto Freire	Permanência e transmissão da memória institucional	"símbolo augusto para a segurança da formação cultural e universitária", "liderança espiritual, humana, moral e intelectual", "obra imorredoura", "profundamente afetiva", "se estenderá perenemente através da história"
Jean-Paul Sartre	Expressão artística como construção da identidade coletiva	"belezas de suas telas", "grandeza do fabuloso Amazonas", "folclore, tradições", "lendas, antigas memórias", "movimentação de seus folguedos populares", "amor e paz emoldurados pela imaginação", "artista que muito cedo se impôs no cenário intelectual"

Clarice Lispector	Expressão artística como documento cultural e emocional	"profeta da Amazônia", "ensinar ao mundo o destino de santuário da natureza", "último reduto de vida sadia", "quadros como documentos de muitas grandezas", "incomensurável paixão materializada", "imenso amor pela Amazônia", "presença nos quatro cantos do mundo"
Herbert Baldus	Reconhecimento nacional da importância cultural da obra	"maior intérprete da identidade da vida amazônica", "universo fiel da etnologia brasileira", "hábitos, costumes, crenças, mitologia", "celebridade que muito me honra conhecer".
João Guimarães Rosa	Arte como mediação da memória amazônica	"disciplinados espaços de arte – galos de tapeçaria, cintilação de mosaicos e magia de presépios"; "perlados de fria espuma e ocelados de recordações oníricas"

Quadro 2: Categorias e unidades de registros das mensagens de agradecimentos. Fonte: Autor, 2025.

A sistematização das mensagens nos permitiu inferir sobre a complexidade dos discursos que se formam em torno da figura de Moacir Andrade. Observamos que ao mesmo tempo em que ressaltam aspectos individuais e afetivos, as mensagens também contribuem para a construção de uma memória coletiva em que a arte, a cultura e a identidade amazônica se entrelaçam. As categorias de análise demonstram como os diferentes autores reconhecem no artista não apenas um intérprete da realidade amazônica, mas um agente simbólico de preservação da memória cultural e ambiental, bem como um veículo de projeção internacional da Amazônia. Assim, essas mensagens reforçam a função da arte como lugar de memória (Nora, 1993), que dialoga com a importância de espaços e documentos que contribuem para a preservação da memória institucional e cultural no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica.

Desenvolvemos a seguir uma análise interpretativa que buscou demonstrar como tais narrativas contribuem para a construção da memória institucional e da imagem pública de Moacir Andrade, bem como para a valorização da cultura amazônica no contexto educativo do IFAM/CMC. As múltiplas vozes que homenageiam Moacir Andrade ao longo das décadas permitem compreender a

centralidade de sua obra no imaginário amazônico, brasileiro e universal. Escritores, poetas e intelectuais de diferentes áreas, como Jorge Amado, Thiago de Mello, Gabriel García Márquez, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, Herbert Baldus, Clarice Lispector, Jean-Paul Sartre e João Guimarães Rosa, convergem para reconhecer no artista amazonense um intérprete singular da Amazônia, um guardião da memória cultural e um educador por meio da arte. A análise dessas mensagens, mais do que registrar elogios individuais, revela uma construção coletiva de sentidos que aproxima a arte de Moacir Andrade daquilo que Halbwachs (1990) define como memória coletiva: uma memória que ultrapassa o indivíduo e se projeta em um patrimônio compartilhado.

Estas mensagens de agradecimentos estão em várias salas do Museu. Logo ao lado da porta de entrada, observamos uma dessas placas, com letras em relevo, na qual está inscrita uma homenagem ao artista realizada pelo escritor baiano Jorge Amado. É a primeira de uma série de textos de agradecimentos ao artista amazonense que vemos expostos entre as várias obras do artista no Museu. Sendo assim, consideramos uma breve análise sobre essas homenagens afim de situá-los sobre a importância desse artista bem como sobre a fundamental necessidade de preservação dos bens alocados naquele espaço.

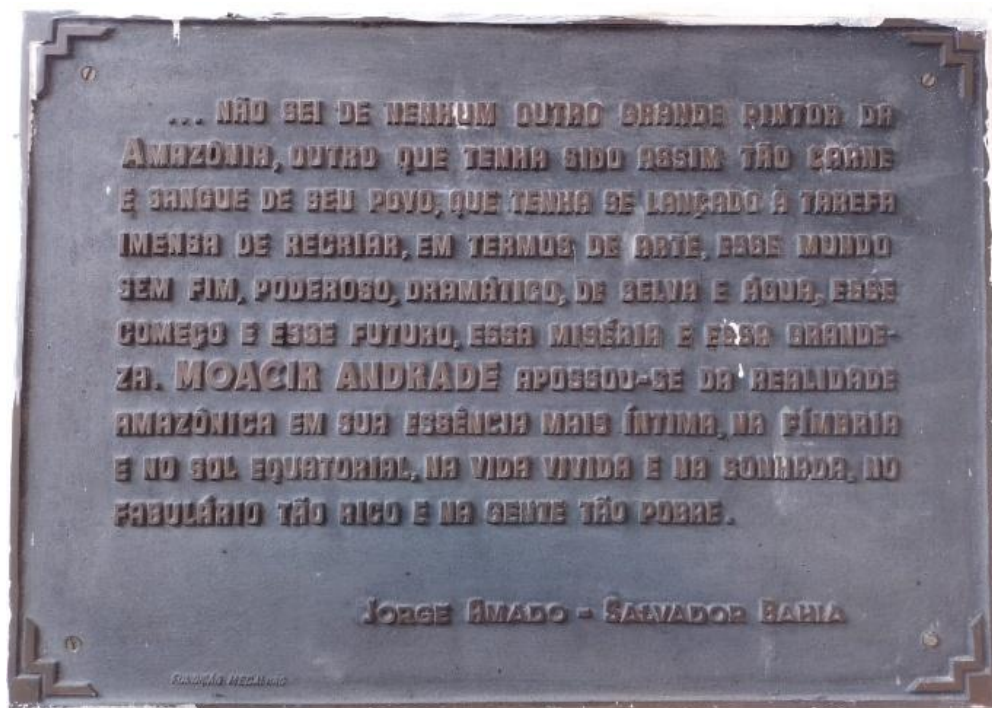


Figura 29: Mensagem de Jorge Amado ao lado da porta de entrada do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

A transcrição da inscrição da placa na porta de entrada do Museu, sem data de elaboração, é a seguinte:

“...não sei de nenhum outro grande pintor da Amazônia, outro que tenha sido assim tão carne e sangue do seu povo, que tenha se lançado à tarefa imensa de recriar, em termos de arte, esse mundo sem fim, poderoso, dramático, de selva e água, esse começo e esse futuro, essa miséria e essa grandeza. MOACIR ANDRADE apossou-se da realidade amazônica em sua essência mais íntima, na fímbria e no sol equatorial, na vida vivida e na sonhada, no fabulário tão rico e na gente tão pobre”. (Jorge Amado – Salvador Bahia).

Jorge Amado nos mostra a importância do Moacir Andrade para o contexto amazônico, pois revela uma leitura rica e profunda sobre a obra de um artista que, para o escritor baiano, não só representa visualmente a Amazônia, mas também a incorpora com toda a sua intensidade e complexidade, uma vez que ele é “carne e sangue do seu povo”, num processo de imersão profunda na cultura local bem como postulando uma dimensão simbólica que a obra do artista assume no cenário cultural brasileiro. O coloca, do ponto de vista estético, como um artista que vislumbra o imaginário amazônico nesse “mundo sem fim” da floresta tropical, reconhece no pintor um agente de tradução cultural, alguém que, com sensibilidade e domínio técnico, transformou em imagens a complexidade do território amazônico, além de ponderar sobre a questão da desigualdade que paira a região quando afirma o “fabulário tão rico e à gente tão pobre”, dualidade que permeia não somente as populações ribeirinhas mas que afeta diretamente a estrutura social e econômica também do espaço urbano, trechos como “vida vivida e sonhada”, “miséria e grandeza” revelam essa Amazônia dialética, marcada por conflitos sociais sob uma camada de poesia acentuando essa ambiguidade existente entre a abundância natural da e os problemas causados pela desigualdade social na região, elementos caros à própria vida e obra do Jorge Amado em outro contexto regional desse grande país.

Esta homenagem de Jorge Amado a Moacir Andrade indica o artista como um tradutor da identidade e da realidade de sua época e local, um indivíduo apto a desvendar, através da arte, os significados ocultos e profundos de uma cultura particular. Além disso, ao caracterizar Moacir Andrade como alguém que recriou “em termos de arte esse mundo sem fim, poderoso, dramático, de selva e água”, Jorge

Amado o posiciona como um tradutor cultural, alguém que torna visível e legível, por meio da arte, o universo simbólico amazônico.

Ao subirmos as escadas que levam ao primeiro andar nos deparamos com duas pinturas do rosto do Moacir Andrade, assinadas por Gracymoema, filha do artista; um *banner* produzido pela Diretoria-geral do IFAM, com informações sobre o Moacir Andrade (acreditamos que esse material poderia ser melhor utilizado justamente na entrada do Museu ou em uma de suas áreas externas para melhor identificação deste espaço).

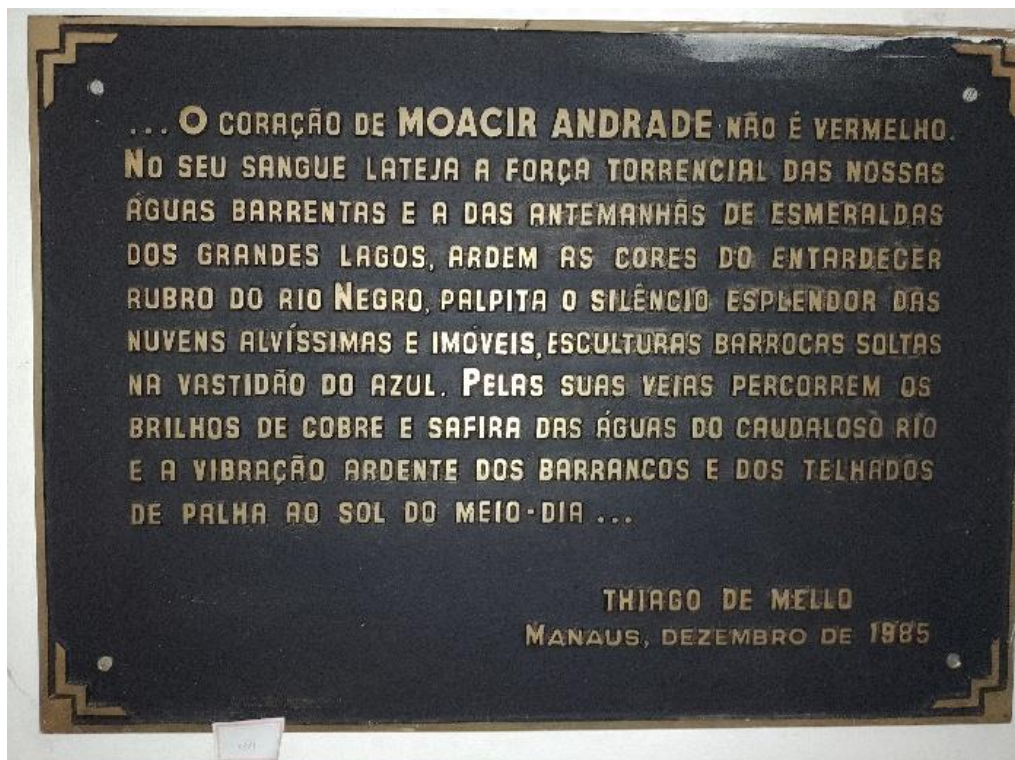


Figura 30: Mensagem de Thiago de Mello exposta na entrada do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

Aqui está a primeira placa, entre as várias constantes nesse andar, com uma mensagem de demonstração de carinho e afeto do poeta Thiago de Mello em homenagem ao Moacir Andrade, na qual lemos o seguinte:

“... o coração de MOACIR ANDRADE não é vermelho. No seu sangue lateja a força torrencial das nossas águas barrentas e a das antemanhãs de esmeraldas dos grandes lagos, ardem as cores do entardecer rubro do rio negro, palpita o silêncio esplendor das nuens alvíssimas e imóveis, esculturas barrocas soltas na vastidão do azul. Pelas suas veias percorrem os brilhos de cobre e safira das águas do caudaloso rio e a vibração ardente dos barrancos e dos

telhados de palma ao sol do meio-dia..." (Thiago de Mello – Manaus, dezembro de 1985).

O que podemos apreender dessa mensagem do poeta Thiago de Mello? Confessamos que é arriscado qualquer interpretação sobre o texto de alguém tão célebre. No entanto, arriscamos a dizer que um dos grandes expoentes da cultura amazônica, Thiago de Mello revela uma íntima conexão entre a obra de Moacir Andrade e a realidade amazônica ao associar a sua obra a uma identidade profundamente regional e enraizada na paisagem cultural e ambiental do Amazonas. Sendo Moacir oriundo do interior do Estado, convivendo com populações ribeirinhas durante sua primeira infância, ele foi capaz de traduzir as características únicas da região, como se o pintar fosse uma extensão de sua própria existência dentro da realidade amazônica, tratando a Amazônia não como um objeto de exploração, mas como uma paisagem complexa e cheia de vida, alguém que carrega a Amazônia nas próprias veias, numa fusão entre corpo e território, vida e arte.

Thiago de Mello projeta o pintor amazonense para além de uma individualidade artística, fundindo-o simbolicamente à própria natureza da Amazônia quando lemos "o coração de Moacir Andrade não é vermelho", mas sim constituído pelas águas, cores e elementos da paisagem amazônica, transformando numa metáfora central que traduz uma concepção de arte que não se separa da vida nem do espaço, mas que se faz extensão da própria terra e da memória coletiva (Halbwachs, 1990).

Essa homenagem, com toda sua imponência, retrata muito bem quem foi esse artista e faz todo sentido que essa esteja na placa de entrada do pavimento do Museu dedicado ao Moacir, posto que o visitante ao adentrar nesse espaço saiba realmente de quem se trata aqueles objetos memoriais, pois a homenagem de Thiago de Mello constitui também uma poderosa fonte pedagógica, capaz de provocar reflexões sobre o pertencimento, o olhar poético sobre o território e o papel da arte na formação da memória cultural, pois o tom da homenagem confere ao pintor um estatuto de guardião cultural, cuja obra se converte em veículo de memória e resistência frente ao esquecimento ou à diluição das referências das identidades regionais.

Na primeira sala à direita ao final da escada de acesso ao primeiro andar encontramos na parede ao lado uma série de honrarias dedicadas ao Moacir

Andrade, dentre elas destacamos três placas grafadas nas quais verificamos a percepção de outros artistas nacionais e internacionais sobre a obra de Moacir bem como uma singela frase de sua mãe Jovina que demonstra uma boa percepção sobre o futuro do seu filho.

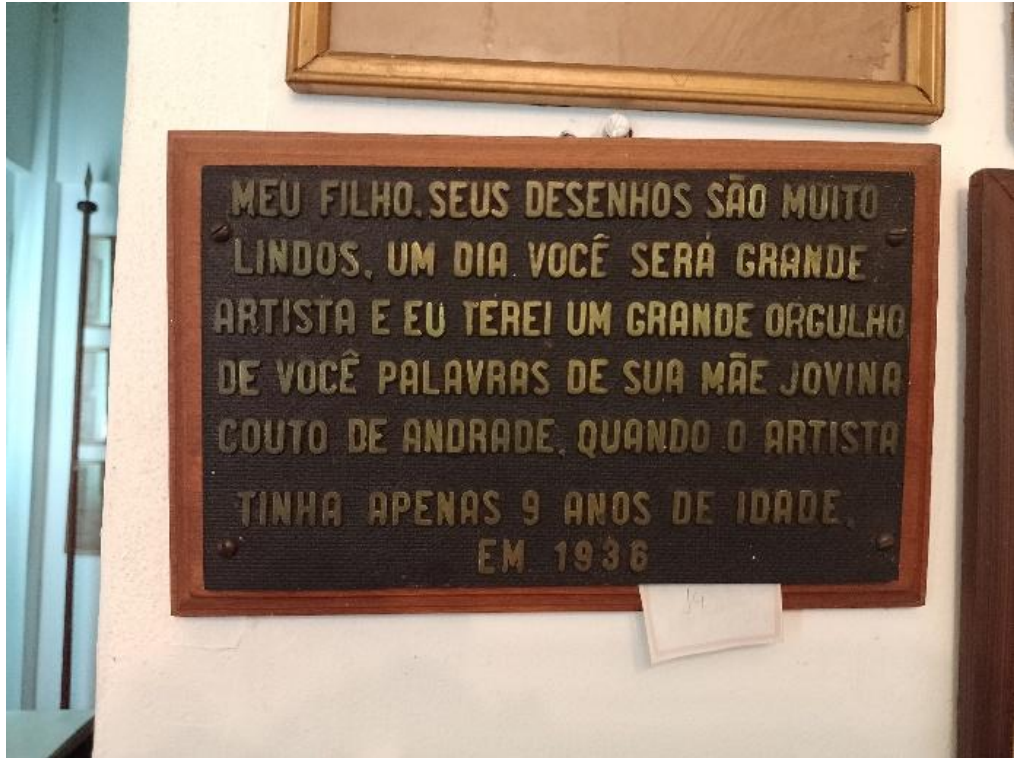


Figura 31: Mensagem de Jovina Andrade exposta na entrada da Sala 01 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

A inscrição assim diz:

“Meu filho. Seus desenhos são muito lindos. Um dia você será grande artista e eu terei um grande orgulho de você. Palavras de sua mãe Jovina Couto de Andrade, quando o artista tinha apenas 9 anos de idade em 1936”

Sábida D. Jovina! Essa mensagem tem uma natureza absolutamente singular no conjunto das homenagens: ela não foi escrita por um intelectual consagrado ou figura pública, mas pela mãe do artista, Jovina Couto de Andrade, em um gesto íntimo e afetuoso, feito quando Moacir Andrade ainda era criança; um testemunho materno que antecipa e projeta o futuro artístico de Moacir Andrade com base em suas primeiras manifestações criativas. Escrevê-la, em 1936, configura um ato de reconhecimento precoce e, ao mesmo tempo, um gesto de amor e fé no potencial do

filho. A fala de Jovina atua como um marco inaugural da trajetória de Moacir, sendo talvez o primeiro “registro institucional”, ainda que doméstico, de sua vocação artística.

Na perspectiva da memória como construção identitária, a inclusão dessa mensagem no acervo museológico cumpre um papel essencial: ela resgata não só a infância do artista, mas também os valores familiares e os vínculos afetivos que deram sustentação ao desenvolvimento de sua sensibilidade. Ao reconhecer a beleza nos desenhos de um menino de 9 anos, a mãe legitima o fazer artístico como uma forma de expressão legítima, mesmo antes de qualquer reconhecimento público. Trata-se também de um testemunho que tensiona o campo da história da arte, ao nos lembrar que a formação de um artista não começa apenas na academia ou no mercado, mas no interior da casa, no ambiente familiar, nas palavras que acolhem e impulsionam. A memória de Jovina, incorporada agora à história do Museu, transforma-se em um símbolo daquilo que Ciavatta (2023), chama de “memória ativa”, aquela que, ao ser registrada, reencena afetos, sentidos e contextos vividos.

Outra mensagem de grande importância é a do autor Gabriel García Márquez, escrevendo de Washington, Estados Unidos, no ano de 1968. Aqui constatamos um García Márquez que enxerga a obra de Moacir Andrade que deixa uma marca duradoura na história da arte mundial, pois o pintor está para além da representação simples da paisagem amazônica. Um ponto importante nessa homenagem é a valorização da integridade e dignidade do Moacir, aspectos que fizeram o artista ser homenageado dentro e fora do Brasil.

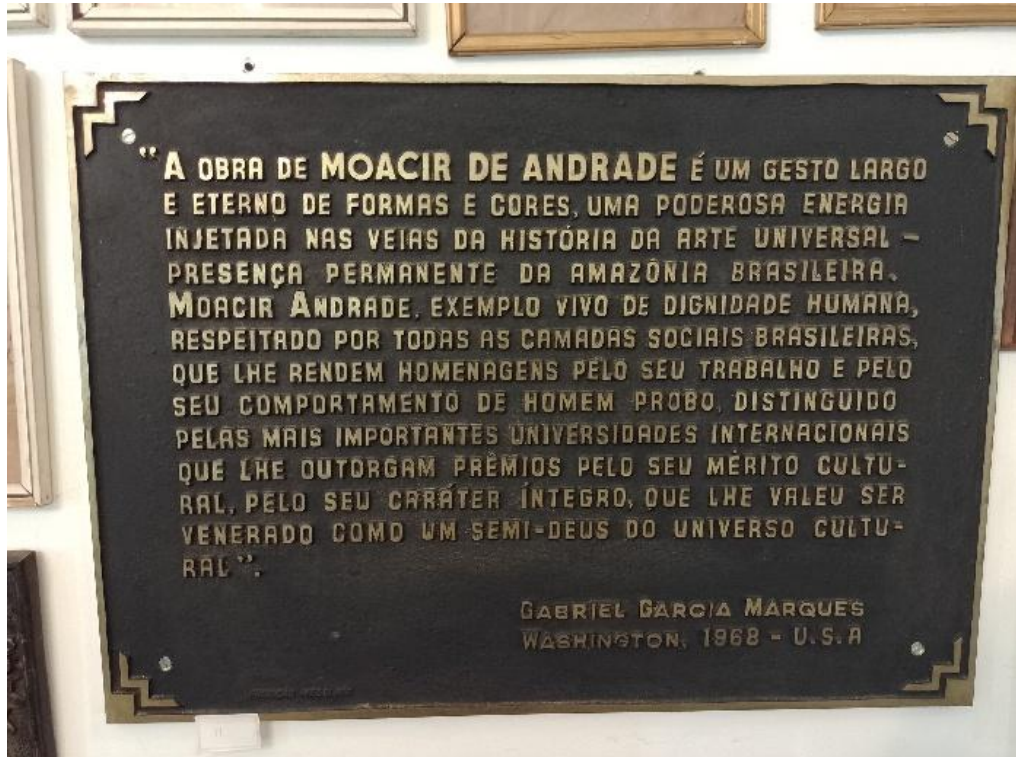


Figura 32: Mensagem de Gabriel García Marques exposta na Sala 01 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

Em detalhes temos a transcrição da mensagem do escrito Gabriel García Marques:

“A obra de MOACIR ANDRADE é um gesto largo e eterno de formas e cores. Uma poderosa energia injetada nas veias da história da arte universal – presença permanente da Amazônia brasileira. Moacir Andrade, exemplo vivo de dignidade humana, respeitado por todas as camadas sociais brasileiras, que lhe rendem homenagens pelo seu trabalho e pelo seu comportamento de homem probo, distinguido pelas mais importantes universidades internacionais que lhe outorgam prêmios pelo seu mérito cultural, pelo seu caráter íntegro, que lhe valeu ser venerado como um semi-deus do universo cultural. (Gabriel Garcia Marques – Washington, 1968 – U.S.A).

A força da homenagem de García Marques sustenta tanto na dimensão estética quanto na dimensão ética do artista, pois aqui Moacir Andrade é exaltado não apenas por sua produção pictórica, mas por seu caráter, sendo descrito como “homem probo”, “exemplo vivo de dignidade humana” e “venerado como um semi-deus”. Essa retórica coloca-o no campo das figuras arquetípicas, próximas do que Boris Kossov (2007) conceitua como “ícones da memória coletiva”, reforçando a ideia de que sua figura pública transcende a obra e assume um valor pedagógico e

civilizatório. A ideia de um “gesto largo e eterno de formas e cores” associa-o a uma força vital que transcende fronteiras e se projeta como permanência, conferindo-lhe estatuto de universalidade no que pode ser interpretado como a partir da ideia de que o reconhecimento de um artista ocorre quando ele é incorporado a instâncias legitimadoras externas ao seu espaço de origem, como a crítica internacional e instituições acadêmicas.

Outro aspecto destacado é a ênfase na dignidade humana e no caráter íntegro de Moacir Andrade, atributos que, segundo Gabriel García Márquez, o colocam como exemplo não apenas de artista, mas de sujeito ético. Essa leitura aproxima-se do que Raymond Williams (2011) denomina de dimensão formativa da cultura, em que a obra e a vida do criador se tornam inseparáveis e passam a constituir um referencial identitário para um povo. A presença da placa não apenas preserva a memória de Moacir Andrade, mas oferece aos visitantes, sobretudo aos estudantes, um modelo formativo de sujeito histórico, no qual arte, território e valores humanos se entrelaçam.

Ao lado da homenagem do Gabriel Garcia Marques encontramos uma mensagem do escritor, historiador potiguar Luís da Câmara Cascudo.



Figura 33: Mensagem de Luís da Câmara Cascudo exposta na Sala 01 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

Podemos observar a partir de algumas fotografias e outros objetos disponibilizados nesta sala que havia uma estreita amizade entre este e o nosso artista amazonense. Para o etnógrafo,

“Moacir Andrade não somente interpreta com seu gênio, as tradições, os hábitos, a identidade e a alma do povo; ele é mais que isto, é o espírito ecumenizado, sincretizado, transparente e universal como o vento, as águas, a floresta e a terra da Amazônia, que traz no sangue e no espírito, como um deus pagão, senhor de todos os sonhos, de todos os fascínios, de todos os absurdos, e de todas as eras”. (Câmara Cascudo – Natal, 6 de junho de 1965).

Câmara Cascudo, reconhecido por seu trabalho como etnógrafo e historiador da cultura popular brasileira, oferece nesta homenagem uma leitura quase antropológica e mitológica de Moacir Andrade. Ao afirmar que Moacir Andrade não só interpreta “as tradições, os hábitos, a identidade e a alma do povo”, Câmara Cascudo reconhece que o artista capta e expressa a essência cultural da região amazônica, num papel que encarna a própria identidade regional o elevando a uma espécie de figura mítica que transcende o papel de um simples intérprete da cultura regional. A dimensão simbólica evocada por Cascudo enriquece ainda mais a construção identitária do artista enquanto figura profundamente enraizada no imaginário amazônico.

O trecho também se destaca pela associação do pintor à ideia de universalidade, descrita como “espírito ecumenizado, sincretizado, transparente e universal como o vento, as águas, a floresta e a terra da Amazônia” onde o artista transfigurado em metáfora da própria região amazônica, carregando consigo seus elementos naturais e simbólicos em que o sujeito e sua obra operam como significantes abertos, capazes de simbolizar coletividades inteiras em suas múltiplas dimensões. Além disso, ao compará-lo a um “deus pagão, senhor de todos os sonhos, de todos os fascínios, de todos os absurdos e de todas as eras”, Câmara Cascudo emprega uma linguagem de mitificação que coloca o artista no patamar da eternidade tornando-o referência duradoura na memória coletiva.

Nesse caminho, encontramos uma homenagem de mesma feita pertencente ao antropólogo brasileiro Gilberto Freire, sem data e local de identificação,

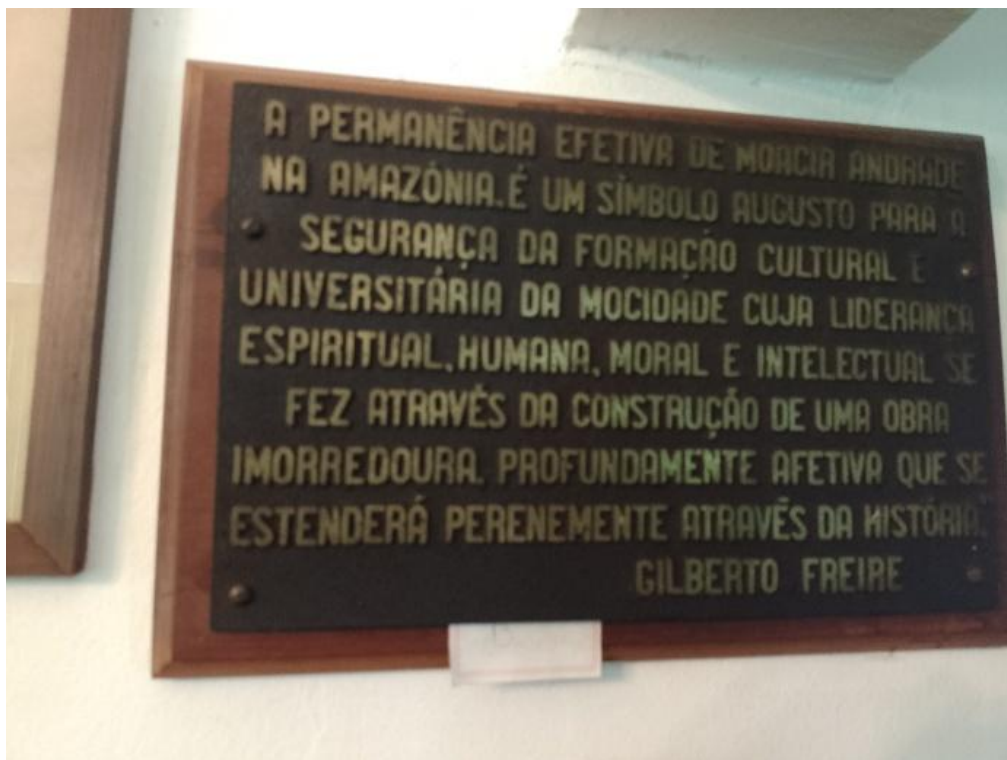


Figura 34: Mensagem de Gilberto Freire exposta na Sala 01 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

expressando o seguinte texto:

“A permanência efetiva de Moacir Andrade na Amazônia é um símbolo augusto para a segurança da formação cultural e universitária da mocidade cuja liderança espiritual, humana, moral e intelectual se fez através da construção de uma obra imorredoura, profundamente afetiva que se estenderá perenemente através da história. Gilberto Freire.”

Vemos aqui um Gilberto Freire taxativo no que se refere à importância de Moacir Andrade. Para ele, Moacir é considerado como um símbolo fundamental para a formação cultural das gerações mais jovens, sobretudo, pelo papel desempenhado pelo artista como liderança cultural e formadora de gerações. Freire insere Moacir num lugar daqueles que, pela permanência e ação no território, educam com o exemplo, desencadeando sensibilidades coletivas. Devemos acrescentar, não somente no contexto em que suas obras eram elaboradas, mas também nas gerações vindouras o que caracteriza a importância do seu legado cultural na construção da identidade e de uma consciência amazônicas. Nesse enaltecimento, percebe-se a ênfase na função educativa e inspiradora da obra do artista, compreendida não apenas como produção estética, mas também como elemento

formador de valores humanos, morais e intelectuais, posto que a memória cultural também pode ser um espaço pedagógico de transmissão de identidades e valores coletivos.

Outro aspecto relevante é a noção de permanência, expressa na ideia de uma “obra imorredoura” que se estende “perenemente através da história”. Nesse ponto, Freire reconhece em Moacir Andrade um produtor de símbolos capazes de atravessar o tempo onde certas práticas e representações são continuamente reatualizadas para manter viva a ligação entre passado e presente. Em um país marcado por deslocamentos e desigualdades, a “permanência efetiva” de Moacir representa mais do que um dado biográfico: simboliza o compromisso ético com o chão amazônico e sua gente, uma adesão existencial à missão de formar, sensibilizar e educar por meio da arte. Um legado cultural que se projeta para além de sua geração, consolidando-se como matriz para a juventude e para a história cultural da Amazônia. Essa leitura aproxima-se da concepção de herança cultural discutida por Paul Ricoeur (2007), em que a memória não se limita ao passado, mas é continuamente reinterpretada pelas novas gerações.

O etnólogo brasileiro nascido na Alemanha, Herbert Baldus, também nos contribui com uma singela mensagem estampada em uma das salas do primeiro andar do Museu.

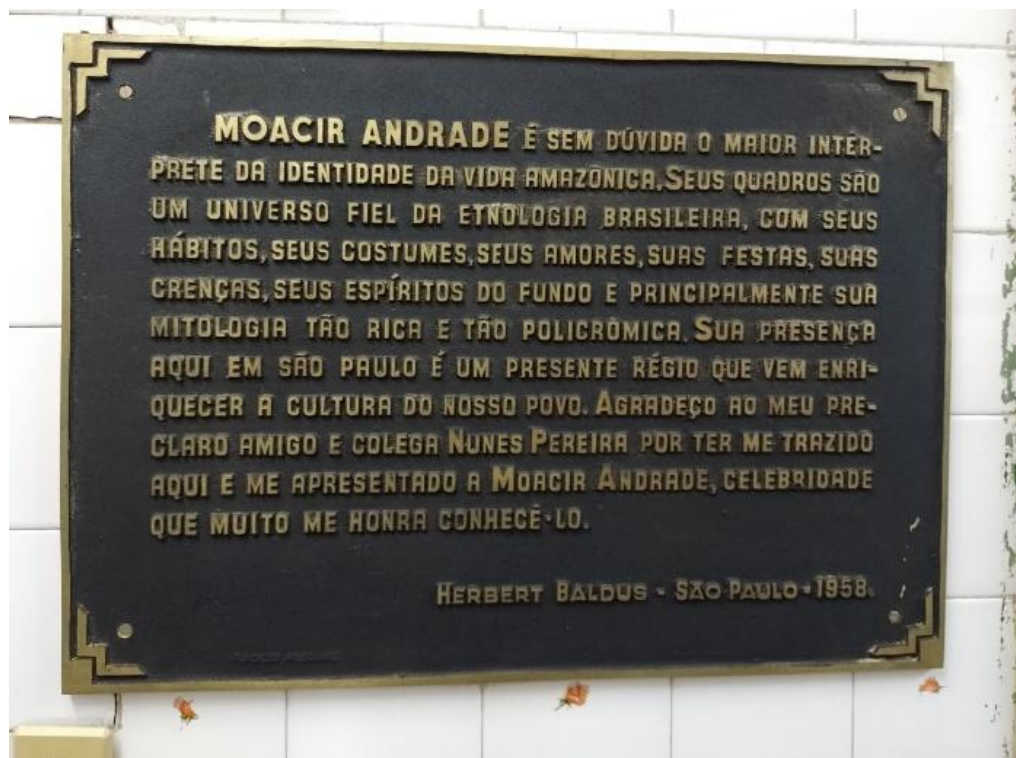


Figura 35: Mensagem de Herbert Baldus exposta na Sala 01 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

Nela vemos a seguinte descrição sobre Moacir Andrade:

“MOACIR ANDRADE é sem dúvida o maior intérprete da identidade da vida amazônica. Seus quadros são um universo fiel da etnologia brasileira, com seus hábitos, seus costumes, seus amores, suas festas, suas crenças, seus espíritos do fundo e principalmente sua mitologia tão rica e tão policrômica. Sua presença aqui em São Paulo é um presente régio que vem enriquecer a cultura do nosso povo. Agradeço ao meu preclaro amigo e colega Nunes Pereira por ter me trazido aqui e me apresentado a Moacir Andrade, celebridade que muito me honra conhece-lo”. (Herbert Baldus – São Paulo – 1958).

Moacir Andrade está sendo representado como um verdadeiro "intérprete da identidade da vida amazônica", conferindo-lhe o papel de mediador entre o universo cultural regional e a apreciação nacional, pois supõe a capacidade de traduzir o complexo tecido de símbolos, mitos, festas e crenças amazônicas em linguagem visual, acessível e sensível a públicos diversos. Baldus não apenas reconhece a qualidade artística de Moacir, mas também legitima sua obra como documento antropológico e histórico, reforçando a potência da arte enquanto fonte de conhecimento sobre os modos de vida tradicionais. A valorização do elemento mítico em: “seus espíritos do fundo e principalmente sua mitologia tão rica e tão policrômica”, reforça o vínculo entre o artista e os saberes ancestrais da floresta, sugerindo que Moacir não apenas representa esses elementos, mas os vivencia e traduz com autenticidade. Podemos perceber que quando Baldus menciona o encontro, promovido por Nunes Pereira, também sinaliza o reconhecimento de Moacir Andrade em redes intelectuais e científicas do país, reforçando seu prestígio fora dos limites regionais, revelando um processo de consagração do artista no campo simbólico brasileiro, ancorado tanto no valor estético de sua obra quanto na capacidade de inscrever, em sua pintura, elementos constituintes da memória coletiva amazônica atribuindo ao artista o papel de depositário legítimo de uma identidade em vias de preservação.

Para Baldus, Moacir Andrade está além de uma admiração individual, mas incorporado no campo do prestígio intelectual nacional, nos mostrando que a obra do artista é um verdadeiro espécime de documento etnológico e histórico portador de uma cultura periférica que alcança o centro, invertendo fluxos tradicionais de

legitimação cultural típico da preservação da memória coletiva não escrita.

Nos deparamos nestas homenagens com uma declaração da escritora Clarice Lispector, no ano de 1972, um discurso repleto de simbolismo e valor afetivo, expressando-o como um mensageiro de valores universais.

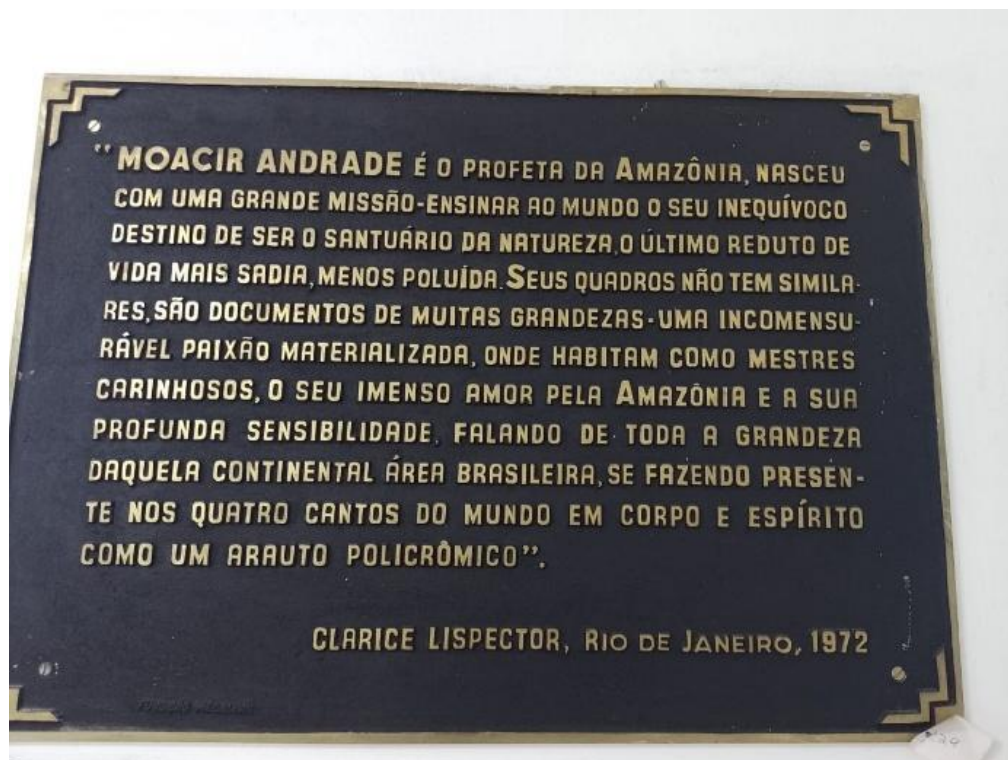


Figura 36: Mensagem de Clarice Lispector exposta na Sala 01 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

Eis a transcrição desta mensagem:

“MOACIR ANDRADE é o profeta da Amazônia, nasceu com uma grande missão- ensinar ao mundo o seu inequívoco destino de ser o santuário da natureza, o último reduto de vida mais sadia, menos poluída. Seus quadros não tem similares, são documentos de muitas grandezas – uma incomensurável paixão materializada, onde habitam como mestres carinhosos, o seu imenso amor pela Amazônia e a sua profunda sensibilidade, falando de toda a grandeza daquela continental área brasileira, se fazendo presente nos quatro cantos do mundo em corpo e espírito como um arauto policrômico”. (Clarice Lispector, Rio de Janeiro, 1972).

A autora não descreve apenas a obra de Moacir Andrade, mas constrói uma narrativa que o eleva ao papel de profeta regional, alguém destinado a revelar verdades ocultas por meio da arte. Algumas menções destacadas nos revelam esses aspectos, tendo em vista a referência à “missão” e ao “santuário” mobiliza um

vocabulário espiritual que sacraliza a Amazônia e sua representação nas pinturas do artista. Essa operação simbólica reforça a noção de que o artista não apenas observa e retrata, mas intervém, atribuindo sentido e convocando o olhar do outro para uma realidade que precisa ser preservada e compreendida. Clarice Lispector constrói uma imagem quase mítica de Moacir Andrade, conferindo-lhe uma aura de profetismo artístico que o insere em uma dimensão ética e espiritual e a Amazônia, assim, é representada como um último reduto de vida, uma identidade regional em risco e uma tentativa de conferir à arte uma função de denúncia e testemunho.

Ao considerar os quadros como “documentos de muitas grandezas”, Clarice amplia a noção de obra de arte para além de sua dimensão estética, atribuindo-lhe um valor testemunhal e memorialístico sob a aura da obra de arte e seu papel como depositária de experiências históricas e culturais. A produção de Moacir, vista como documento, ganha legitimidade enquanto registro de um tempo e de uma cultura em risco de apagamento, funcionando como um mecanismo de preservação simbólica da Amazônia. Moacir Andrade é, aqui, transformado em uma figura que busca ao mesmo tempo ser o homem da floresta, o antropólogo sensível, o pintor consagrado e o “arauto” do sagrado natural. A arte assume uma função pedagógica, política e afetiva, ao dialogar com públicos diversos, espalhados “nos quatro cantos do mundo”.

Outra mensagem de agradecimento, escrita pelo filósofo Jean-Paul Sartre, no ano de 1962. Aqui Sartre tece uma imagem de Moacir Andrade para além da questão meramente estética.



Figura 37: Mensagem de Jean-Paul Sartre exposta na Sala 02 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

Para o autor:

“MOACIR ANDRADE registra nas belezas de suas telas toda a grandeza do fabuloso Amazonas. O folclore, as tradições mais caras, o calor humano representados na movimentação de seus folguedos populares, as lendas, as antigas memórias dos velhos casarões de azulejos portugueses, tudo isso impregnado de muita paz, amor e emoldurados pela sensibilidade da imaginação de um artista que muito cedo soube se impor no cenário intelectual de sua pátria”.
(Jean Paul Sartre – Manaus 1962).

Moacir Andrade é aqui representado como um agente de preservação e tradução poética da memória amazônica. Note que ao utilizar a palavra “registra” isso indica um gesto de documentação, porém não é algo técnico. O que depreendemos aqui é que se trata de uma memória vivida, emocional e artística, que se enraíza nas imagens sensoriais e afetivas do cotidiano e da história regional, pois vemos as menções a elementos característicos importantes como os “folguedos populares”, “lendas” e “memórias dos casarões”, situando a produção artística dentro de um universo sociocultural dinâmico e historicamente situado. A articulação entre o individual e o coletivo aparece mediada pela “sensibilidade da imaginação”, o que revela que, nesse caso, o ato de recordar e de representar está mais próximo

de uma elaboração criativa do que da mera reprodução. A memória, portanto, ganha forma pela arte, mas também é transformada por ela, como uma via bidirecional.

Destacando que essas cenas são “impregnadas de paz, amor” e “emolduradas pela sensibilidade da imaginação”, Sartre coloca a criação artística como algo entre o etnográfico e o lírico, ou seja, uma linguagem própria que transmite saberes locais com profundidade emocional. E quando afirma: “impor-se no cenário intelectual de sua pátria”, também aponta para a legitimação do saber artístico regional no plano nacional, reforçando o lugar da arte amazônica como campo de produção de conhecimento e de memória, como apontado anteriormente por Herbert Baldus. Sartre exalta a obra de Moacir como uma forma sensível e afetiva de registrar “toda a grandeza do fabuloso Amazonas”, trazendo à tona categorias de análise como a Amazônia simbólica e sensível: entre memória, tradição e imaginação artística.

Podemos compreender que essa referência funciona como um dispositivo de legitimação que orienta a leitura do visitante, sugerindo que ali se encontra mais do que pintura. Ali encontra-se um arquivo sensível da vida social, pois as telas atuam como âncoras simbólicas que preservam e transmitem formas de vida coletivas. Contudo, é preciso advertir que toda inscrição memorial é seletiva: a transformação de práticas e lembranças em imagens implica escolhas (ênfase e exclusão, por exemplo) e, por isso, exige leitura crítica, posto que a obra é testemunho vivo, mas também construção interpretativa e, nesse sentido, o pesquisador e o educador devem problematizar tanto o conteúdo iconográfico quanto os usos sociais que dele se fazem no museu.

Uma mensagem significativa que encontramos no Museu remete ao escritor brasileiro João Guimarães Rosa, datada do ano de 1967, na qual é possível observar todo um vernáculo apaixonante sobre a obra e a vida de Moacir Andrade. Para o escritor, Moacir Andrade apresenta, em espaços de arte cuidadosamente organizados, os picos de seu vasto mundo imaginário estabelecendo sua obra como um conto cheio de criaturas fantásticas que revelam a imensidão da selva Amazônica.

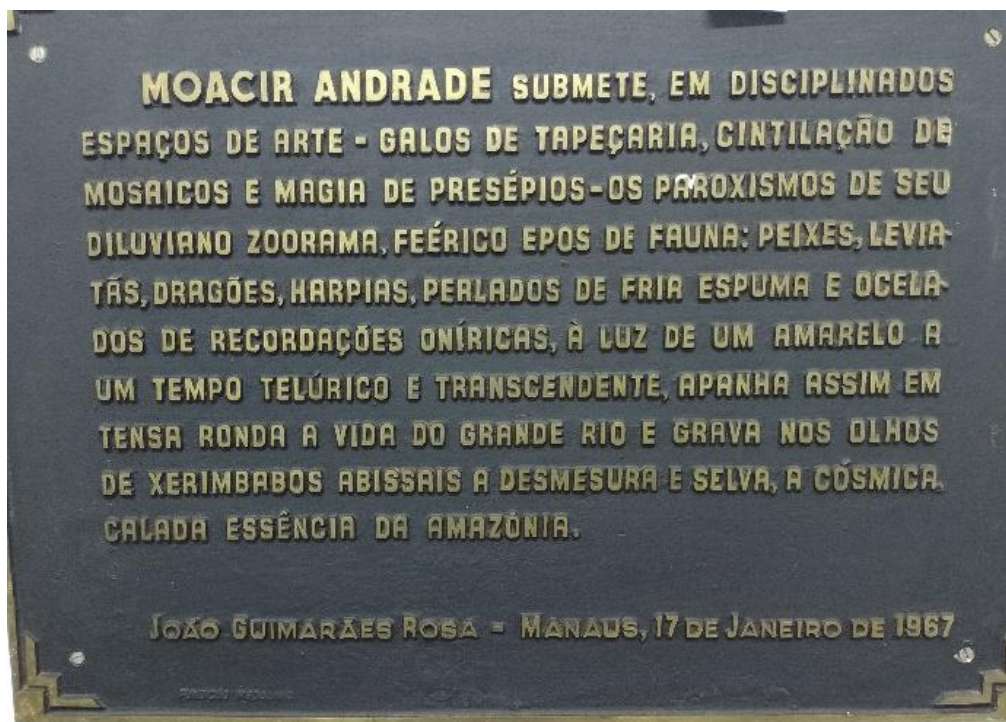


Figura 38: Mensagem de João Guimarães Rosa exposta na Sala 02 do primeiro andar do Museu Moacir Andrade. Foto: Autor, 2024.

Eis a transcrição dessa mensagem:

MOACIR ANDRADE submete, em disciplinados espaços de arte – galos de tapeçaria, cintilação de mosaicos e magia de presépios – os paroxismos de seu diluviano zoorama, feérico epos de fauna: peixes, leviatãs, dragões, harpias, perlados de fria espuma e ocelados de recordações oníricas, à luz de um amarelo a um tempo telúrico e transcendente, apanha assim em tensa ronda a vida do grande rio e grava nos olhos de xerimbabos abissais a desmesura e selva, a cósmica calada essência da Amazônia. (João Guimarães Rosa – Manaus, 17 de janeiro de 1967).

Podemos perceber que esta mensagem se distingue das outras por sua densidade poética e simbólica, característica essencial na obra do escritor. Assim, nesta homenagem observamos uma fusão entre o universo amazônico retratado por Moacir Andrade e a linguagem literária densa e inventiva do escritor mineiro. Guimarães Rosa transforma a pintura de Moacir Andrade em um “zoorama”, que podemos traduzir como uma espécie de epopeia visual da fauna, onde os “peixes, dragões, harpias e leviatãs” se tornam protagonistas de uma narrativa mágica, onírica, um tanto quase mitológica, estabelecendo uma tensão entre o real e o fantástico, como se a pintura de Moacir Andrade captasse não apenas a flora e

fauna, mas também os espíritos do rio bem como os "xerimbabos abissais", os bichinhos da floresta, a coisa muito querida, figuras míticas e carinhosas do folclore e da linguagem regional, num olhar enraizado na terra, mas também capaz de alcançar o plano simbólico, espiritual, ou seja, a pintura deixa, portanto, de ser mera representação da natureza para se tornar um ato narrativo e memorialístico.

Essa concepção de memória, presente nas telas do artista, corresponde ao que Halbwachs (1990), descreve como memória coletiva, qual sejam viva, mutável e constantemente reinterpretada à luz do presente. Dessa forma, acreditamos que arte de Moacir Andrade, assim, não apenas ilustra o passado, mas o reinventa poeticamente, contribuindo para a produção de um imaginário amazônico que conjuga tradição e reinvenção estética. Nesse sentido, as mensagens ora apresentadas operam duplamente, pois, se por um lado, apreendemos como reconhecimento intelectual de um artista que “muito cedo soube se impor no cenário intelectual de sua pátria”, por outro, como um testemunho simbólico da recepção sensível de sua obra enquanto documento da memória e da experiência popular amazônica. Tal perspectiva reforça a tese de que as obras artísticas e os discursos que as rodeiam podem ser lidos como lugares de memória (Nora, 1993), nos quais o afeto, a imaginação e a cultura local se entrelaçam em narrativas não lineares, porém cheias de sentido histórico e social.

Nesse contexto, analisadas as mensagens expostas no Museu Moacir Andrade, podemos inferir que, como espaço de memória, ele adquire um valor ainda maior. Ao acolher tais homenagens, inscritas materialmente em placas de ferro e fixadas em seu espaço físico, o Museu não apenas guarda o legado do artista, mas se torna também um lugar de reverberação da palavra de outros agentes culturais que reconhecem e reiteram a importância simbólica e pedagógica da obra de Moacir Andrade para o entendimento da Amazônia e da sua gente. A inclusão dessas mensagens no espaço expositivo do Museu Moacir Andrade representa não apenas o reconhecimento de sua obra, mas também a validação do artista como símbolo regional. O museu, ao conservar essas homenagens, perpetua o valor simbólico da arte como meio de expressar e resguardar a identidade amazônica. Nessa perspectiva, as homenagens constituem-se numa poderosa fonte pedagógica, capaz de provocar reflexões sobre o pertencimento, o olhar poético sobre o território e o papel da arte na formação dos indivíduos.

O museu não apenas confirma a verdade dessas palavras, como as insere

no cerne da narrativa institucional, em um movimento de profunda humanização do artista, pois aqui o Moacir Andrade não é apresentado apenas como um ícone da arte amazônica, mas como filho, criança sensível, sujeito com raízes afetivas profundas, o que contribui para uma leitura mais rica e emocional daquele espaço. As mensagens de agradecimento dirigidas a Moacir Andrade e preservadas em placas no acervo do Museu que leva seu nome nos demonstra não apenas a magnitude artística do homenageado, mas também sua força como símbolo identitário, cultural e formativo da região amazônica. As palavras de figuras ilustres como Jorge Amado, Thiago de Mello, Gabriel García Márquez, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, Herbert Baldus, Clarice Lispector, Jean-Paul Sartre e da própria mãe de Moacir, Jovina Couto de Andrade, compõem um mosaico interessantíssimo, em que arte, memória e educação se entrelaçam. Cada mensagem oferece uma abordagem singular sobre a contribuição de Moacir Andrade.

As análises dessas mensagens, nos condicionam, portanto, à proposta desta pesquisa ao considerar os materiais textuais e visuais presentes no acervo do Museu Moacir Andrade não apenas como fontes ilustrativas, mas como documentos pedagógicos e históricos de valor incontestável, pois esses materiais disponíveis evocam modos de existência, valores sociais, formas de trabalho e manifestações culturais que atravessam o tempo e se tornam, por meio da arte, acessíveis às novas gerações em espaços educativos como os institutos federais. Do ponto de vista da EPT, especialmente quando pensamos o Museu Moacir Andrade como espaço de formação, essa memória inscrita nas placas se articula com o conceito de formação integral e *omnilateral*, na medida em que apresenta o artista como síntese entre trabalho cujo elemento essencial é a técnica, cultura, a partir do processo criativo, e um sentido ético-político em suas formas de conduta e de reconhecimento social.

O conjunto dessas homenagens nos mostra que Moacir Andrade ocupa um lugar singular na memória cultural brasileira e latino-americana, pois ele é simultaneamente intérprete da identidade amazônica, patrimônio cultural universal e educador por meio da arte. Assim, as mensagens dos intelectuais não devem ser lidas apenas como tributos individuais, mas como a constituição de um lugar de memória coletivo, em que a Amazônia é projetada como símbolo de resistência, beleza e universalidade, ou seja, um testemunho vivo daquilo que Nora (1993) definiu como os espaços simbólicos em que a memória se ancora e resiste ao tempo.

Assim, a presença das placas não apenas preserva a memória de Moacir Andrade, mas pode oferecer aos visitantes, sobretudo aos estudantes, um modelo formativo do que venha a ser identificado como um sujeito histórico, no qual arte, território e valores humanos se entrelaçam. A inclusão destas placas nesta análise reforça o papel do Museu não apenas como espaço de conservação, mas que pode ser um espaço ativo de construção de sentidos, onde os elementos materiais, como a obra do artista, dialogam com elementos simbólicos, como os reconhecimentos externos. Ainda no campo da Educação Profissional e Tecnológica, especialmente no contexto do IFAM e de seu museu, ao ser situado como “senhor de todos os sonhos”, nos propõe a valorização de artistas e mestres da cultura local. As placas, ao serem lidas e interpretadas pelos estudantes, tornam-se documentos históricos e educativos, carregados de significações que ultrapassam a estética e alcançam o campo do saber, da cidadania entre outros.

Compreender esse espaço como um ambiente educativo expandido pode permitir situá-lo no centro das práticas pedagógicas que articulam história, arte e trabalho, especialmente no contexto da EPT. Assim, é nessa perspectiva que a próxima seção deste capítulo se debruça sobre as entrevistas realizadas com professores e servidores do IFAM/CMC. Esta seção está organizada em eixos temáticos, categorias de análise e unidades de registro/contexto (codificação), permitiram o aprofundamento da discussão sobre os sentidos atribuídos à presença do Museu no cotidiano da Instituição, pois buscamos compreender como os sujeitos que atuam diretamente no Instituto percebem e ressignificam o espaço do Museu, contribuindo para o fortalecimento de uma proposta educativa que reconhece a memória como elemento formador, identitário e político, bem como delineamos os desafios e potencialidades de sua utilização no ensino profissional e tecnológico.

4.4. O Museu como espaço de formação: narrativas de professores e servidores do IFAM/CMC

Esta seção do capítulo apresenta uma análise das entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa. O recorte dos dados foi justificado pela relevância do Museu Histórico Moacir Andrade na preservação da memória institucional e pelo potencial dos participantes em contribuir com a reflexão sobre a importância dessa memória na formação educacional. As entrevistas incluíram dois professores e dois servidores do IFAM/CMC.

Para esta análise foram utilizados trechos das entrevistas, com referencial teórico de acordo aos autores utilizados durante a pesquisa e imagens pertinentes para contextualizar e aprofundar a análise. A partir dessas categorias, pretende-se identificar como a memória institucional pode ser articulada com os processos pedagógicos da educação profissional e tecnológica, problematizando os limites e possibilidades da utilização do acervo do Museu como recurso formativo. Esta análise foi dividida em três momentos: a) Eixo 1: Percepções sobre o uso pedagógico do museu; b) Eixo 2: Percepções sobre a função do Instituto Federal de Educação sob as Bases da EPT; c) Eixo 3: Desafios e possibilidades da EPT no IFAM/CMC.

Eixo 1: Percepções sobre o uso pedagógico do Museu

As categorias reunidas neste primeiro eixo revelam que o uso pedagógico do Museu Histórico Moacir Andrade permitiu explorar as percepções sobre a função de acervo estático para se tornar mediador de práticas educativas. Ao articular passado e presente, os sujeitos entrevistados apontam para uma compreensão ampliada da História e da memória institucional como elementos formativos. Essa abordagem está em consonância com autores como Saviani (2003), que entende a educação como prática social transformadora, e Halbwachs (1990), que destaca o papel coletivo da memória na construção de identidades. Também se alinha à perspectiva de Ciavatta (2005), ao compreender a formação na Educação Profissional como um processo que integra dimensões técnicas, culturais e históricas. A seguir, analisamos as categorias emergentes que estruturam essa percepção, à luz dos autores mencionados.

Seguimos, assim, para a análise interpretativa das categorias que compõem o primeiro Eixo de análise. No eixo 1: percepção sobre o uso pedagógico do Museu, delimitamos quatro categorias de análise que foram analisadas a partir das seguintes unidades de registro e contexto elencadas abaixo:

Categoria a) História como Instrumento de Conscientização

Unidade de registro e contexto: "Tentando trabalhar e acordar os alunos para essa realidade", (Ver Imagem 48)

A partir da fala do(a) professor(a), observa-se que a disciplina de História é compreendida como uma ferramenta de conscientização social e política dos

estudantes. A expressão "acordar os alunos para essa realidade" revelam uma intencionalidade pedagógica voltada para a formação crítica, onde o ensino da História transcende a simples transmissão de conteúdos e se propõe a despertar nos discentes uma leitura mais aguçada da realidade em que vivem. Freire (1979), para quem a educação deve ser um ato político que leve à conscientização (consciência crítica da realidade social e histórica), defende que o educador precisa colocar-se ao lado do educando na leitura do mundo, promovendo a reflexão sobre as contradições sociais e incentivando a transformação da realidade.

Essa categoria surge do contexto em que o docente associa o ensino à mobilização de uma consciência crítica, aspecto central na função social dos Institutos Federais que busca articular formação técnica com uma dimensão cidadã e emancipatória, evidenciando que o ensino de História no Instituto Federal deve assumir uma postura ativa, comprometida com a leitura crítica da realidade e com a preparação dos estudantes para intervir de forma consciente no mundo que os cerca. A expressão "acordar" remete à ação de revelar, de despertar os sujeitos para realidades que muitas vezes permanecem naturalizadas ou invisibilizadas. A fala também se alinha à pedagogia histórico-crítica de Dermeval Saviani (2003), que propõe uma formação que vá além da adaptação ao mundo do trabalho, tendo como finalidade a emancipação intelectual e social dos estudantes. Para o autor, "a educação se dá como mediação no interior da prática social global e, por isso, está determinada pelas condições concretas em que se realiza" (p. 12). Desse modo, o ensino da História, ao despertar a consciência crítica, atua como mediação entre o estudante e sua realidade, o que fortalece a função emancipadora do Instituto.

Outro trecho das entrevistas que destacamos dentro dessa categoria já aponta para o espaço do Museu também como possibilidades de inserção do conhecimento para a valorização de uma atitude mais ativa na própria história. O colaborador afirma: "O museu mostra um passado que muitos alunos nem imaginavam. A gente pode trabalhar isso para que eles vejam que a realidade de hoje não surgiu do nada, que tem uma luta, uma construção." (Professor 2), e isso permite inferir que os estudantes necessitam reconhecerem-se como sujeitos históricos. Ao utilizar o termo "luta", o professor sugere que o resgate da memória histórica, por meio das exposições e narrativas presentes no acervo pode contribuir para o desenvolvimento de uma consciência social e política dos educandos, ao provocar o reconhecimento das desigualdades e avanços ao longo do tempo. A

história, portanto, deixa de ser conteúdo estático e se transforma em instrumento de leitura crítica da realidade, pois a presença de fotografias, instrumentos de trabalho e registros de atividades técnicas e culturais dos estudantes e professores da antiga Escola Técnica Federal do Amazonas proporciona uma imersão nos modos de vida e nas práticas educativas do passado. Esses elementos despertam nos alunos uma compreensão mais ampla do papel social da Instituição e das transformações pelas quais passou a educação profissional.

Afirma o Professor 1: "Os alunos ficam surpresos quando veem as fotos antigas. É como se aquilo despertasse um outro olhar para a escola. Muitos perguntam sobre como era antes, e isso abre espaço para falar sobre as mudanças e sobre o papel deles hoje. A surpresa mencionada pelo professor dialoga justamente com um dos elementos analisados em nossa pesquisa, qual seja, o uso das imagens como elementos mobilizadores de reflexão e curiosidade. A reação dos alunos ao entrar em contato com as fotografias históricas do acervo reforça a ideia de que a história da Instituição não está dissociada do tempo presente. O material fotográfico funciona como um gatilho pedagógico que instiga a construção de narrativas críticas sobre os processos de transformação institucional e também social ocasionando um movimento de percepção temporal em que o conhecimento histórico contribui para o desenvolvimento integral do sujeito. As imagens expostas nos painéis e álbuns do museu documentam atividades que marcaram a vivência dos estudantes ao longo das décadas — desfiles, eventos culturais, aulas práticas, momentos solenes e cotidianos. A visualidade dessas memórias possibilita que o aluno se veja como herdeiro e continuador de uma trajetória coletiva, refletindo criticamente sobre o que mudou, o que permaneceu e quais são suas responsabilidades como sujeito de sua época. Uma importante relação que pode e deve ser mobilizada na prática docente da EPT como forma de fomentar a consciência crítica.

Categoria b) Diálogo entre Passado e Presente

Unidade de Registro/Contexto: "Fazendo um paralelo do passado com o presente" (Ver Imagem 49)

Esse registro mostra uma prática pedagógica que valoriza a conexão entre fatos históricos e a realidade atual. Ao falar sobre o "*paralelo do passado com o presente*", fica claro que há a intenção de usar o conhecimento histórico como uma

ferramenta para entender o mundo de hoje. Essa abordagem faz parte da proposta de formação integral do Instituto Federal, que busca promover uma leitura crítica da sociedade por meio do resgate da história. Essa categoria temática está relacionada à ideia de entender o tempo e construir sentido a partir da história. O conteúdo implícito indica uma metodologia que procura dar significado ao presente usando o passado, estimulando a reflexão crítica dos estudantes. Dessa forma, há a intenção de usar o conhecimento histórico para analisar criticamente as dinâmicas atuais, adotando uma leitura dialética da história. Halbwachs (1990), ao discutir a memória coletiva, reforça a ideia de que o passado só adquire sentido à medida que é mobilizado no presente, assumindo a ideia de que a História não é um arquivo estático, mas um campo de disputas de significados, cujas interpretações se reconfiguram conforme as necessidades do presente. Para o autor, “é na sociedade que o homem adquire suas lembranças. É também na sociedade que ele as conserva e evoca” (p. 40).

“Às vezes eu uso o museu como ponto de partida para algumas aulas, principalmente quando o tema envolve memória do trabalho ou ensino técnico” (Professor 1). Consideramos que a visualização dos objetos e imagens permite aos alunos atribuir significado ao conteúdo teórico abordado, tornando a aprendizagem mais contextualizada e significativa, pois, no objeto analisado, as vitrines com ferramentas antigas, bancadas de marcenaria, painéis de oficinas e imagens de atividades práticas resgatam os modos de fazer técnico de outras gerações. Essa materialidade histórica contribui para que os alunos não apenas compreendam o passado, mas estabeleçam relações com as técnicas e saberes que ainda circulam no presente.

Assim, essa prática pedagógica dialoga com o conceito de memória coletiva ao estimular o resgate do passado, o professor contribui para a construção de uma memória social compartilhada, que amplia a compreensão do presente e reforça a identidade dos sujeitos no contexto educativo. Nesse sentido, a prática docente que estabelece esse vínculo entre tempos históricos também se alinha à proposta de formação integral, ao favorecer a construção de uma consciência histórica. As fotografias de oficinas da Escola Técnica Federal do Amazonas nas décadas de 1970 a 1990 — com alunos uniformizados, professores orientando atividades manuais, ferramentas e máquinas obsoletas — evocam memórias coletivas do fazer técnico. Essas imagens provocam identificação e estranhamento, impulsionando o

debate sobre continuidades e transformações na EPT

De outro modo, um servidor técnico-administrativo critica: “O museu traz objetos que contam a história da nossa instituição, mas poucos estudantes param para pensar no que esses objetos significam. É como se eles só enxergassem o lado técnico das coisas, não o lado humano.” Essa observação reforça a crítica à formação fragmentada, que dissocia o conhecimento técnico da dimensão histórica, social e cultural, ausente no processo de mediação pedagógica que seja capaz de contextualizar os conteúdos de forma crítica. Isso se relaciona com o conceito de formação omnilateral retomado por Saviani (2008), no qual o desenvolvimento humano deve integrar os aspectos intelectuais, técnicos, éticos e estéticos. A análise das falas nos mostra que o Museu tem potencial para articular tempos históricos distintos, apesar das dificuldades entre as gerações. Os professores reconhecem que o acervo fotográfico e os objetos técnicos despertam nos alunos questionamentos sobre como as práticas educacionais e os saberes profissionais foram se constituindo ao longo do tempo. Há um longo caminho para compreender essas ações como elementos formadores, capazes de enriquecer as práticas pedagógicas com base na memória e na historicidade do ensino técnico. As percepções revelam que o museu pode funcionar como dispositivo pedagógico para a construção de vínculos identitários e afetivos com a história da Instituição.

Categoria c) Reconhecimento da Riqueza Histórica da Instituição

Unidade de Registro/Contexto: "A instituição tem uma história rica e uma trajetória de grande relevância no contexto da educação profissional e tecnológica na região" (Ver Imagem 50)

Essa unidade de registro destaca o valor simbólico e institucional do Instituto Federal, reconhecendo sua trajetória histórica como elemento de identidade e relevância regional articulando à função de preservação da memória institucional, essencial para a valorização da cultura organizacional e para a formação de pertencimento dos sujeitos que integram a comunidade escolar, sendo este espaço compreendido histórico e socialmente significativo, cuja trajetória deve ser conhecida e transmitida, não apenas por seu valor histórico, mas também por sua potência pedagógica. Essa perspectiva reforça o papel da instituição como agente de formação integral, capaz de articular a técnica com a consciência histórica e social, favorecendo a construção de identidades coletivas. Essa fala demonstra o

reconhecimento, por parte do colaborador, do valor simbólico e histórico da instituição. A ênfase na “história rica” e na “relevância regional” sugere uma percepção da escola como espaço produtor de memória, identidade e legitimidade social. Nesse sentido, a instituição é entendida não apenas como reprodutora de conteúdos técnicos, mas como protagonista de uma trajetória significativa no desenvolvimento regional e na consolidação da EPT, aponta para a construção de pertencimento coletivo por meio da memória compartilhada.

Halbwachs (1990), a memória coletiva é sustentada por grupos sociais que reforçam continuamente os marcos simbólicos de sua identidade. Nesse contexto, a instituição escolar funciona como uma guardiã da memória, capaz de transmitir valores históricos e culturais para as novas gerações, isso demonstra que a memória do Instituto Federal só se torna pedagógica e identitária quando compartilhada coletivamente, especialmente por meio de espaços como o Museu, num claro reforço sobre a importância da preservação ativa da memória como ferramenta formativa, posto que a memória é construída e sustentada em contextos coletivos. Nesse sentido, a memória institucional torna-se elemento estruturante da identidade dos sujeitos e da coesão da comunidade escolar, como podemos inferir da seguinte fala: “Formou gerações de profissionais que contribuíram e ainda contribuem para o desenvolvimento do Amazonas. Isso precisa ser mais valorizado, inclusive pelos alunos de hoje.” (Professor 2), reconhecendo a trajetória da instituição como elemento formador não apenas de sujeitos, mas da própria história regional ao destacar o impacto social da formação técnica no Amazonas.

Freire (1996), também sustenta que o conhecimento de si e da história do próprio espaço é condição para a autonomia dos sujeitos. E isso se torna ainda mais relevante quando identificamos nas entrevistas trechos como: “Eu acho que muitos alunos não têm ideia de quanta coisa importante já aconteceu aqui.” (Servidor 1), pois mostra-nos uma preocupação com o apagamento da memória institucional junto às novas gerações. Os docentes e os servidores reconhecem que o IFAM, enquanto herdeiro direto da antiga Escola Técnica Federal do Amazonas, possui um acervo simbólico e material que merece maior visibilidade dentro da comunidade escolar, pois eles demonstram que a história da instituição pode ser compreendida como fundamento do presente, sendo responsável pela formação de quadros técnicos fundamentais para o desenvolvimento econômico, social e cultural da região. Compreendendo a trajetória do Instituto como relevante, os entrevistados indicam a

importância de transformar esse legado em objeto de reflexão e valorização no processo educativo o que permite fortalecer o papel pedagógico da instituição, enquanto espaço de construção de consciência histórica e crítica uma vez que ensinar história institucional é também ensinar valores, práticas e significados que atravessam gerações.

Categoria d) Memória como Elemento Identitário e Pedagógico

Unidade de Registro/Contexto: "A preservação não é apenas relembrar, mas garantir que boas práticas sejam mantidas e replicadas" (Ver Imagem 51).

Aqui, a memória institucional é abordada como prática viva e orientada ao futuro. O colaborador compreende a preservação histórica não como um fim em si mesma, mas como mecanismo de continuidade, aprendizagem e inovação ao mencionar a importância de "manter e replicar boas práticas", reconhecendo a memória como componente ativo da gestão e da prática pedagógica. O passado é convocado como fonte de experiências validadas, que devem ser incorporadas aos processos formativos e administrativos do Instituto Federal. Essa concepção amplia a função educativa da instituição, ao situá-la como guardiã de uma herança que deve ser acessada, compreendida e transformada em saber pedagógico.

Para Ciavatta (2005), "a formação integrada articula saberes científicos, técnicos e culturais, próprios da experiência de vida e de trabalho, e se realiza no espaço-tempo da escola" (p. 97). Nesse sentido, o ensino da História, mesmo quando questionado em termos de sua aplicabilidade prática, contribui para uma formação integrada ao colocar em diálogo o conhecimento com a experiência histórica e cultural dos sujeitos, tratando como uma visão estratégica da memória, que contribui tanto para a coesão institucional quanto para a formação crítica dos estudantes. Essa concepção defende a escola como espaço de articulação entre saberes e vivências, ressaltando que a cultura do trabalho e a memória histórica são componentes indissociáveis da formação integral. Assim, a memória preservada no Museu adquire valor pedagógico ao transformar experiências passadas em conhecimento vivo e orientador de práticas futuras.

A unidade de registro destacada propõe uma visão dinâmica e funcional da memória institucional. Para ele, o ato de "preservar" é entendido como uma prática voltada para o futuro, mais do que para o passado enfatizar que o objetivo é "garantir que boas práticas sejam mantidas e replicadas", mostrando uma

concepção da memória como elemento estruturante da gestão pedagógica e da identidade institucional tratando de uma memória viva, conectada à formação de sujeitos históricos e à continuidade dos projetos institucionais. o professor demonstra compreensão de que a memória institucional não tem apenas um valor contemplativo, mas formativo, pois a preservação é vista como continuidade, ou seja, um elo entre gerações que permite a atualização de práticas educacionais bem-sucedidas, sendo a memória institucional tratada como instrumento pedagógico que compreende contribui com a construção social e meio de transmissão de valores e saberes.

Percebemos esses aspectos em outro trecho das entrevistas, quando o um dos docentes afirma: "quando o estudante entra em contato com a história da escola, ele começa a entender que faz parte de algo maior. Isso pra gente não é só nostalgia; a gente acredita em formação de valores." Essa mensagem revela o papel da memória institucional como elemento estruturante da identidade dos sujeitos, pois destaca a potência pedagógica do passado como recurso de pertencimento e valorização da própria trajetória do aluno, assim, a memória, nesse sentido, assume função educativa ao articular os vínculos individuais com a coletividade. Halbwachs (1990), compreende que a memória coletiva é constantemente reconstruída à luz das necessidades do presente, dessa forma, o uso pedagógico da memória não é estático, mas deve dialogar com os desafios contemporâneos, orientando práticas e decisões. Além disso, esse entendimento também se aproxima da proposta Freire (1996), ao afirmar que a educação deve partir da realidade concreta dos sujeitos para transformá-la. Ao incorporar as experiências bem-sucedidas do passado como fonte de aprendizado, a escola fortalece seu papel transformador, favorecendo a formação crítica e a renovação institucional.

As categorias analisadas neste eixo revelam que a utilização pedagógica do Museu e da História institucional não se limita à preservação passiva da memória, mas articula-se a uma prática educativa crítica e formadora. O Museu Moacir Andrade, ao preservar imagens, objetos e documentos que narram as diversas fases da Instituição, constitui-se como um espaço privilegiado para essa prática, pois ele pode viabilizar uma aprendizagem situada e afetiva que contribui para que os estudantes reconheçam na história do IFAM/CMC uma herança que também lhes pertence estabelecendo que a memória institucional possa ser compreendida e integrada à prática educativa como elemento identitário e transformador.

Encerradas as análises relativas ao Eixo 1, constata-se que o Museu Moacir Andrade se configura como um espaço potencialmente formativo, capaz de mediar experiências pedagógicas voltadas à conscientização crítica dos estudantes. As categorias revelaram a valorização da História enquanto ferramenta de reflexão e ação, com destaque para a articulação entre passado e presente, a aplicabilidade do conhecimento histórico e a memória institucional como recurso didático e identitário, posicionando o Museu como um dispositivo pedagógico que pode contribuir para a construção de sujeitos históricos e sociais na medida em que o espaço museológico se torna mediador da leitura crítica do mundo por meio da leitura crítica da história, pois ele aparece não só como acervo, mas como instância educativa viva, cuja integração ao cotidiano escolar pode fomentar a formação integral almejada pela Educação Profissional e Tecnológica – EPT.

Essa compreensão, no entanto, não se sustenta de maneira isolada, pois os sentidos atribuídos ao uso pedagógico do Museu estão diretamente imbricados nas representações mais amplas que os sujeitos da pesquisa constroem sobre a função do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Saviani (2008), afirma que a escola é lugar de socialização do saber sistematizado e, nesse sentido, o reconhecimento — ou a negligência — da memória institucional revela concepções diversas sobre a missão da instituição, pois os sentidos atribuídos ao uso pedagógico do Museu estão imbricados nas percepções mais amplas que os sujeitos da pesquisa possuem sobre a própria função do Instituto Federal. Acreditamos que a forma como os docentes e técnicos reconhecem ou ignoram as potencialidades do acervo museológico está diretamente relacionada às representações que constroem acerca da missão institucional do IFAM e, dessa maneira, para compreender os limites e possibilidades do Museu como ferramenta educativa, é imprescindível analisar as concepções que permeiam o papel social, formativo e político da instituição. Assim, ao mesmo tempo em que o Museu é apontado como potencial recurso educativo, ele também é, muitas vezes, marginalizado. A memória, conforme Halbwachs (2006), é sempre construída socialmente, e o modo como é preservada ou apagada está profundamente vinculado à identidade coletiva de um grupo. É nesse ponto que se torna necessário avançar para o Eixo 2 da análise, voltado à investigação das representações da função institucional do Instituto Federal.

Desse modo, analisar como os sujeitos da pesquisa compreendem o papel

do IFAM permite compreender também as tensões entre a formação cidadã e a formação técnica, entre o projeto político-pedagógico previsto nas bases da EPT e sua efetivação no cotidiano. Assim, o Eixo 2 da análise estabelecemos como propósito aprofundar essas representações institucionais, evidenciando como os entrevistados interpretam a função do Instituto Federal no cenário da EPT. A partir das categorias emergentes, como a polarização ideológica, a divergência entre teoria e prática e o desconhecimento das bases legais e históricas da EPT, buscou-se compreender como esses sentidos impactam a apropriação da memória institucional e a constituição de práticas pedagógicas coerentes com o projeto educativo dos Institutos Federais.

Contribuíram para essa discussão, autores como Ciavatta (2005), Frigotto (2003), Saviani (2008), que destacam que para a formação integral exige a superação da dicotomia entre o trabalho intelectual e manual, exigindo práticas educativas que articulem o saber técnico ao saber histórico, ético e cultural. O diálogo entre os dois eixos analíticos, portanto, revela-se fundamental para dimensionar os desafios enfrentados pela instituição na consolidação de uma proposta educacional crítica, integral e socialmente referenciada.

Eixo 2: Percepções sobre a função do Instituto Federal de Educação sob as Bases da EPT

Ao aprofundar a análise das entrevistas realizadas no âmbito desta pesquisa, surgiram categorias que demonstraram contradições presentes no cotidiano da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no IFAM/CMC, as quais compõem o Eixo 2 desta dissertação. Enquanto no Eixo 1 procuramos destacar os sentidos atribuídos ao Museu e à Memória Institucional como instrumentos pedagógicos e formativos, este segundo Eixo volta-se para os limites enfrentados na efetivação dos princípios fundantes da EPT no contexto prático da Instituição. As categorias reunidas neste eixo evidenciam a presença de um descompasso entre o projeto político-pedagógico da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica — ancorado na formação omnilateral, no trabalho como princípio educativo e na integração entre teoria e prática (politecnicidade) — e as realidades institucionais e pedagógicas vivenciadas pelos sujeitos derivando em uma apreensão estruturante que se manifesta em aspectos como a polarização ideológica, a valorização unilateral da formação técnica, a fragmentação da formação integral e o desconhecimento ou

esvaziamento das bases legais e conceituais da EPT.

A análise dessas categorias permitiu, portanto, uma leitura crítica do processo educativo, considerando os desafios de ordem política, epistemológica e material que interferem na implementação de uma proposta de formação comprometida com a emancipação humana. Nesse panorama, os relatos dos colaboradores revelam não apenas dificuldades operacionais, mas também um conflito de projetos de sociedade e de educação, refletido na dinâmica institucional do IFAM/CMC.

Categoria e) Aplicabilidade Prática da História

Unidades de Registro/Contexto: "Era necessário que eles conhecessem os problemas econômicos do país no passado" / "Parte deve ser aplicada, outra desprezada" (Ver Imagem 52)

Nesta categoria, observamos uma contradição constante entre o valor formativo e a utilidade prática do ensino de História. A primeira unidade de registro indica uma preocupação com o conhecimento histórico como base para a compreensão de desafios contemporâneos, enquanto a segunda sugere uma seleção de conteúdos conforme sua aplicabilidade. Essas falas expressam um discurso pragmático sobre o currículo, deixando em evidência uma tensão entre a função crítica da disciplina e sua aplicabilidade concreta no mundo do trabalho e nas decisões sociopolíticas. O destaque dado aos "problemas econômicos do país no passado" sugere que o ensino de História geralmente é concebido como um instrumento de compreensão dos ciclos históricos que influenciam o presente, especialmente no que diz respeito à economia e à cidadania, refletindo uma visão que busca aliar a formação teórica ao preparo para a vida prática e profissional, numa tentativa de legitimar o ensino da História dentro de um ambiente educacional muitas vezes orientado para resultados objetivos e competências técnicas.

A segunda parte dessa unidade de registro "parte deve ser aplicada, outra desprezada" nos indica um juízo de valor sobre os conteúdos que devem ou não ser priorizados no processo de ensino apontando para uma visão pragmática do currículo, sintonizada com as exigências da formação técnica, mas que, ao mesmo tempo, corre o risco de subordinar a formação crítica à lógica da utilidade imediata numa clara disputa entre a formação para a cidadania e a formação para o mercado de trabalho. Saviani (2008), ao discutir a relação entre a educação e a dualidade

estrutural da escola brasileira, mostra que essa ambivalência historicamente separa a formação crítica da formação técnica. Do mesmo modo, Ciavatta (2005), ao defender que a educação profissional não pode se restringir à instrumentalização técnica, mas deve integrar outras dimensões da formação humana, avalizando que num quadro mais amplo que só haverá efetivação quando se articular os saberes escolares como um papel fundamental ao iluminar os processos estruturantes da sociedade, e ao fornecer ao estudante as ferramentas necessárias para compreender, criticar e transformar sua realidade. “A formação integrada articula saberes científicos, técnicos e culturais, próprios da experiência de vida e de trabalho, e se realiza no espaço-tempo da escola” (Ciavatta, 2005, p. 97), assim, mesmo diante da tensão entre utilidade e conhecimento crítico, o ensino da História contribui para uma formação que reconhece a experiência histórica como parte essencial da vida cidadã e do mundo do trabalho.

Categoria f) Divergência entre teoria e prática

Unidade de Registro/Contexto: "Existe no papel, mas não é passada na prática" (Ver Imagem 53)

Essa unidade de registro nos mostra uma crítica recorrente à desconexão entre o discurso institucional e sua aplicação concreta. A expressão “existe no papel” (Professor 1) denuncia a presença de diretrizes e fundamentos em documentos oficiais, mas que não se materializam nas práticas cotidianas da Instituição expondo um conteúdo manifesto de incongruência entre teoria e prática, apontando para a fragilidade Instituição em operacionalizar suas próprias diretrizes. Esse cenário compromete a eficácia da formação integral proposta pela EPT, pois tal contradição revela que, mesmo com uma base teórica orientada para a formação cidadã, emancipadora e crítica, muitas vezes a realidade educacional ainda se estrutura em lógicas tradicionais, desarticuladas dos princípios institucionais. É uma contradição estrutural presente na Educação Profissional e Tecnológica (EPT): a distância entre os princípios orientadores previstos nas normativas legais e a realidade vivenciada no cotidiano das Instituições de educação (Ciavatta; Frigotto, 2003).

Frigotto (2005), e Ciavatta (2009), reforçam essa crítica ao indicarem que a EPT, muitas vezes, é tensionada entre uma concepção emancipatória e uma lógica utilitarista em que a prática pedagógica seja reduzida a uma formação tecnicista, desconectada das dimensões críticas e humanas previstas nos documentos

normativos. Um trecho significativo encontrado nas entrevistas aponta: *“Parte deve ser aplicada, outra desprezada”* (Professor 1), em referência às diretrizes formativas que orientam a EPT. Essa afirmação nos mostra um posicionamento pragmático, no qual há uma hierarquização implícita entre os elementos da formação, qual seja: prioriza-se o que é considerado aplicável ao cotidiano técnico e profissional dos alunos, em detrimento de dimensões mais amplas da formação humana. Em outra fala, o colaborador afirma que “os alunos não sabem o que é EPT”, indicando não apenas que há um distanciamento entre teoria e prática no âmbito docente, mas também um desconhecimento generalizado, por parte dos discentes, acerca do projeto formativo que orienta suas trajetórias educacionais. Essa constatação reforça o argumento de que os princípios da EPT, embora formalizados em documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2012), ainda não se consolidaram na Instituição. A ausência de um trabalho sistemático de formação e sensibilização na comunidade escolar pode ser compreendida como um obstáculo à concretização de uma proposta educativa que integre formação técnica e formação humana de forma crítica e emancipatória (Ciavatta, 2005).

Além disso, um dos docentes entrevistados pontuou que “há uma contradição entre o que se prega nos documentos e o que conseguimos fazer em sala de aula” (Professor 2), destacando as dificuldades reais de implementar os fundamentos pedagógicos da EPT diante das condições objetivas de trabalho. Essa fala remete à crítica de Frigotto (2005), ao apontar que a formação integral proposta para os Institutos Federais é muitas vezes neutralizada por uma lógica tecnicista e produtivista, herdada de modelos educacionais empresariais e voltada para o atendimento de demandas imediatas do mercado. Nesse cenário, o compromisso com a formação de sujeitos críticos e historicamente situados é fragilizado, comprometendo os objetivos mais amplos da política pública educacional. Em outro trecho, o professor é categórico: “Na teoria, a proposta é maravilhosa, mas na prática a gente não vê acontecer como deveria”. O que inferimos desse depoimento escancara uma percepção recorrente entre os sujeitos entrevistados: uma distância entre os princípios que fundamentam a EPT e o cotidiano pedagógico vivenciado nas salas de aula e demais espaços formativos do Instituto Federal.

Como afirma Saviani (2008), a proposta de uma educação omnilateral busca superar a dicotomia entre formação para o trabalho e formação para a vida, integrando os saberes técnico, científico e humanístico. No entanto, o relato do

professor evidencia o quanto essa concepção ainda se encontra fragilizada em termos de materialização pedagógica. Outra unidade de registro pertinente foi: “Os alunos saem daqui muito bem tecnicamente, mas não sabem o que é cidadania, o que é história, o que é política pública” (Servidor 1), demonstrando que, embora os estudantes possam dominar competências técnicas, há uma deficiência no desenvolvimento de aspectos essenciais à formação cidadã, o que já nos alertava Ciavatta (2009), ao afirmar que a formação integral requer o reconhecimento da experiência histórica dos sujeitos e o entrelaçamento entre cultura do trabalho e cultura geral. Para a autora, a educação profissional não pode se restringir à preparação para o mercado de trabalho, mas deve formar sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade em que estão inseridos. Ainda nesse aspecto, com um pouco mais de cautela, um dos servidores administrativos afirma: “*É como se a missão institucional ficasse no papel. A gente faz o que dá conta*” (Servidor 2) reforçando uma visão crítica sobre os limites estruturais, pedagógicos e políticos enfrentados na concretização do projeto educativo da EPT.

Categoria g) Polarização ideológica na EPT

Unidade de Registro/Contexto: "Eles poderiam reproduzir o mesmo modelo no futuro" / "O que é ensinado aqui às vezes parece ir contra o que os próprios alunos acreditam." (Ver Imagem 54)

Uma preocupação constante que encontramos nas abordagens com os colaboradores é o fato da reprodução acrítica de modelos sociais e políticos vigentes. Inferimos que o fato de estarmos em um momento complicado em termos políticos e ideológicos no país, isso acabou se mostrando durante as entrevistas. Alguns trechos não utilizamos para análise, porém, outros foram destacados como essenciais pois percebemos em todos os entrevistados uma certa tensão entre formação crítica e doutrinação num campo de disputa ideológica dentro da EPT, especialmente no ensino de componentes curriculares como História.

Constatamos que a Instituição, por estar inserida nesse contexto atual, pode tanto contribuir para a emancipação quanto para a manutenção do *status quo* a demonstrando como um espaço permeado por contradições, onde diferentes projetos de sociedade disputam sentidos que culminam numa polarização não apenas externa à Instituição, mas que também atravessa o cotidiano escolar, interferindo na forma como os conteúdos são trabalhados e nos objetivos da

formação. Esta fala específica de um dos professores evidencia uma preocupação quanto à possibilidade de os estudantes, ao não desenvolverem pensamento crítico, virem a reproduzir modelos ideológicos já concretizados na sociedade e que, portanto, muitas vezes excludentes, pois o uso do termo "*modelo*" sugere práticas pedagógicas, e até mesmo políticas que, sem reflexão, tornam-se padrão de conduta, sem provocar uma compreensão crítica sobre as relações sociais de produção.

Um dos professores afirma: "A gente observa que muitos alunos chegam aqui acreditando que basta ter um diploma técnico para mudar de vida. Mas não têm clareza do que significa ser trabalhador num país como o nosso." (Professor 2) Esse trecho evidencia a internalização de uma expectativa funcionalista, marcada por uma ideologia meritocrática se apropriando de um discurso de meritocracia que encobre as desigualdades estruturais e culpabiliza os sujeitos por sua posição social. Aqui, o professor aponta para a ausência de uma reflexão crítica sobre a realidade histórica e social da classe trabalhadora. Em outro trecho da entrevista, o professor explicita a tensão ideológica: "Quando a gente tenta discutir questões mais críticas ou trazer temas sociais, há sempre um desconforto. Alguns alunos acham que estamos querendo 'politizar' demais, como se isso não fizesse parte da educação." Sugerindo que a própria ideia de neutralidade é ideológica. Para o colaborador em questão, a ideia de uma educação neutra é um mito, pois todas as escolhas curriculares e pedagógicas carregam valores e interesses e a resistência dos estudantes ao debate crítico pode ser compreendida como efeito de uma formação anterior orientada pela racionalidade técnica e utilitarista, que desvaloriza a dimensão formativa da crítica social, ou como dito anteriormente, pode ser até mesmo um reflexo do atual cenário de contradições e conflitos políticos que se estabeleceu no país na última década. Para ele, educar é ajudar os sujeitos a lerem criticamente o mundo, superando visões deterministas ou alienadas se mostrando ciente dessa tarefa, mas também deixando claro os desafios práticos de sua realização num contexto ideologicamente fragmentado.

Nesse sentido, Saviani (2008) contribui ao afirmar que toda prática educativa é orientada por uma concepção de sociedade. Para ele, "a educação é sempre mediação no processo de constituição dos homens em sociedade" (p. 17). Isso significa que uma educação desprovida de reflexão crítica está, mesmo que de forma velada, orientada por uma ideologia. No caso da EPT, essa ideologia muitas

vezes é de matriz tecnicista, funcional à lógica do capital. A crítica à possível reprodução de modelos hegemônicos mostra o quanto é necessário tensionar essas concepções. Assim, acreditamos que a Instituição deve atuar como mediação entre os conteúdos científicos sistematizados e a realidade concreta dos educandos, promovendo uma ruptura com o senso comum e avançando para uma consciência crítica capazes de formar trabalhadores, mas sujeitos críticos, capazes de compreender sua posição no processo social, e, nesse sentido, compreender que até mesmo a construção do currículo é permeada por um campo de disputa ideológica, no qual determinados conhecimentos são legitimados em detrimento de outros. Assim, esses trechos evidenciam que a polarização ideológica na EPT não está apenas nas políticas públicas, mas se manifesta também nas relações pedagógicas, nas expectativas, e/ou resistências dos estudantes e nas práticas cotidianas da instituição.

De outro modo, acreditamos que o estranhamento inicial dos estudantes ao conteúdo crítico não deve ser interpretado como fracasso da proposta pedagógica, mas sim como parte do processo de transformação da “consciência ingênua em consciência crítica” (Freire, 1987) uma vez que as escolas não apenas reproduzem ideologias dominantes, mas também podem funcionar como espaços de resistência, pois o conflito entre o que se ensina e o que os alunos acreditam pode ser compreendido como uma expressão dessa tensão entre reprodução e resistência o que pode servir como uma potência inspiradora para o contexto da Instituição. Ciavatta (2009) nos lembra que a formação integral no campo da EPT pressupõe a articulação entre ciência, cultura, trabalho e ética. Logo, resistências ao conteúdo crítico sinalizam a necessidade de ampliar os espaços de diálogo e reflexão no processo formativo, para que a Instituição cumpra seu papel de promotora da cidadania e do pensamento autônomo.

Categoria h) Formação integral vs. Técnica

Unidade de Registro/Contexto: "A maioria daqueles que estão na sala de aula... não estarão mais nas suas áreas" / "Bases pregam ambos: cidadania e emprego" / "Sinto falta de um repertório ou sistema mais claro para registrar e compartilhar experiências." (Ver Imagem 55)

Nessa categoria, elencamos algumas unidades de registro que explicitam as contradições entre preparar o aluno para o mundo do trabalho e para a vida em

sociedade. Os trechos evidenciam a frustração com a descontinuidade profissional dos egressos, o que coloca em xeque a lógica de uma formação puramente técnica, no entanto, reconhecem que os documentos orientadores da EPT defendem uma formação dual, que envolva tanto competência profissional quanto formação cidadã. A análise desse conteúdo revela aqui um ponto de inflexão importante para o debate sobre a função dos Institutos Federais: como garantir que o projeto político-pedagógico não se reduza à empregabilidade, mas também promova a construção de sujeitos críticos e historicamente situados? A afirmação de que "a maioria daqueles que estão na sala de aula... não estarão mais nas suas áreas" (Servidor 1) evidencia uma percepção de desencontro entre o ideal formativo e a realidade social e, portanto, econômica dos egressos, uma preocupação que permeia em todos os colaboradores da pesquisa, tanto professores quanto servidores.

Saviani (2008) e Ciavatta (2009), defendem que a formação integral só se concretiza na articulação entre trabalho, ciência, cultura e tecnologia, numa perspectiva que vá além da mera capacitação técnica. Nesse sentido, as falas analisadas indicam uma consciência crítica dos colaboradores sobre os limites da formação técnica isolada, ao passo que reafirmam a importância de uma formação cidadã, histórica e socialmente comprometida, revelando a percepção, principalmente, dos docentes sobre os entraves estruturais e culturais que dificultam a realização da formação integral. O recorrente embate entre formar para o trabalho e formar para a vida em sociedade aparece não apenas como desafio pedagógico, mas como impasse estrutural, condicionado pela lógica mercadológica que perpassa o próprio projeto educacional brasileiro e, nesse sentido, a tentativa de superar uma formação tecnicista ("formar para além do técnico") é prejudicada por diversos fatores, como por exemplo, pode-se constatar na explicitação de que "o aluno adentra a escola com uma expectativa utilitarista", "pensando no emprego", "pensando no ENEM" (Professor 2) o que dificulta o engajamento em disciplinas que compõem o núcleo formativo humanístico. Essa "disputa" entre os dois modelos — técnico e integral — é abordado por Ramos (2001), ao afirmar que: "A dualidade estrutural da educação brasileira relega a formação técnica às classes populares, enquanto reserva a formação geral às elites, perpetuando desigualdades históricas" (Ramos, 2001, p. 47).

Esse incômodo identificado nas falas dos colaboradores pode ser compreendido com a ausência de sistematização e organização institucional das

experiências pedagógicas e históricas vividas no ambiente da Instituição, o que demonstra certa fragilidade dos instrumentos institucionais que deveriam permitir a valorização, a continuidade e a criticidade das práticas formativas. A não sistematização dessas experiências contribui para a despolitização do cotidiano escolar, dificultando a consolidação de uma cultura educacional fundamentada nas bases da EPT. A ausência de um sistema claro para registro e compartilhamento de experiências não apenas desorganiza a prática pedagógica, mas também despotencializa a construção de uma memória institucional crítica e coerente com os princípios da formação integral. Essa disputa, destacada anteriormente, entre a formação integral e a formação técnica, emerge como um ponto sensível nas falas dos colaboradores, revelando uma dualidade ainda presente no cotidiano dos Institutos Federais e essa contradição se manifesta quando a prática institucional privilegia competências voltadas para o mundo do trabalho, em detrimento de uma formação mais ampla e crítica. Um dos professores afirma: “A formação técnica é o foco, mas falta uma formação para a vida, para a cidadania” (Professor 1), apontando para a ausência de elementos que compõem uma formação humana integral. Essa percepção está alinhada com o que Saviani (2008) define como a necessidade de uma educação omnilateral, que articule as dimensões intelectual, ética, estética e prática do ser humano.

O modelo proposto pela Educação Profissional e Tecnológica, conforme delineado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da EPT (BRASIL, 2012), orienta-se pelo princípio do trabalho como base da formação humana, propondo uma integração entre saberes técnico-científicos e formação cidadã. No entanto, as falas dos docentes indicam que essa diretriz ainda encontra dificuldades em sua implementação prática. Um deles declara: “Na prática, o ensino técnico é muito mais valorizado; o resto fica como se fosse algo secundário” (Professor 2) o que evidencia o descompasso entre a proposta pedagógica e a cultura institucional, marcada por uma lógica de produtividade e atendimento a demandas imediatas do mercado o que reforça a necessidade de consolidar, nos Institutos Federais, uma pedagogia que efetive a formação integral como princípio estruturante da EPT.

Categoria i) Desconhecimento das bases da EPT pela comunidade escolar

Unidade de Registro/Contexto: "Alunos não sabem o que é EPT" (Ver Imagem 56)

Esse é um dado interessante e ao mesmo tempo preocupante, pois

apreendemos deste que a própria comunidade escolar, especialmente os alunos, desconhece os fundamentos da Educação Profissional e Tecnológica. Esse foi um tema recorrente durante o período de cumprimento dos créditos do mestrado, quando tivemos contatos com outros estudos realizados em diversas Instituições Associadas e que se confirmou durante a período de vigência da pesquisa, demonstrando certa fragilidade dos processos formativos internos. Esse desconhecimento compromete o engajamento dos sujeitos no projeto institucional e, a nosso ver, enfraquece o papel emancipador do IF, sendo muito mais do que uma mera questão de comunicação, na verdade, trata-se, sobretudo, de um vácuo na formação identitária dos alunos, o que impacta diretamente na apropriação da proposta pedagógica e na valorização do espaço da Instituição como território de formação cidadã.

A partir das falas dos colaboradores, identifica-se um cenário de desconhecimento, por parte de alunos e, em alguns casos, de servidores, quanto aos fundamentos que orientam a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no âmbito dos Institutos Federais. Ao afirmarem que *"os alunos não sabem o que é EPT"*, explicitam a carência de ações institucionais sistemáticas voltadas à socialização dessas bases entre os estudantes, o que compromete o pleno exercício da formação crítica e emancipadora proposta pela instituição. Essa ausência de apropriação conceitual pode ser compreendida como um obstáculo à efetivação do projeto político-pedagógico da EPT, que, conforme Saviani (2008), não pode se restringir à capacitação técnica, mas deve necessariamente articular-se a uma concepção de educação como prática social transformadora, portanto, seu êxito depende de um movimento coletivo de compreensão e engajamento, assim, o desconhecimento das bases não é apenas sintoma de falha de comunicação, mas de um descompasso entre o discurso institucional e a prática pedagógica cotidiana.

Em outra fala complementar, um professor pontua: *"A gente fala em formação integral, mas os próprios alunos não sabem o que isso significa na prática"* (Professor 2), o que corrobora a ideia de que os princípios da EPT muitas vezes permanecem abstratos ou distantes da realidade estudantil e aqui retornamos a um quadro descrito no Eixo 1 sobre a percepção da memória institucional, pois quando a história institucional e seus fundamentos não são incorporados ao cotidiano da comunidade que envolve a Instituição, perde-se a possibilidade de construção de uma identidade educacional coesa.

Categoria j) Comparativo com outros modelos de educação profissional (a exemplo do Senai)

Unidade de Registro/Contexto: “A maioria daqueles que estão na sala de aula... não estarão mais nas suas áreas” / “Alguns dizem que o Senai é mais produtivo” (Ver Imagem 58)

Inicialmente não consideramos incluir essa categoria de análise, pois aparentemente, se distancia por demais do nosso foco e objeto de pesquisa. No entanto, constatamos que todos os participantes em algum momento da entrevista citaram, a título de comparação, o modelo educacional proposto pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

Frequentemente, utilizamos para explicar do que se trata a Educação Profissional e Tecnológica dos Institutos Federais outras instituições de ensino técnico, como o SENAI, alimentado por uma cultura que associa produtividade à lógica de mercado, essa ideia pode ser visualizada no campo das imagens analisadas, (Ver Imagem 58), como verificado na expressão: “mais produtivo”, que sugere uma valorização de modelos voltados exclusivamente à eficiência técnica, em detrimento da formação integral. Nesse contexto, o IF enfrenta o desafio de afirmar sua identidade como instituição de ensino que articula ciência, trabalho e cidadania. A comparação com o SENAI não deve ser vista apenas como crítica, mas como indicativo da necessidade de maior visibilidade e clareza quanto à proposta formativa dos Institutos, especialmente sua função social ampliada em relação a modelos mais tecnicistas. Contudo, como observa Ciavatta (2005), o modelo do SENAI, apesar de sua relevância histórica na formação de mão de obra industrial, tende a promover uma formação fragmentada e instrumental, ao passo que os Institutos Federais propõem uma formação integral e crítica, com foco no desenvolvimento do sujeito em sua totalidade.

A outra unidade de registro destacada evidencia uma crítica à pouca aderência entre formação técnica e inserção profissional: “A maioria daqueles que estão na sala de aula... não estarão mais nas suas áreas” (Professor 1) e tal percepção aponta para uma possível desconexão entre o currículo ofertado e a realidade do mundo do trabalho, bem como para limitações na articulação entre formação técnica e empregabilidade, apresentando os desafios da EPT em garantir uma formação que seja, ao mesmo tempo, crítica, cidadã e profissionalizante — a

própria formação humana integral. E é justamente nesse ponto que destacamos ainda mais a importância dos IF por sua singularidade da proposta emancipatória que visa à formação de sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade. Como aponta Ramos (2011), a EPT nos Institutos Federais deve ser vista como projeto político-pedagógico de emancipação, e não apenas como adestramento para o mercado abrindo espaço para um entendimento mais amplo do papel social da educação. As falas dos colaboradores, portanto, revela um campo de disputa simbólica e prática: de um lado, a formação técnica com foco produtivista e imediatista, representada pelo SENAI; de outro, uma formação mais ampla, reflexiva e cidadã, como proposta pelo IF.

Diante disso, a comparação entre os modelos não apenas reflete diferentes expectativas em relação à EPT, mas também aponta para o desafio de comunicar à comunidade escolar o diferencial do modelo integrado, omnilateral e público no que acaba reforçando a importância de uma atuação institucional que valorize e visibilize a proposta pedagógica dos IFs, reafirmando sua identidade frente às demandas do mundo do trabalho sem abrir mão de seu compromisso com a formação cidadã.

A análise das categorias do Eixo 2 evidenciou importantes contradições, tensões e ambiguidades presentes no cotidiano institucional da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no IFAM/CMC. As falas dos colaboradores revelaram, por um lado, o reconhecimento das bases legais e filosóficas da EPT — como a formação *omnilateral*, o trabalho como princípio educativo e a integração entre teoria e prática —, e, por outro, uma distância significativa entre essas diretrizes e sua efetiva materialização no contexto escolar. Esse descompasso indica não apenas fragilidades na implementação do projeto político-pedagógico da instituição, mas também uma carência de espaços formativos que promovam a apropriação crítica desses fundamentos por parte da comunidade escolar.

O conjunto das categorias analisadas aponta para a existência de um campo em disputa no interior da instituição. As comparações com modelos como o SENAI, críticas relacionadas à produtividade, e a ausência de uma identidade consolidada sobre o que significa ser estudante de um Instituto Federal expressam a necessidade de fortalecer os processos formativos internos, bem como de ressignificar o papel histórico-social da EPT pública, gratuita e cidadã. Tais questões reforçam a importância de se consolidar um projeto educativo coerente com os princípios da emancipação humana e da formação integral.

Nesse sentido, a transição para o Eixo 3 torna-se fundamental para aprofundar a análise sobre os desafios e as possibilidades da EPT no IFAM/CMC. A partir das tensões mapeadas, busca-se compreender quais estratégias institucionais, ações pedagógicas e iniciativas de resistência têm sido desenvolvidas para enfrentar os dilemas identificados. Mais do que apontar lacunas, a proposta é reconhecer os potenciais existentes na escola, valorizando a memória institucional como elemento formativo, e projetar caminhos que articulem inovação, sistematização e compromisso com a formação crítica e cidadã dos sujeitos que compõem o IFAM/CMC.

Eixo 3: Desafios e possibilidades da EPT no IFAM/CMC

Ao encerrar a análise do Eixo 2, observamos que os sentidos atribuídos à Educação Profissional e Tecnológica pelos entrevistados estão atravessados por questões como contradições estruturais, até mesmo disputas ideológicas e, principalmente, desafios formativos. Nesse contexto, essa investigação se desdobra agora para um novo plano de reflexão: a maneira como a memória institucional é tratada, resgatada e projetada no interior do IFAM/CMC. O Eixo 3, portanto, aprofunda o olhar, focalizando os processos de constituição e preservação da memória histórica da Instituição, entendida aqui como elemento formador e estratégico para a construção da identidade coletiva e da cultura escolar, pois é possível perceber que o campo da formação profissional está intrinsecamente ligado às disputas de sentido em torno da função social de suas instituições, nisso, voltamos para os desafios e possibilidades que envolvem a preservação da memória institucional no contexto do IFAM/CMC, evidenciando que o debate sobre a EPT não se encerra em práticas pedagógicas, mas se estende à forma como as instituições constroem, registram e transmitem sua própria história. Podemos perceber pelas falas dos colaboradores da pesquisa uma série de inquietações quanto à ausência de sistematização das experiências escolares e à carência de políticas claras que assegurem a continuidade de iniciativas voltadas à memória.

Assim, este eixo busca compreender como a memória institucional é percebida pelos sujeitos entrevistados, quais ações têm sido realizadas nesse campo, e quais caminhos se desenham para que a história da instituição não se perca em meio ao esquecimento (pois aqui percebemos certas lacunas na sistematização da história do IFAM/CMC). Com isso em mente, se tornou necessário

investigar como se articulam os discursos e as práticas relativas à preservação da memória, quais iniciativas estão em curso e quais silêncios ainda permanecem. A análise desse eixo permite compreender a relação entre memória, identidade institucional e continuidade histórica no campo da educação técnica.

Categoria k) Desafios na preservação e transmissão da memória institucional

Unidades de registro: "A memória institucional muitas vezes parece dispersa ou pouco acessível" / "falta um espaço que conte a história da escola de forma organizada" / "a história da escola podia ser mais trabalhada com os alunos"

Nessa primeira categoria identificamos a presença de uma queixa sobre a dispersão e a inacessibilidade da memória institucional demonstrando uma fragilidade estrutural na sistematização dos registros históricos e culturais no âmbito do IFAM/CMC em relação ao espaço estudado, evidentemente. Essa percepção, expressada pelos entrevistados, nos mostra uma ausência de diretrizes claras e meios efetivos para preservar, organizar e disponibilizar documentos, registros e narrativas que compõem o patrimônio simbólico da instituição. Essa falta de centralização e visibilidade dessas informações impacta diretamente na possibilidade de construção de uma memória coletiva que sustente práticas pedagógicas com base na historicidade da EPT local. Percebemos certas noções de apagamento ou descontinuidade da memória.

Essa constatação assume relevância não apenas no plano simbólico, mas também nas práticas institucionais, que acabam descoladas de sua história, dificultando a transmissão de valores, identidades e experiências intergeracionais, pois a não apreensão da memória institucional também se apresenta como um entrave à formação integral e crítica dos estudantes como instrumento pedagógico. A ausência de arquivos organizados, exposições sistemáticas ou projetos que articulem história e educação profissional e tecnológica torna o ambiente educativo menos propício à reflexão sobre as transformações da EPT e a democratização da memória da instituição, o que se apresenta como um entrave para a consolidação de práticas educativas coerentes com os princípios da Educação Profissional e Tecnológica.

Nesse sentido, a memória é compreendida, aqui, como categoria estratégica para o fortalecimento institucional e para o enraizamento das práticas formativas na história da Instituição. Esses vazios de informações sistematizadas evidenciam

ainda um desafio de ordem política que apontamos no capítulo 2: quem detém o poder de selecionar o que deve ou não ser lembrado? O que permanece registrado e acessível revela tanto a intencionalidade institucional quanto as disputas por reconhecimento? O silêncio da memória, portanto, não é neutro, afinal, ele carrega marcas de exclusão e de invisibilização de sujeitos, práticas e eventos. Assim, a compreensão de que a memória institucional está “dispersa ou pouco acessível” não se limita a uma crítica administrativa, mas aponta para uma questão epistemológica e formativa que perpassa o papel social das instituições de ensino. Conforme discutido, a memória não é apenas um repositório de fatos, mas uma construção social, afetiva e seletiva, conforme afirma Halbwachs (2013). A constatação, nas falas dos entrevistados, de que “a memória institucional muitas vezes parece dispersa ou pouco acessível” remete justamente à ideia de que, nas instituições, o que se lembra ou se esquece não é acidental, mas resultado de processos históricos, relações de poder e racionalizações culturais.

Do mesmo modo, Nora (1993), enfatiza que a memória está enraizada no vivido, na experiência sensível e coletiva, enquanto a história busca o distanciamento crítico e a organização racional do passado e aí percebemos, no contexto do IFAM/CMC, a ausência de espaços de memória sistematizados que evidenciam a falta de “lugares de memória” que cumpram esse papel simbólico e pedagógico de articulação entre experiência histórica e identidade institucional. Esse vácuo dificulta o exercício da memória crítica e compartilhada, posto que não há um projeto coletivo de preservação, essa realidade afeta diretamente o papel formativo da Instituição, pois impede que estudantes, professores e servidores se reconheçam em uma trajetória comum, enfraquecendo a identidade institucional e suas potencialidades pedagógicas.

Esta unidade de registro como um todo está composta de outros elementos contextuais que depuramos das falas dos colaboradores como o fato de que “falta um espaço que conte a história da escola de forma organizada” (Servidor 2) e “a história da escola podia ser mais trabalhada com os alunos” (Servidor 1). Percebemos nesses elementos que tais unidades de registro reforçam a centralidade da questão da memória como instrumento político e pedagógico, alinhando-se à concepção de Gatti Jr. (2015), para quem a história das instituições educacionais não deve se limitar a uma cronologia documental, mas deve recuperar a experiência viva de seus sujeitos, reconhecendo seus saberes e trajetórias, como

na fala do Professor 2: “Os mais antigos sabem de muita coisa, mas essas histórias vão se perdendo”. Isso torna ainda mais evidente a necessidade de políticas de preservação e valorização da memória institucional como dimensão constitutiva da formação humana integral que vai além da mera qualificação técnica, integrando os saberes científicos, históricos, culturais e sociais. Sob essa ótica, a memória da instituição não é apenas um repositório de informações sobre o passado, mas um campo pedagógico estratégico na formação crítica dos sujeitos. Como observa Frigotto (2009), a EPT não pode ser pensada de forma dissociada da historicidade concreta dos sujeitos e das instituições, pois o esquecimento institucional, também é um mecanismo de exclusão simbólica.

Essas entrevistas demonstram que, para além de uma preocupação com arquivos ou documentos, há uma demanda por memória viva, acessível e formativa, pois a ausência de espaços de rememoração compromete o princípio da omnilateralidade ao limitar o acesso a dimensões simbólicas, culturais e sociais da formação daqueles indivíduos. Nesse sentido, a memória institucional precisa ser compreendida como um campo de disputa simbólica e pedagógica, no qual se decide o que deve ser lembrado, valorizado, transmitido bem como o que pode ser esquecido. Reforçamos aqui o caráter político da memória, como já discutido por Thiesen (2013), quando afirma que as instituições educacionais operam com critérios racionais que determinam o que deve ser retido e o que deve ser descartado. Em se tratando de uma escola técnica federal, essa racionalidade se entrelaça com projetos de desenvolvimento, políticas públicas de educação e disputas em torno do papel da EPT na sociedade brasileira. Dessa forma, compreender e enfrentar os desafios na preservação da memória institucional é uma tarefa que se impõe à EPT enquanto projeto formativo integral.

Categoria I) Iniciativas existentes, mas insuficientes para tal missão dentro da EPT
Unidades de registro: “Existem até iniciativas de preservação, como eventos comemorativos e manutenção de arquivos” / “Fazem exposições, mas geralmente são pontuais, ligadas a alguma comemoração” / “Tem gente que guarda as coisas, mas é muito isolado, não é um projeto da escola”

Constatamos essa categoria como uma expressão de uma ambivalência presente no IFAM/CMC: se, por um lado, há ações voltadas à valorização da memória (eventos comemorativos, exposições pontuais, resgate de indivíduos que

contribuíram de alguma forma com o percurso da Instituição, por outro, essas ações não compõem uma política institucional consistente. A unidade de registro encontrada “existem até iniciativas de preservação, como eventos comemorativos e manutenção de arquivos” nos mostra que de tempos em tempos há esforços para a realização de atividades que coadunem com princípios de preservação de memórias individuais e coletivas, porém estes não garantem a preservação sistemática da história institucional, tampouco a incorporam de forma orgânica no processo formativo. Essas ações tendem a se restringir a datas simbólicas ou à ação voluntária de sujeitos específicos, sem continuidade, mediação pedagógica ou inserção em projetos integradores da EPT, pois para que essa concepção ganhe efetividade, é preciso que os sujeitos da Instituição tenham acesso não apenas aos conteúdos técnico-científicos, mas também à história e memória da própria instituição onde se formam visto que esses elementos são fundamentais para a construção de identidade, pertencimento e criticidade. Como observa Moura (2010), a EPT deve oferecer ao educando um “repertório histórico-crítico do mundo do trabalho e das instituições que o formam”, o que inclui reconhecer e integrar a trajetória da própria escola como parte desse universo de significados, uma vez que o contrário pode produzir o esvaziamento simbólico do espaço escolar.

Outras falas dos participantes desta pesquisa reforçam essa percepção, como em “tem gente que guarda as coisas, mas é muito isolado, não é um projeto da escola” (Professor 1) o que deixa em evidência a ausência de sistematização enfraquecendo um potencial formativo algo que talvez não ocorresse se houvesse um marco institucional nesse sentido o que leva a fragmentação sobre a memória institucional, pois as ações acabam sendo desarticuladas e não constituindo um estruturante dentro da Instituição.

É preciso lembrar que a memória institucional é também um campo de produção de saberes e que, quando associada ao trabalho pedagógico, potencializa o processo de ensino-aprendizagem, tornando potencialmente positivo, e em não realizando ações desse tipo as instituições correm o risco de tornar sua história um patrimônio líquido, que se desfaz, reservado a momentos cerimoniais, ao invés de tratá-la como ferramenta crítica de análise e intervenção. Nesse sentido, as iniciativas de preservação existentes devem ser compreendidas como sinais de resistência e como pontos de partida para uma política institucional de memória integrada ao projeto de EPT, uma vez que “fazem exposições, mas geralmente são

pontuais, ligadas a alguma comemoração”, como afirma o professor 2. Para que essa memória cumpra seu papel formativo, ela precisa ser permanentemente trabalhada, ressignificada e apropriada por toda a comunidade escolar o que implica não apenas manter arquivos, museus, bibliotecas e organizar eventos, mas construir dispositivos de formação contínua, como exposições pedagógicas, catálogos temáticos, oficinas de história e preservação da memória institucional com práticas integradas ao currículo técnico e científico da Instituição.

A memória institucional, entendida como expressão das experiências coletivas, dos sentidos produzidos no cotidiano escolar e da historicidade das práticas pedagógicas, não pode ser reduzida a lembranças isoladas ou registros formais descontextualizados, pois a memória é social, seletiva, atravessada por disputas e afetos, sendo permanentemente reconstruída a partir do presente e, nesse sentido, tratá-la como objeto de investigação significa reconhecê-la como campo de saber, como matriz de significações e como ferramenta crítica para compreender as instituições educacionais (Candau, 2012; Halbwachs, 2013; Nora 1993). No contexto da Educação Profissional e Tecnológica, essa perspectiva torna-se ainda mais relevante, uma vez que a EPT busca articular formação técnica e formação humana e a história e a memória das práticas escolares (oficinas, eventos, experiências formativas e trajetórias docentes, por exemplo) são parte indissociável desse processo. Quando negligenciadas ou tratadas apenas de forma comemorativa e episódica, como vimos, perde-se a dimensão formadora da memória e que com a ausência de uma política institucional para a preservação da memória implica a perda de oportunidades formativas cruciais. A formação *omnilateral* pressupõe a superação da dicotomia entre teoria e prática, entre técnica e cultura, entre ensino e emancipação e, assim, a memória institucional, quando trabalhada pedagogicamente, torna-se parte dessa formação, pois insere o sujeito em uma história coletiva de trabalho, resistência, transformação e, principalmente, de pertencimento.

A análise realizada nos três eixos deste capítulo permitiu compreender com mais profundidade as percepções de professores e servidores sobre o uso pedagógico do Museu Moacir Andrade, a partir das dimensões da memória institucional, da formação *omnilateral* e dos desafios e possibilidades da Educação Profissional e Tecnológica no contexto do IFAM/CMC. As categorias encontradas evidenciaram a potência desse espaço enquanto lugar de memória, mas também

demonstraram os problemas, as tensões e invisibilidades ainda presentes nas práticas educativas e na preservação do patrimônio institucional.

No primeiro eixo, verificamos como a história pode ser mobilizada como instrumento de conscientização e como o museu contribui para o diálogo entre o passado e o presente. As experiências relatadas revelaram o reconhecimento da riqueza histórica da instituição e a valorização da memória como elemento identitário e pedagógico, pois tais percepções demonstram que o museu não apenas guarda objetos, mas ativa processos formativos que dialogam com a formação *omnilateral* e a perspectiva crítica da EPT. No Eixo 2, ficaram evidenciadas contradições e desafios enfrentados na prática docente, especialmente no que diz respeito à articulação entre os fundamentos da EPT e os condicionantes institucionais, curriculares e ideológicos. A presença de divergências entre teoria e prática, além da constatação de processos de polarização e invisibilização de saberes, reforçam a necessidade de repensar os espaços e instrumentos pedagógicos que podem potencializar a formação crítica e a consciência histórica dos estudantes. O Eixo 3 permitiu observar com maior nitidez as fragilidades da memória institucional, marcada por iniciativas pontuais, mas ainda insuficientes para constituir uma política sistêmica de preservação, valorização e difusão de sua história. Percebemos a ausência de um repertório claro para o registro e a partilha de experiências, e apontaram a urgência de criar espaços estruturados e inovadores para a memória, sendo o Museu Moacir Andrade percebido como um dispositivo privilegiado para essa tarefa.

Diante desse cenário interpretativo e com base nas contribuições teóricas mobilizadas ao longo da pesquisa, propomos, no capítulo seguinte, a construção de um Produto Educacional que pretende dialogar com os problemas encontrados e, ao mesmo tempo, valorizar os potenciais formativos do Museu. Trata-se da elaboração de um catálogo temático, estruturado a partir das imagens, documentos e objetos do acervo, articulando-os às dimensões históricas, formativas e institucionais discutidas nesta dissertação. Tal proposta se insere no campo da História da Educação Profissional e Tecnológica como uma ferramenta de formação docente, preservação da memória e intervenção pedagógica. Buscamos com esse catálogo temático uma resposta prática e simbólica àquilo que foi diagnosticado: um instrumento que articule saberes históricos, elementos da cultura material e experiências educativas a partir das diretrizes conceituais, pedagógicas e comunicacionais, conforme

proposto por Kaplún (2002), como forma de ressignificar os achados da pesquisa em uma proposta didática capaz de fomentar o uso qualificado da memória institucional no cotidiano da Educação Profissional e Tecnológica.

CAPÍTULO 5

A PROPOSTA OU O DESAFIO, O PRODUTO EDUCACIONAL

Este capítulo tem por objetivo apresentar o produto educacional desenvolvido a partir da pesquisa de mestrado, descrevendo seus propósitos, estrutura e público-alvo através de um catálogo temático que integra imagens do acervo do Museu Moacir Andrade e propõe um diálogo entre memória, arte e educação profissional. O produto surge como resposta às demandas identificadas durante a investigação, especialmente no que se refere à necessidade de preservação da memória institucional e de valorização do patrimônio cultural amazônico como recurso pedagógico.

5.1. Elementos para a elaboração do produto educacional.

O Produto Educacional no mestrado profissional é a materialização da própria pesquisa desenvolvida, sendo o fruto de suas experiências, problematizações e inquietações do meio educacional onde aquela foi realizada. O processo de desenvolvimento do produto deve estar vinculado ao processo de desenvolvimento da pesquisa, sendo um o resultado do outro. No âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), o produto educacional é um recurso ou ferramenta pedagógica criado com o objetivo de resolver problemas práticos ou aperfeiçoar processos educativos dentro da EPT. De acordo a determinação expressa na Área de Ensino da CAPES, ao final do ciclo de pesquisa que contemplou uma reflexão sobre um determinado processo de investigação, a elaboração de um produto educacional pode ser um artefato real ou virtual (Brasil, 2019a). Esse produto educacional deve ser o resultado de um referencial teórico metodológico e no corpo da dissertação de mestrado deve estar descrito e analisado de forma expressa o seu processo de elaboração e aplicação (Escott; França, 2021; Mendonça; Rizatti; Rôças; Farias, 2022).

Os produtos educacionais na educação profissional e tecnológica, de acordo

com documento produzido pela CAPES, devem buscar responder a uma pergunta/problema oriunda do campo de prática profissional, estabelecida no campo da investigação, com aderência às linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação (Brasil, 2019a). De acordo com Rizatti *et al* (2022, p.4-5),

Na dissertação/tese devemos encontrar os fundamentos teóricos-metodológicos que sustentam o objeto de estudo, o problema e encaminhamento da pesquisa, assim como devemos encontrar a descrição do processo que guiou a concepção do produto, avaliação/validação e discussão dos resultados. [...] O produto educacional (resposta), por sua vez, é autônomo em relação à dissertação/tese, isto é, ele deve autoconter os elementos necessários para que o leitor o compreenda e possa replicá-lo, respeitando a natureza para o qual foi concebido.

A partir dessas premissas buscamos desenvolver como parte integrante dessa pesquisa um produto educacional que observasse o espaço do Museu Moacir Andrade como elemento possível para a compreensão da história da Instituição. Concebemos, dessa forma, um catálogo temático intitulado *Catálogo temático do Museu Moacir Andrade: memórias e possibilidades pedagógicas para a EPT* com o objetivo de atingir os professores e coordenadores de cursos de Nível Técnico Integrado, estudantes do IFAM e demais interessados na área de História da EPT, memória institucional, história e memória de instituições escolares.

O catálogo é um instrumento descritivo dos documentos que poderá auxiliar os professores em seus processos pedagógicos no acervo do Museu Moacir Andrade do IFAM campus Manaus Centro. Este catálogo foi construído a partir da seleção de imagens do acervo e dos documentos que compõem o arquivístico daquele local, dialogando com os pressupostos teórico-metodológicos que relacionam memória e história, lugares de memória e preservação da memória institucional apresentamos neste PE, possuindo como finalidade desse instrumento de pesquisa a de promoção de pesquisas temáticas no acervo bem como a possibilidade de ser um recurso educacional como resposta às demandas identificadas durante a investigação, especialmente no que se refere à necessidade de preservação da memória institucional e de valorização do patrimônio cultural amazônico como recurso pedagógico.

A escolha pelo formato de catálogo temático justifica-se por sua capacidade de integrar texto e imagem de maneira organizada e atrativa, além de possibilitar a

circulação digital e impressa. Este modelo favorece a leitura não linear, permitindo que o professor selecione os conteúdos mais pertinentes às suas práticas, ao mesmo tempo em que mantém uma narrativa coerente com os eixos históricos analisados na pesquisa. Com isso, além de promover uma nova forma de acesso aos documentos deste acervo, ampliando a importância da preservação dos marcos institucionais da EPT, consideramos que este PE possa garantir maior apreço aos conjuntos dos documentos que compõem o acervo do Museu Moacir Andrade. Tais ações ocasionam maior visibilidade difundindo o uso dos documentos como fonte de pesquisa e como geradores de conhecimento nos arquivos institucionais de educação profissional e tecnológica.

A concepção do produto educacional foi motivada pelas análises realizadas em que se evidenciou a falta de utilização pedagógica dos acervos históricos e artísticos do IFAM/CMC. Nesse sentido, o catálogo temático surgiu como uma proposta que pode contribuir para aliar a preservação da memória e possibilidades pedagógicas e didáticas, aproximando professores e estudantes de um patrimônio que documenta práticas, ofícios, dentre outros elementos.

O objeto de investigação desta pesquisa foi o Museu Histórico Moacir Andrade situado no Instituto Federal do Amazonas, Campus Manaus Centro. Dentre os objetos alocados naquele espaço temos: atas de inventário, livros de registros, obras e quadros de pinturas, bustos de bronze, ferramentas utilizadas nas oficinas e cursos técnicos na antiga escola técnica de Manaus, registros fotográficos diversos, entre outros. Assim, o tipo de produto educacional escolhido para demonstrar os resultados dessa pesquisa foi um Catálogo Temático.

A primeira etapa consistiu na escolha das imagens que seriam representadas no catálogo. No arcabouço das fotografias registradas durante o desenvolvimento da pesquisa buscamos aquelas que pudessem contribuir de forma significativa para o entendimento do que se tratava o produto educacional. Longe de representar somente aspectos positivos do espaço escolhido para a pesquisa, expomos nesse PE pontos importantes de ajustes que precisam urgentemente serem considerados pela diretoria do campus Manaus centro do IFAM, no que se refere à preservação do Museu Moacir Andrade.

Os lotes de imagens captadas durante a pesquisa foram divididos em duas categorias: a) histórico da Instituição, e; b) obras e homenagens ao artista Moacir Andrade. Na primeira categoria, as subdivisões foram de acordo com os períodos

históricos da Instituição: a) Escola de Aprendizes Artífices (1910-1937); b) Liceu Industrial (1937-1942); c) Escola Técnica de Manaus (1942-1965); d) Escola Técnica Federal do Amazonas (1965-2001); e) Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas (2001-2008) até a presente denominação Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. A segunda categoria está subdividida em: a) mensagens de agradecimentos feitas por personalidades históricas a Moacir Andrade, e; b) obras e graduações do próprio artista.

A segunda etapa foi organizar as seções do PE. O catálogo é organizado em eixos temáticos que articulam imagens do acervo do Museu Moacir Andrade a textos explicativos e análises históricas. Cada seção apresenta fotografias selecionadas, acompanhadas de legendas interpretativas. O material foi planejado para ser utilizado tanto em atividades expositivas quanto em práticas de pesquisa, estimulando a participação ativa de professores e estudantes. Destinado prioritariamente a professores e estudantes da Educação Profissional e Tecnológica, o produto também apresenta potencial para ações de extensão, exposições temáticas e atividades formativas em parceria com instituições culturais. Sua concepção dialoga com as demandas locais, mas possui elementos que permitem a replicabilidade em outras unidades da Rede Federal.

5.2 Os passos para a criação do protótipo.

A concepção do produto foi motivada pelas análises realizadas durante a pesquisa onde debruçamos sobre utilização pedagógica dos acervos históricos e artísticos do IFAM/CMC. Nesse sentido, o catálogo temático surge como uma proposta que alia preservação da memória e inovação didática, aproximando professores e estudantes de um patrimônio que documenta práticas, ofícios e identidades regionais, sobretudo entre as décadas de 1970 a 1990.

O objetivo geral do produto educacional consiste em disponibilizar um instrumento didático que favoreça o ensino contextualizado da Educação Profissional e Tecnológica no Amazonas. Especificamente, busca-se: (1) valorizar a história e memória do IFAM/CMC; (2) estimular o uso pedagógico de acervos museológicos; (3) promover a reflexão crítica sobre a formação profissional humana integral; e (4) servir como material de apoio para projetos interdisciplinares.

Para a concepção desse processo educacional, utilizamos na pesquisa a abordagem desenvolvida por Kaplún (2002), sob a qual a elaboração do produto

educacional está relacionada em três eixos: 1) conceitual, no qual é preciso conhecer profundamente sobre a temática a ser investigada identificando as ideias centrais que serão levadas ao produto com a finalidade de se ter a experiência do aprendizado; 2) pedagógico, estabelecendo um ponto de partida e o ponto de chegada que seja possível nesse interim a construção do aprendizado; 3) comunicacional, posto que a elaboração do produto educacional requer idas e vindas num processo de inclusões, exclusões, sugestões, definidas com e pelos sujeitos envolvidos na própria investigação.

O catálogo foi concebido como um recurso que dialoga com a função social da EPT, que busca formar profissionais críticos e integrados à realidade regional. Ao apresentar imagens históricas organizadas tematicamente, o produto amplia as possibilidades de trabalho interdisciplinar, contribuindo para a reflexão sobre a formação integral e omnilateral, conforme orientam as diretrizes da Educação Profissional. A relevância do catálogo transcende o espaço da sala de aula, pois atua como um instrumento de preservação e divulgação da memória do IFAM/CMC, fortalecendo sua identidade histórica junto à comunidade escolar e ao público externo. Durante a análise qualitativa, emergiram categorias que apontaram para a necessidade de tornar a memória da instituição mais acessível, de criar instrumentos que sistematizem experiências e de explorar o potencial educativo do acervo museal.

A elaboração do catálogo temático demandou um sólido embasamento teórico, de modo a garantir sua relevância pedagógica e científica. A fundamentação adotada articula princípios da Educação Profissional e Tecnológica, reflexões sobre memória institucional e lugares de memória, considerando a necessidade de aproximar a trajetória do IFAM/CMC das práticas educativas contemporâneas. A noção de memória institucional, fundamental para este produto, apoia-se na compreensão de que o registro e a difusão de experiências históricas contribuem para a construção de identidades coletivas e para a consolidação do sentido de pertencimento (Ciavatta, 2023).

Inspirado nas reflexões de Ciavatta, o catálogo propõe a utilização das fotografias históricas não apenas como registro documental, mas como elementos mediadores do ensino-aprendizagem, estimulando a análise crítica, o reconhecimento de contextos produtivos passados e a compreensão da formação profissional ao longo do tempo. Assim, a fundamentação teórica adotada garante que o produto não se limite a um repositório de imagens, mas se configure como um

recurso didático-pedagógico que alia preservação da memória, reflexão histórica e práticas educativas contextualizadas.

De acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística – DIBRATE – o *Catálogo* é um instrumento de pesquisa organizado segundo critérios temáticos, cronológicos, onomásticos ou toponímicos, reunindo a descrição individualizada de documentos pertencentes a um ou mais fundos, de forma sumária ou analítica (Brasil, 2005, p. 45). Na elaboração do presente catálogo buscamos organizá-lo de modo temático e cronológico para enfatizar as transformações ocorridas nessa Instituição ao longo de todo um século de existência. A noção de memória institucional, fundamental para este produto, apoia-se na compreensão de que o registro e a difusão de experiências históricas contribuem para a construção de identidades coletivas e para a consolidação do sentido de pertencimento (Ciavatta, 2023). A elaboração do catálogo temático foi sustentada por uma base teórica que articula a preservação da memória institucional com os princípios da EPT. O objetivo central desta fundamentação é assegurar que o produto vá além de um mero repositório de imagens históricas, configurando-se como um recurso pedagógico capaz de instigar a reflexão crítica e promover a formação integral dos estudantes.

Neste eixo, o desenvolvimento do catálogo exigiu o aprofundamento na temática da memória institucional e da história da educação profissional no Brasil, especialmente na região amazônica, a fim de identificar os conceitos-chave que sustentam sua proposta formativa. Esses conceitos foram mobilizados tanto na seleção dos conteúdos quanto na forma de apresentação do material. No campo da educação crítica, a construção de um produto educacional não se limita à simples organização de conteúdos previamente estabelecidos, mas requer um compromisso epistemológico com o aprofundamento teórico da temática abordada. Segundo Gabriel Kaplún (2002), o eixo conceitual de um produto educativo pressupõe o domínio rigoroso dos conhecimentos que estruturam o objeto de aprendizagem, uma vez que é por meio desse conhecimento aprofundado que se torna possível provocar experiências significativas de aprendizado.

A proposta do catálogo temático fundamenta-se na compreensão da memória não apenas como um registro passivo do passado, mas como um processo dinâmico de significação e construção de identidades. Tal perspectiva encontra respaldo na historiografia contemporânea que reconhece a memória como um objeto

de investigação legítimo, portador de sentidos sociais, simbólicos e políticos. Ao centrar-se no acervo do museu e nas narrativas construídas ao seu redor, o catálogo propõe-se a resgatar elementos que foram silenciados ou dispersos no tempo, recuperando-os como peças-chaves para a compreensão da trajetória institucional do IFAM/CMC e da história da educação profissional na região amazônica.

A memória institucional ocupa um papel central na construção da identidade do Instituto Federal do Amazonas – Campus Manaus Centro (IFAM/CMC). Conforme aponta Ciavatta (2023, p. 45), “a memória não é apenas um depósito do passado, mas uma dimensão ativa que intervém no presente, orientando as práticas educativas e o sentido de pertencimento”. Ao resgatar imagens históricas da antiga Escola Técnica Federal do Amazonas, o catálogo propõe uma reflexão sobre os processos educativos que marcaram a formação profissional de gerações de trabalhadores entre as décadas de 1970 e 1990.

A preservação da memória institucional é também uma estratégia de fortalecimento da cultura escolar e da história da EPT, pois, como destaca Halbwachs (2006, p. 37), “a memória coletiva está sempre em construção, sendo permanentemente reelaborada a partir das necessidades do presente”. Assim, a iniciativa dialoga com a necessidade contemporânea de sistematização e divulgação dos acervos históricos, transformando-os em instrumentos pedagógicos. A memória institucional não é abordada de forma meramente comemorativa, mas como um elemento didático, que permite aos estudantes compreenderem os processos históricos que conformaram a EPT e refletirem sobre os desafios e perspectivas atuais.

O processo metodológico contemplou cinco etapas: (1) levantamento e catalogação das imagens históricas do Museu Moacir Andrade; (2) análise das fotografias à luz das categorias definidas na dissertação; (3) elaboração de textos interpretativos que conectam memória, história e educação; (4) construção de uma linha do tempo com destaque para os marcos da EPT; e (5) diagramação do catálogo em formato acessível para docentes e discentes.

A seleção do material obedeceu a critérios de relevância histórica, coerência com as categorias de análise e viabilidade de utilização pedagógica. A construção do produto contou com a colaboração de professores e técnicos que forneceram depoimentos sobre suas experiências na instituição, além do suporte do setor responsável pelo acervo do Museu Moacir Andrade. A validação do material foi

realizada por meio de acompanhamento contínuo do orientador. Foram utilizados softwares de edição e diagramação para a organização visual do catálogo, bem como ferramentas digitais para gerenciamento das imagens e planilhas de categorização. Todas as citações e referências foram elaboradas conforme as normas da ABNT, garantindo a padronização acadêmica do material. A versão preliminar do catálogo foi submetida à revisão interna e discutida com os colaboradores da pesquisa, recebendo sugestões que contribuíram para o refinamento da linguagem, da diagramação e da coerência pedagógica.

Este produto está dividido em 05 (cinco) seções, cujas abordagens são as seguintes: a) História e memória da EPT no Brasil; b) História e memória como objeto de investigação; c) Arquivos e museus como lugares de memória; d) a descrição e análise de parte do acervo do Museu Histórico Moacir Andrade; e) propostas de atividades pedagógicas que poderão ser executadas naquele espaço ou a partir do acervo disponível no Museu.

Acreditamos que o produto educacional se torne um instrumento que possibilite a experiência de aprendizado, posto que a elaboração de um catálogo temático a partir de uma seleção de objetos que compõem o acervo do Museu Histórico Moacir Andrade possa contribuir para o conhecimento geral da comunidade escolar sobre uma importante instituição de educação profissional do estado do Amazonas o que possibilitará a inserção desses indivíduos ao conhecimento mais amplo da instituição na qual estão inseridos.

Em um primeiro momento podemos observar sobre os bens inventariados do Museu Histórico Moacir Andrade que há uma variedade de itens de diferentes matizes. Durante a análise qualitativa, emergiram categorias que apontaram para a necessidade de tornar a memória da instituição mais acessível, de criar instrumentos que sistematizem experiências e de explorar o potencial educativo do acervo museal. Este produto contribui nesse processo ao passo que organizando imagens, narrativas e interpretações de modo a subsidiar o trabalho docente e a despertar a curiosidade discente para a história da EPT. Na impossibilidade de conter em um produto educacional como um catálogo, imagens de todos os bens desse acervo, sobretudo, do acervo fotográfico no qual existem dezenas de livros-álbuns, buscamos compor esse PE criando categorias temporais e espaciais de modo que o indivíduo ao ter acesso ao mesmo possa compreender as diversas transformações da Instituição. Dessa forma, é possível depreender que a produção desse material

pode contribuir de maneira significativa no processo ensino/aprendizagem uma vez que ele representa uma oportunidade de integração entre várias disciplinas se tornando um recurso importante na interação entre os sujeitos e os conteúdos abordados, superando fragmentações curriculares.

No eixo pedagógico, o catálogo foi concebido como um instrumento de mediação entre o espaço museal e os processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos no IFAM/CMC. Seu ponto de partida reside na constatação, feita pelos próprios sujeitos da pesquisa, da carência de materiais que possibilitem a exploração crítica da história institucional. Já seu ponto de chegada reside na construção de uma ferramenta acessível, contextualizada e significativa, que possa ser utilizada por docentes, discentes e demais servidores da instituição como recurso para práticas formativas que valorizem a memória e a identidade local.

No caso específico deste catálogo temático, o ponto de partida pedagógico está enraizado nas memórias materiais e simbólicas do Museu Moacir Andrade, que por si só já constitui um espaço pedagógico vivo e potente. No entanto, para que esse potencial formativo se efetive, é preciso que o catálogo atue como mediador entre o acervo e a prática docente, estimulando a curiosidade, a reflexão crítica e a reconstrução de sentidos.

Este eixo também contempla a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, ao articular os conteúdos do catálogo com os pressupostos da formação *omnilateral* e da educação politécnica. Assim, a experiência pedagógica proposta não se limita à contemplação das imagens ou à leitura dos textos, mas propõe atividades que promovam a análise crítica, a produção de conhecimento e o resgate da memória institucional como processo educativo. Com isso, o catálogo se torna, simultaneamente, instrumento didático, espaço de memória e ferramenta de pesquisa, possibilitando que professores e estudantes compreendam a si mesmos como sujeitos históricos e ativos na construção da história da Instituição, da cidade e da própria Amazônia.

Para potencializar o uso do catálogo, recomenda-se que o docente inicie o trabalho com um levantamento prévio sobre as memórias e percepções dos estudantes a respeito do IFAM, conectando-as às imagens e aos relatos contidos no material. Essa mediação favorece a aprendizagem significativa e valoriza a história como instrumento de conscientização. Além do uso em sala de aula, o catálogo poderá ser integrado a eventos institucionais, como semanas pedagógicas e feiras

técnicas, promovendo a preservação da memória institucional e estimulando o diálogo intergeracional entre docentes, discentes e servidores aposentados.

Os espaços não-formais de ensino na Educação Profissional e Tecnológica, geralmente, são nomeados em função de homenagear os sujeitos que contribuíram pelo desenvolvimento de determinada Instituição. Assim temos uma biblioteca que leva o nome em homenagem a algum professor ou um auditório à determinado servidor, não sendo diferente no caso do Museu do Instituto Federal do Amazonas, campus Manaus Centro, homenageando o artista amazonense Moacir Andrade (1927-2016), que foi aluno e professor da Instituição, no qual a antiga Sala Memória da Escola Técnica Federal do Amazonas, passou a ser denominada na segunda metade dos anos 1990, de Museu Histórico Moacir Andrade. Destacamos esse brevíssimo relato histórico, pois para a concepção do PE se fez necessário uma seção específica para além da análise exercida, fundamental foi homenagear aqui o artista Moacir Andrade em uma seção específica.

Neste eixo, a elaboração do catálogo foi concebida como um processo dialógico e interativo, atravessado por escutas, revisões, inclusões e sugestões oriundas da própria comunidade institucional. Nesse sentido, o produto não se encerra em si mesmo, mas se propõe como ponto de partida para novas apropriações, interpretações e reconfigurações, permitindo que o Museu Moacir Andrade seja vivido e compreendido como um espaço ativo, integrador e formador no cotidiano da Educação Profissional e Tecnológica.

O eixo comunicacional, segundo Gabriel Kaplún (2002), refere-se ao processo de construção coletiva dos materiais educativos, concebendo a comunicação como um espaço de negociação, escuta e participação ativa dos sujeitos envolvidos. Diferente de uma concepção unilateral, em que a informação é simplesmente transmitida de um emissor a um receptor passivo, esse eixo propõe que a produção educacional se faça em constante diálogo com seus interlocutores (professores, estudantes, técnicos, gestores, etc.) que contribuem não apenas como destinatários, mas como coautores das mensagens e significados mobilizados no processo. Isso implica reconhecer que ensinar é também aprender, e que comunicar é compartilhar sentidos construídos socialmente.

A elaboração do catálogo temático do Museu Moacir Andrade se inscreve nessa perspectiva comunicacional, pois nasce de uma escuta atenta às vozes e experiências dos sujeitos que compõem a trajetória da Educação Profissional e

Tecnológica no IFAM/CMC. As entrevistas realizadas com professores e servidores, os registros fotográficos dos acervos, os documentos e os testemunhos constituem fontes vivas de saber e memória, que não foram simplesmente organizadas como registros históricos, mas traduzidas em linguagem acessível e visualmente expressiva, permitindo múltiplas leituras e interpretações. O processo de composição do catálogo envolveu idas e vindas, ajustes e reformulações, pautadas por sugestões, observações e contribuições oriundas do próprio campo de pesquisa, tornando o material não um produto acabado, mas um artefato em contínuo diálogo com seu público.

A comunicação, neste caso, também cumpre uma função pedagógica essencial: é por meio da mediação comunicacional que o acervo se aproxima da prática docente e da realidade estudantil. A linguagem utilizada nos textos, a curadoria das imagens e a proposta gráfica dialogam com os repertórios culturais dos sujeitos da escola, contribuindo para fortalecer o sentimento de pertencimento institucional e promover a valorização da memória local. Além disso, o caráter comunicacional do produto se amplia ao potencializar sua circulação em diferentes espaços educativos, como seminários, feiras científicas, oficinas de formação, bibliotecas escolares e ambientes virtuais, configurando-se como um recurso pedagógico que ultrapassa os limites do impresso e se projeta como experiência coletiva e viva de aprendizagem.

5.3 A execução dos testes, o aprimoramento e validação do produto.

Entre os meses de maio e junho de 2025 foram realizados os ajustes do material que seria desenvolvido. Nesse ponto foi necessário a contratação de uma profissional para transformar o protótipo feito com a utilização da ferramenta *powerpoint*® do *Microsoft word*® em um material mais robusto para a avaliação dos colaboradores da pesquisa bem como dos estudantes do curso de mestrado do ProfEPT.

Durante os meses de julho e agosto de 2025 foram realizados os ajustes necessários. Ao todo o produto educacional obteve duas versões: uma preliminar e outra oficial.

Utilizando-se da escala de Likert fora produzido um formulário de questões e/ou afirmações no *Google forms*® contendo 20 questionamentos e um espaço ao final de cada seção para críticas, elogios ou sugestões, divididos da seguinte forma:

seção 1: aspectos pessoais do avaliador (questões); seção 2: aspectos conceituais (05 afirmações); seção 3: aspectos pedagógicos (05 afirmações); seção 4: aspectos comunicacionais (05 afirmações). Cada questão possuía como possibilidades de respostas as seguintes ideias: a) discordo totalmente; b) discordo; c) Indiferente; d) Concordo; e) Concordo plenamente. Esse formulário está disponível no Apêndice D.

Após as avaliações realizadas pelos 08 colaboradores durante o mês de julho e agosto de 2025 chegamos ao aprimoramento necessário para a versão final do produto educacional que pode ser observada no Apêndice A. O Produto Educacional possui 54 páginas, em versão digital e física.

Ao obtermos a versão final do produto, o mesmo será avaliado juntamente com a dissertação junto à banca examinadora que irá tecer as suas considerações e, posteriormente, após seguirmos as orientações dos avaliadores, disponibilizaremos no repositório do Instituto Federal do Amazonas, como também a sua versão impressa que estará alocada na secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT – do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, campus Manaus Centro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito central analisar as percepções de docentes do Instituto Federal do Amazonas – Campus Manaus Centro acerca do uso do Museu Moacir Andrade como espaço de preservação da memória e como recurso pedagógico no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). O estudo partiu do reconhecimento de que os Institutos Federais, criados para articular trabalho, ciência, cultura e tecnologia, enfrentam o desafio de integrar a dimensão histórica e patrimonial em suas práticas educativas, fortalecendo a formação humana integral e omnilateral. A pesquisa buscou compreender como aqueles objetos e os testemunhos docentes poderiam contribuir para a preservação da memória da instituição, para o fortalecimento da identidade escolar e para a formação humana integral preconizada pela EPT.

O problema investigativo emergiu da constatação de que, embora o Museu Moacir Andrade possua um acervo com imagens, objetos e registros históricos que documentam as transformações da antiga Escola Técnica Federal do Amazonas, seu uso pedagógico ainda é esporádico e carece de sistematização. Diante disso, buscou-se compreender de que forma os professores e servidores percebem esse espaço e quais sentidos atribuem a ele na formação dos estudantes e na preservação da memória institucional.

A pesquisa justificou-se pela relevância de integrar memória, educação e patrimônio histórico no âmbito da EPT, entendendo que esta não deve restringir-se à mera transmissão de competências laborais, mas promover a consciência histórica e o reconhecimento do percurso institucional como parte da formação cidadã.

A análise dos dados permitiu a construção de três eixos interpretativos que evidenciam, de maneira articulada, as percepções docentes sobre o papel do Museu Moacir Andrade na Educação Profissional e Tecnológica e sobre a preservação da memória institucional do IFAM/CMC. O primeiro eixo, voltado à compreensão do museu como recurso pedagógico, revelou que os professores reconhecem seu potencial educativo, sobretudo por possibilitar a contextualização histórica da EPT e a valorização do patrimônio institucional. Entretanto, as ações de mediação ainda ocorrem de forma pontual, sem um planejamento didático integrado às práticas curriculares.

O segundo eixo abordou as funções e desafios da EPT a partir da ótica

docente, evidenciando a existência de problemas concretos entre os princípios formativos previstos em documentos oficiais, como a formação humana integral, e a realidade vivenciada no cotidiano escolar onde se compreende tanto uma busca por alinhamento às bases legais e pedagógicas da EPT quanto a percepção de obstáculos estruturais, ideológicos e organizacionais que dificultam essa materialização.

Já o terceiro eixo concentrou-se nos desafios e possibilidades de preservação da memória institucional onde constatamos que, embora existam iniciativas de resgate histórico, estas ainda são dispersas, pouco sistematizadas e insuficientes para assegurar a continuidade da memória coletiva. Os docentes ressaltaram a importância de criar mecanismos permanentes de registro, divulgação e integração dessas memórias aos processos formativos.

A presente pesquisa contribui para o campo da Educação Profissional e Tecnológica ao propor uma articulação entre a memória institucional, a prática docente e a utilização de acervos museológicos como recurso pedagógico. Do ponto de vista teórico, avança no debate sobre o papel dos Institutos Federais na preservação de suas histórias, ao reconhecer a memória não apenas como um repositório de fatos passados, mas como um elemento ativo na formação crítica e cidadã dos estudantes.

As contribuições desta pesquisa se manifestam em duas dimensões principais: acadêmica e prática. No campo acadêmico, o estudo oferece um mapeamento de parte do acervo do Museu Moacir Andrade, articulando-o às diretrizes da EPT e às reflexões de autores como Ciavatta. Além disso, o produto educacional desenvolvido fornece um recurso metodológico que poderá subsidiar novas investigações e ações formativas. No campo prático, a pesquisa fomenta a integração entre memória e ensino, indicando caminhos para que docentes utilizem imagens históricas como ponto de partida para debates sobre identidade institucional, desenvolvimento regional e transformações no mundo do trabalho, pois o catálogo temático sistematiza e contextualiza parte do acervo museológico, tornando-o mais acessível a professores, estudantes e à comunidade. Este produto educacional visa apoiar práticas pedagógicas alinhadas à formação humana integral, fomentando a integração do museu às atividades curriculares e extraescolares.

Neste contexto, o Museu Moacir Andrade, como espaço vinculado ao IFAM/CMC, adquire centralidade. Mais do que depositário de objetos, o museu pode

ser ressignificado como espaço pedagógico privilegiado da EPT, pois contém, em seus acervos fotográficos, documentais e materiais, a trajetória das oficinas, dos cursos, das reformas, das práticas pedagógicas e dos sujeitos formadores.

A proposta de sistematização e inovação, portanto, deve reconhecer o museu como lugar vivo, capaz de conectar o passado ao presente educativo por meio de exposições temáticas, projetos integradores, pesquisa com estudantes e articulação com os currículos.

O desafio, portanto, não está apenas em “preservar” memórias, mas em organizá-las didaticamente, ativá-las no cotidiano escolar, e transformá-las em experiências formativas. Essa sistematização deve considerar múltiplas linguagens (como a imagem, o testemunho oral e a materialidade dos objetos técnicos), de modo a potencializar a compreensão do papel histórico das instituições formadoras e da educação técnica na construção da cidadania. A ausência de sistematização, nesse sentido, pode contribuir para a dispersão da memória institucional e, por consequência, para a invisibilidade de práticas educativas.

Essa omissão também compromete a própria natureza formativa da EPT. Conforme a proposta de formação omnilateral, discutida por autores como Saviani (2008) e Frigotto (2005), a EPT deve superar a lógica da dualidade estrutural da educação brasileira, oferecendo aos estudantes não apenas a formação técnica para o mundo do trabalho, mas também elementos para a compreensão crítica da realidade, da história e da cultura. A memória institucional, sistematizada e socializada, integra esse processo, pois permite que os sujeitos se reconheçam como parte de uma coletividade histórica e cultural, compreendendo as permanências, rupturas e contradições que marcam o percurso da instituição.

Superar essa ausência exige inovação não apenas tecnológica, mas sobretudo pedagógica, incorporando a memória como dimensão constitutiva da formação humana integral. A sistematização da memória institucional, ancorada em práticas educativas e em espaços de mediação como os museus escolares, torna-se, assim, não apenas uma estratégia de preservação, mas uma exigência ética e epistemológica da EPT comprometida com sua história e com a formação plena de seus sujeitos.

Integrar o Museu Moacir Andrade ao projeto pedagógico institucional significa dar concretude a essa visão. Significa reconhecer que a preservação da memória escolar, por meio de acervos fotográficos, documentos, relatos orais,

objetos pedagógicos e exposições interativas, pode ser articulada à formação técnica e científica, aos componentes curriculares, aos projetos integradores e às ações de extensão podendo ser uma oportunidade de superar a lógica de iniciativas dispersas e episódicas, substituindo-a por uma política de memória institucional crítica, participativa e interdisciplinar, capaz de formar sujeitos conscientes de sua história e do papel social da educação profissional. Assim, o Museu Moacir Andrade deixa de ser apenas um espaço de guarda para se tornar um espaço de escuta, criação e reconstrução da identidade institucional, acolhendo a multiplicidade de vozes que formam o IFAM/CMC ao longo do tempo.

Por exemplo, o acervo técnico do museu, como torno mecânico, máquinas de escrever, pranchetas de desenho técnico, entre outros, nos mostra como o conhecimento técnico está inserido em contextos sociais, econômicos e políticos. Ao serem discutidos em aula, esses objetos deixam de ser apenas “coisas velhas” e se tornam fontes de reflexão sobre o papel da técnica na formação do trabalhador e na transformação da sociedade.

Poderíamos enfatizar o valor pedagógico do anacronismo e da historicidade das técnicas, pois a percepção de que tecnologias consideradas “ultrapassadas” já foram centrais no processo produtivo permite aos estudantes relativizar a ideia de progresso linear e valorizar os saberes construídos historicamente. A mediação de um professor nesse cenário pode promover um deslocamento da compreensão utilitarista da técnica para uma visão mais ampla, ética e social, conforme Frigotto (2005), e Saviani (2007). Ao relacionar o passado da própria escola com o presente dos estudantes, estabelece-se um elo identitário que permite ressignificar o espaço escolar e essa abordagem favorece o sentimento de pertencimento e amplia a compreensão de que o processo educativo é histórico e coletivo. O museu, nesse contexto, atua como “ponte” temporal, despertando curiosidade e vínculos emocionais com a trajetória da instituição e com a própria EPT.

Por fim, os relatos também sugeriram que o fortalecimento do vínculo dos estudantes com a história da instituição pode contribuir para um sentimento ampliado de pertencimento e para a ressignificação da experiência educativa. O museu assume, assim, uma função estratégica no processo formativo, não apenas como guardião de memórias, mas como agente que ativa reflexões sobre identidades coletivas, percursos educacionais e projetos de futuro. A valorização da memória institucional se traduz, portanto, em potência para o presente pedagógico

da EPT.

Ao ser mobilizada pedagogicamente, a memória torna-se um instrumento de reflexão crítica e de valorização das boas práticas, que podem ser atualizadas e incorporadas ao presente. A ideia de "aprender com quem veio antes" revela a importância de pensar a escola como espaço de transmissão não apenas de conteúdos técnicos, mas de sentidos e valores construídos ao longo do tempo. Nesse sentido, o papel do educador também é o de mediador dessas experiências históricas, promovendo um ensino que respeite a tradição sem abrir mão da inovação.

O Museu Moacir Andrade, ao preservar imagens, objetos e documentos que narram as diversas fases da instituição, constitui-se como um espaço privilegiado para essa prática. Ele viabiliza uma aprendizagem situada e afetiva, contribuindo para que os estudantes reconheçam na história do IFAM uma herança que também lhes pertence. A memória, assim compreendida, se integra à prática educativa como elemento identitário e transformador, que fortalece a missão da Educação Profissional e Tecnológica em sua dimensão histórica, social e política.

Esperamos que essas contribuições impactem tanto a preservação e divulgação da memória institucional quanto a qualificação das práticas docentes no IFAM/CMC, estimulando a criação de novas iniciativas que valorizem o patrimônio histórico e promovam uma educação mais crítica, reflexiva e conectada à realidade local.

Para pesquisas futuras, recomenda-se a ampliação do escopo tanto do acervo estudado quanto do número de sujeitos participantes, incorporando diferentes segmentos da comunidade escolar e ex-alunos. Sugere-se também a continuidade da sistematização e digitalização do acervo, possibilitando maior acesso e preservação, bem como a replicação do catálogo temático em outras unidades da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Do ponto de vista pedagógico, seria pertinente o desenvolvimento de formações continuadas que abordem o uso de fotografias históricas e museus escolares como recursos para a formação humana integral, fortalecendo a memória institucional como ferramenta de ensino e aprendizagem.

Como expressa a epígrafe de abertura deste trabalho, Moacir Andrade (1998) concebia que "o espírito da gente está naquilo que a gente deixa... na nossa obra", esta dissertação procurou materializar essa concepção ao articular imagens,

depoimentos e análises em torno da memória da Educação Profissional e Tecnológica no Amazonas. O produto educacional desenvolvido, na forma de catálogo temático, não apenas documenta o que foi vivido, mas também propõe uma maneira de transmitir essa herança às gerações futuras. Assim, a memória institucional, antes dispersa, encontra na educação um caminho de permanência e reinvenção.

Apesar dos avanços alcançados, esta pesquisa apresenta limitações que precisam ser consideradas para a adequada compreensão de seus resultados. Um fator limitador relaciona-se ao tempo disponível para a realização da investigação, que coincidiu com o cronograma do mestrado. A necessidade de conciliar a organização do material, a condução das entrevistas e a elaboração do produto educacional exigiu escolhas metodológicas que privilegiaram a análise qualitativa, mas restringiram a aplicação de outros instrumentos de pesquisa. Além disso, a própria dinâmica de integração entre o museu e as práticas pedagógicas ainda se encontra em estágio incipiente, o que dificulta a observação de impactos de longo prazo.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). Conselho Nacional de Arquivos. **Recomendações para a produção e o armazenamento de documentos de arquivo**. Conselho Nacional de Arquivos, Rio de Janeiro: O Conselho, 2005.

BARBOSA, Xênia de Castro; SILVA, Thiago de F. **Reflexões sobre as memórias da EPT**: apontamentos teóricos-metodológicos e panorama das pesquisas desenvolvidas no ProfEPT (2019-2021). In: Cláudio Nei Nascimento da Silva; Daniele dos Santos Rosa; Marcos Ramon Gomes Ferreira. (Org.). *A Metodologia da Pesquisa em EPT*. Brasília: Grupo Nova Paideia, 2022, v. 1, p. 88-122. Disponível em: <<https://ojs.novapaideia.org/index.php/editoranovapaideia/article/view/240>> Acesso em: 24 mai. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Martinho Correia. Da escola de aprendizes artífices ao IFAM: um breve histórico sobre o processo de ifetização no Amazonas. **Congresso nacional de educação**, set. 2014. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2014/Modalidade_1datahora_11_08_2014_19_41_18_idinscrito_4123_ddbdac8d618ad5f07cc82eb804e47a31.pdf> Acesso em: 05 jun. 2023.

BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria. História, memória e história da educação. In: BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria. (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol. III: século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de História**. Tradução: Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020.

BRASIL. **Arquivo Nacional**. Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (Dibrate). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BRASIL. Ministério da educação. Secretaria de educação profissional e tecnológica. Instituto federal de educação, ciência e tecnologia do Amazonas. Conselho superior. **Resolução nº 02 – CONSUP/IFAM**, de 28 de março de 2011. Disponível em: <<http://www2.ifam.edu.br/pro-reitorias/extensao/proex/formularios-e-documentos>> Acesso em: 05 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 3.352, de 16 de fevereiro de 1959**. Dispõe sobre nova organização escolar e administrativa dos estabelecimentos de ensino industrial do Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3552.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20nova%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20escolar%20e%20administrativa%20dos,ensino%20industrial%20do%20Minist%C3%A9rio%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Cultura. Acesso em: 15 out 2023.

BRASIL. **Decreto nº 7.566 de 23 de setembro de 1909**. Cria nas capitais dos estados da república escolas de aprendizes artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Disponível em <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=7566&ano=1909&ato=3340zaq1UeNRVT520#:~:text=Decreto%20n%C2%BA%207.566%20de%202023%20d>

[e%20setembro%20de,PA%20RA%20O%20ENSINO%20PROFISSIONAL%20PRIMARIO%20E%20GRATUITO](#). Acesso em: 15 jun 2023.

BRASIL. **Lei 11.904**, de 14 de janeiro de 2009. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo. Brasília/ DF: 15 jan. 2009b. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm> Acesso em: 05 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento de área 46 - 2019 (Ensino)**. Brasília, DF: CAPES, 2019. Disponível em:<<https://www.gov.br/capes/ptbr/centraisdeconteudo/ensino.pdf>> Acesso em: 24 de out. 2023.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio**. Resolução CNE/CEB n. 6, de 20 de setembro de 2012.

BUFFA, E.; NOSELLA, P. História e filosofia de instituições escolares. In: ARAÚJO, J.C.S e GATTI JÚNIOR, D. (org.) **Novos Temas em História da Educação Brasileira**: instituições escolares e educação pela imprensa. Campinas: Autores Associados, Uberlândia: EDUFU, 2002.

CARVALHO, Marcus V. C.; PEREIRA, Júnia S. **Sentidos dos tempos na relação museu/escola**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 383-396, set.-dez. 2010. Disponível em: <<https://www.cedes.unicamp.br/>> Acesso em: 05 jun. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **Ensino médio integrado: concepções e desafio**. São Paulo: Cortez, 2005.

CIAVATTA, Maria (*et al*). **A fotografia como fonte de pesquisa**: da história da educação à história de trabalho-educação. Uberlândia: Navegando, Publicações, 2023.

CIAVATTA, M. Educação profissional e construção do currículo integrado. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Orgs.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B.; SAMPIERI, R. H. **Metodologia da pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. 1997. 169 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <<https://ridi.ibict.br/handle/123456789/686>> Acesso em: 05 jun. 2023.

DOURADO, Simone; RIBEIRO, Ednaldo. Metodologia qualitativa e quantitativa. In: BATISTA, Michel C.; MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de O. (orgs.). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 2. ed. Ponta Grossa – PR: Atena, 2023.

ESCOTT, C. M.; FRANÇA, M. C. C. C. Saberes específicos e produção de conhecimento no PROFEPT – linha de pesquisa organização e memórias de espaços pedagógicos na EPT. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 53, Palmas-TO, 2021.

- FONTANA, Felipe; PEREIRA, Ana Carolina T. Pesquisa documental. In: BATISTA, Michel C.; MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de O. (orgs.). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 2. ed. Ponta Grossa – PR: Atena, 2023.
- FONTANA, Felipe; ROSA, Marcos Paulo. Observação, questionário, entrevista e grupo focal. In: BATISTA, Michel C.; MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de O. (orgs.). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 2. ed. Ponta Grossa – PR: Atena, 2023.
- FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- FREITAS, R. Produtos educacionais na área de ensino da CAPES: o que há além da forma? **EPT em Revista**. v. 5, nº 2, [material eletrônico], p. 5-20, 2021.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. [material eletrônico].
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. **A escola e o trabalho**: perspectivas da educação profissional integrada. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), 2003.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capital**: o significado histórico da escola pública. São Paulo: Cortez, 2005.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 2005.
- GATTI JR. D.; GATTI, G. C. V. A história das instituições escolares em revista: fundamentos conceituais, histotografia e aspectos da investigação recente. **Educativa**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 327-359, jul./dez. 2015.
- GIL, Antonio C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2016, pp. 25-43.
- GUIMARÃES, C. Trabalho para a indústria. **Poli - saúde, educação e trabalho**, Rio de Janeiro, n. 69, p. 18-21, mar./abr. 2020. Disponível em: http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/poli_69_web.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA. 1990.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- KAPLÚN, G. Material Educativo: a experiência do aprendiz. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 27, p. 46-60, maio/ago, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37491> Acesso em: 24 out. 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. [material eletrônico].

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990 [material eletrônico].

LOPES, Valter Frank de Mesquita. **Os processos socioartísticos em Moacir Andrade**: estilo e artes plásticas na Amazônia. 2018. 240 fl. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6414> Acesso em: 22 set 2025.

MAGALHÃES, Justino Pereira de (2004). **Tecendo Nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista/SP. Editora Universitária São Francisco.

MEDEIROS NETA, O. M. de.; CIAVATTA, M. **Fontes para a História da Educação Profissional**: Boletim da CBAI. João Pessoa: Editora Ideia, 2020.

MENDONÇA, A. P.; RIZZATTI, I.; RÔÇAS, G.; SARAH, M. O que contém e o que está contido em um Processo/Produto Educacional? Reflexões sobre um conjunto de ações demandadas para Programas de Pós-Graduação na Área de Ensino. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v. 8, e211422, 2022.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

NÓVOA, A. Perspectivas de Renovação da História da Educação em Portugal. In: NÓVOA, A.; RUIZ BERRIO, J. **A História da Educação em Espanha e Portugal**: investigações e actividades. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Sociedad Española de Historia de la Educación. 1993.

NUNES DE MELLO, Maria Stela Vasconcelos. **De escolas de aprendizes artífices a Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas**: cem anos de história. Manaus: Editora, 2009.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, nº 60, p. 143-154, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/kzjDrTkL3qCWxkpX7bnwYdd/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 30 mai. 2023.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RIZZATTI, I. M.; MENDONÇA, A. P.; MATTOS, F.; RÔÇAS, G.; SILVA, M. A. B. V.; CAVALCANTI, R. J. S.; OLIVEIRA, R. R. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **Actio Docência em Ciências**, v. 5, n.2, Curitiba, p. 1-17, ago. 2020.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, n. 1, p. 1-15. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>> Acesso em: 05 jun. 2023.

SANFELICE, José Luís. História das instituições escolares: desafios teóricos. **Série- Estudos. Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**, Campo Grande – MS, n. 25, p. 11-17, jan/jun. 2008.

SANTOS, G.L.; SILVA, A.L. **A organização dos espaços pedagógicos em educação profissional e tecnológica**: aproximações da literatura acadêmica. Anais EPEC. Editora Realize, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/epepe/2021/trabalho_ev167_md1_sa105_id79_17092021071800.pdf> Acesso em: 30 mai. 2023.

SANTOS, F. M. dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 383–387, 2012. DOI: 10.14244/%19827199291. Disponível em: <<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SARMENTO, Luiz Paulo. Problemas do ensino industrial do Amazonas. (1941). In: NUNES DE MELLO, Maria Stela Vasconcelos. **De escolas de aprendizes artífices a Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas**: cem anos de história. Manaus: Editora, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2003. (Coleção Educação Contemporânea).

SAVIANI, Dermeval. **Educação escolar e democracia**: entre o liberalismo e o socialismo. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Educação profissional**: aspectos históricos e teóricos. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, Jacqueline Machado. **A preservação da memória institucional**: o acervo fotográfico do Ifes campus Cachoeiro de Itapemirim. (2022) 178f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, 2022.

SILVA, P. S. Contribuições da disciplina memória e organização dos espaços pedagógicos em EPT para um projeto de museu interativo de memórias. **Revista Iberoamericana de Humanidades, Ciência e Educação-Rease**. São Paulo, v. 7, n. 6. 2021. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1490>> Acesso em: 25 mai. 2023.

THIESEN, Iclea. **Memória institucional**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2013.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

APÊNDICE A – OFÍCIOS

OFÍCIO N. 01/2023

Manaus/AM, 25 de agosto de 2023.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Manaus Centro

A/C: Srº Diretor geral: Edson Valente Chaves

Venho, por meio deste, solicitar autorização para acesso à documentos para o desenvolvimento de pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – PROFEPT – no local Museu Histórico Moacir Andrade.

Consideramos que o registro, a análise e a exposição dessas informações são importantes para a construção do conhecimento histórico e da memória institucional do Instituto Federal do Amazonas Campus Manaus Centro, visto que há uma lacuna sobre esse tema no âmbito das pesquisas desenvolvidas na linha de Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos da Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional.

Cordialmente,

José Lucas Duque Santos Sousa
Matrícula: 2023100207



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
GABINETE DA DIRETORIA GERAL DO CAMPUS MANAUS CENTRO

OFÍCIO N.º 090 – GAB/DG/CMC/IFAM

Manaus-AM, 1º de setembro de 2023.

Ao Senhor
José Lucas Duque Santos Sousa
Discente do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede
Nacional – PROFEPT
Manaus-AM
E-mail: 2023100207@ifam.edu.br

ASSUNTO: AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Prezado Discente,

Em atenção à solicitação de acesso à documentos para o desenvolvimento de pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – PROFEPT – no Museu Histórico Moacir Andrade, autorizamos a coleta de dados junto ao Museu deste Campus.

Orientamos que a visita ocorra de segunda a sexta-feira, de 8 às 17 horas, horário de trabalho do servidor Juarez Modesto, responsável pelo Museu.

Atenciosamente,


EDSON VALENTE CHAVES
Diretor-Geral

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Eixo 1: Histórico na Instituição

Este eixo abordará sobre os processos de trabalho que o indivíduo manteve ou mantém na Instituição de Educação Profissional e Tecnológica.

Pergunta norteadora 1a: Qual a sua formação profissional?

Pergunta norteadora 1b: Como foi o início de seu processo de trabalho na Instituição? Poderia relatar algumas experiências que marcaram esse período?

Pergunta norteadora 1c: Quais as dificuldades encontradas durante os anos de trabalho na Instituição?

Pergunta norteadora 1d: Quais as mudanças mais marcantes que o senhor verificou nesses anos de trabalho nessa Instituição de Ensino Profissional e Tecnológico?

Observação: poderão ocorrer desdobramentos no eixo, no decorrer da conversa, além de sobreposição entre as perguntas.

Eixo 2: Preservação da memória institucional

Um dos aspectos a serem abordados na Linha de Pesquisa Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica é a preservação das memórias dos sujeitos e das atividades pedagógicas realizadas no âmbito da EPT na Instituição local.

Pergunta norteadora 2a: Como se verifica a preservação da memória institucional dentro da Instituição?

Pergunta norteadora 2b: Quais ações/atividades já foram realizadas na Instituição que tenha como foco a preservação da memória da Instituição?

Pergunta norteadora 2c: De que forma a preservação das memórias dos sujeitos que compuseram essa Instituição contribuem para o desenvolvimento dessa unidade de ensino?

Pergunta norteadora 2d: Você compreende o Museu Histórico Moacir Andrade como um lugar de memória? De que forma esse espaço contribui para a preservação da memória da Instituição?

Pergunta norteadora 2e: Quais ações/atividades realizadas especificamente neste espaço foram importantes considerando a preservação das memórias da

Instituição?

Observação: poderão ocorrer desdobramentos no eixo, no decorrer da conversa, além de sobreposição entre as perguntas.

Eixo 3: Bases conceituais da EPT

Os princípios norteadores da Educação Profissional e Tecnológica que compõe a estrutura dos Institutos Federais: trabalho como princípio educativo, formação humana integral e educação *omnilateral*.

Pergunta norteadora 3a: Como o(a) senhor(a) verifica a formação dos professores dessa Instituição sobre as bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica?

Pergunta norteadora 3b: Nesse sentido, poderia dissertar um pouco sobre o seu entendimento sobre a Formação Humana Integral?

Pergunta norteadora 3c: É possível pensar numa relação entre a preservação das memórias institucionais com a Formação Humana Integral dos jovens estudantes dessa Instituição?

Observação: poderão ocorrer desdobramentos no eixo, no decorrer da conversa, além de sobreposição entre as perguntas.

Eixo 4: Produto educacional

A nossa pesquisa se propõe a elaborar um bem material, qual seja, um produto educacional que contribua para a preservação da memória institucional do IFAM/CMC.

Pergunta norteadora 4a: O(a) senhor(a) já teve acesso a algum produto educacional que tenha sido resultado de outra pesquisa no âmbito do ProfEPT?

Pergunta norteadora 4b: Qual a importância desse tipo de material para divulgação dos resultados desta pesquisa?

Pergunta norteadora 4c: Considera o catálogo temático como um produto educacional capaz de oferecer contribuições para a preservação da memória institucional do IFAM/CMC?

Observação: poderão ocorrer desdobramentos no eixo, no decorrer da conversa, além de sobreposição entre as perguntas.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Este formulário tem por objetivo avaliar o Produto Educacional intitulado: "Catálogo temático do Museu Moacir Andrade: memórias e possibilidades pedagógicas da EPT". Este material foi elaborado com a intenção de contribuir para a preservação da memória institucional do IFAM, Campus Manaus Centro, a partir da análise do acervo do Museu Histórico Moacir Andrade.

Este PE foi elaborado pelo mestrando José Lucas Duque Santos Sousa e pelo Professor Doutor Deilson do Carmo Trindade, do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) - do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM.

** Indica uma pergunta obrigatória*

1. E-mail *

2. Nome do avaliador(a) *

3. Formação acadêmica *

Marcar apenas uma oval.

- a) Ensino Médio
- b) Ensino Superior Incompleto
- c) Ensino Superior Completo
- d) Especialização
- e) Mestrado f) Doutorado

4. Atuante na Rede Federal de Ensino *

Marcar apenas uma oval.

- a) Sim
- b) Não

5. Área/Local de atuação *

Marcar apenas uma oval.

- a) Docente do IFAM
- b) Profissional da Educação
- c) Docente Escola Pública
- d) Outro

Avaliação do Produto Educacional

Neste momento você será convidado a expressar seu grau de concordância com a pergunta ou afirmação. Você poderá indicar a resposta que mais se adequar ao seu ponto de vista. São 05 questões por seção. Haverá um espaço específico no fim de cada seção para incluir algum comentário. As opções de resposta serão: 1) discordo totalmente, 2) discordo, 3) indiferente (ou neutro), 4) concordo e 5) concordo totalmente. O tempo estimado para responder ao questionário gira em torno de 15 minutos.

Aspectos conceituais

1) O Produto Educacional aborda de forma clara sobre a importância da Memória Institucional para preservação da história e da memória de uma instituição de Educação Profissional e Tecnológica?

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

2) No Produto Educacional os conceitos sobre História e Memória como objeto de investigação são abordados de forma compreensiva.

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

3) O conteúdo apresentado no Produto Educacional contribui para que docentes do Instituto Federal desenvolvam uma reflexão crítica sobre a história da Instituição no âmbito da Formação Humana Integral.

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo Totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

4) O conceito "Lugares de memória" a partir de Arquivos e Museus em Instituições Escolares está apresentado de forma clara no Produto Educacional.

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo Totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

5) O produto educacional apresenta informações corretas, atualizadas e relevantes sobre a Educação Profissional e Tecnológica. *

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

Críticas, elogios ou sugestões sobre os Aspectos Conceituais. *

Aspectos Pedagógicos

1) O produto Educacional apresentado contribui para a elaboração de atividades pedagógicas que objetivem uma abordagem crítica sobre a preservação da memória institucional.

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

2) O produto educacional apresenta objetivos de aprendizagem claros e adequados ao contexto da Educação Profissional e Tecnológica

Marcar apenas uma oval.

*

- a) Discordo Totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

3) Com este Produto Educacional é possível que docentes da Área de Ciências Humanas elaborem atividades que promovam a participação ativa e o engajamento dos estudantes. *

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

4) O Produto Educacional estimula o pensamento crítico e a reflexão dos discentes sobre a necessidades da preservação dos lugares de memória. *

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo Totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

5) O Produto Educacional pode ser integrado de forma prática e viável às atividades pedagógicas já existentes na Instituição de Ensino. *

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo Totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

Críticas, elogios ou sugestões sobres os Aspectos Pedagógicos. *

Aspectos comunicacionais

1) A linguagem utilizada no Produto Educacional é clara, objetiva e adequada *

ao público-alvo

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo Totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

2) O Produto Educacional está organizado de forma lógica, facilitando a leitura *
e compreensão do conteúdo.

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo Totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

3) O design e a diagramação dos recursos visuais (cores, fontes, imagens, fotografias) favorecem a leitura e a navegação pelo material enriquecendo o conteúdo.

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo Totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

4) A comunicação do Produto Educacional desperta interesse e mantém a *
atenção do leitor/usuário.

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo Totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

5) O Produto Educacional apresenta conteúdo culturalmente adequado ao

*

contexto amazônico e à realidade dos estudantes.

Marcar apenas uma oval.

- a) Discordo Totalmente
- b) Discordo
- c) Indiferente
- d) Concordo
- e) Concordo Totalmente

Críticas, elogios ou sugestões sobre os Aspectos Comunicacionais *

**APÊNDICE D – DESCRIÇÃO DOS ÁLBUNS FOTOGRÁFICOS CATALOGADOS
NO MUSEU MOACIR ANDRADE**

DESCRIÇÃO DOS ÁLBUNS CATALOGADOS NO MUSEU			
N U M .	Nº DE TOMBA MENTO	DESCRIÇÃO	QU AN T.
1	12533	<p>ÁLBUM DE COR VERDE COM CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULAR, COM NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU: 91-01-002, SOB TÍTULO: ÁLBUM REFERENTE AO 70º ANIVERSÁRIO</p> <p>DA ETFA/1980 G A B Nº 02 COM 37 FOTOS, SENDO</p> <p>> ALUNOS E ALUNAS ESTÃO ORGANIZADOS ATRÁS DE UMA MESA NA QUAL PODEMOS IDENTIFICAR UMA MAQUETE DA ESTRUTURA FÍSICA DA INSTITUIÇÃO. ACIMA DESSES ALUNOS</p> <p>LEMOS A SEGUINTE FAIXA: CURSO DE EDIFICAÇÕES SAÚDA OS ILUSTRES VISITANTES PARA CONHECER A ESCOLA (03 FOTOS).</p> <p>> LANÇAMENTO DO SELO FILATÉLICO DOS 70º ANIVERSÁRIO DA ETFA 1980". O DIRETOR GERAL WALDIR GARCIA ESTÁ REPRESENTADO NESSAS IMAGENS UTILIZANDO INSTRUMENTOS</p> <p>ESPECÍFICOS PARA DEMONSTRAÇÃO DO SELO PARA PROFESSORES E AUTORIDADES PRESENTES (05 FOTOS);</p> <p>> HOMENAGEM ÀS ESCOLAS TÉCNICAS FEDERAIS 1980 (03 FOTOS)</p> <p>> CONFRATERNIZAÇÃO: PROFESSORES (AS) ALUNOS (AS) E AUTORIDADES DA INSTITUIÇÃO CÉLEBRANDO O ANIVERSÁRIO DE 70 ANOS DA ETFA (26 FOTOS)</p>	37
2	12534	<p>ÁLBUM COR VERDE COM CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULARES, NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU: 91-01-001, SOB TÍTULO: ÁLBUM REFERENTE AO 70º ANIVERSÁRIO</p> <p>DA ETFA/1980 G A B Nº 01 COM 30 FOTOS, SENDO:</p> <p>> SOLENIDADE OFICIAL REALIZADA NO TEATRO AMAZONAS, COM A PRESENÇA DE PROFESSORES (AS) E DEMAIS AUTORIDADES DA INSTITUIÇÃO (12 FOTOS)</p> <p>> JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO: LOCAL NÃO IDENTIFICADO A PARTIR DAS FOTOS (18 FOTOS).</p>	30
3	12535	<p>ÁLBUM COR VERDE COM CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULARES. NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU: 91-01-003, SOB TÍTULO: CORAL DA ETFA 1980 Nº 03</p> <p>CONTENDO 17 FOTOS, SENDO:</p> <p>> IV ENCORET/1979 OCORRIDO NO PARÁ. NAS FOTOS VEMOS ALUNOS E ALUNAS DA ETFAM SE APRESENTANDO E CONFRATERNIZANDO NO EVENTO (05 FOTOS);</p> <p>> APRESENTAÇÃO DO CORAL DA ETFAM NO PAÇO DA CIDADE, EM MANAUS, PARA TRANSEUNTES (04 FOTOS);</p> <p>> APRESENTAÇÃO DO CORAL E RECEBIMENTO DE HOMENAGENS NO TEATRO AMAZONAS (10 FOTOS).</p>	17
4	12536	<p>ÁLBUM COR VERDE, CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULARES, NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU: 91-01-004, SEM TÍTULO E SEM DATA IDENTIFICADA.</p> <p>CONTENDO 38 FOTOS, VEMOS:</p> <p>> REUNIÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS NAS DEPENDÊNCIAS DA</p>	38

		INSTITUIÇÃO (09 FOTOS)	
		> REALIZAÇÃO DE JOGOS ESTUDANTIS	
5	12537	<p>ÁLBUM COR VERDE, CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULARES, NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU: 91-01-005, SOB TÍTULO: MEMORIAL ETFAM - 1982 (O TÍTULO ORIGINAL ESTÁ SOBREPOSTO POR UM ADESIVO COM A DESCRIÇÃO MENCIONADA) CONTENDO 40 FOTOS, VEMOS:</p> <p>> CERIMONIAL DE ABERTURA DO ANO LETIVO DE 1980 (04 FOTOS);</p> <p>> REUNIÃO DE ALUNOS E ALUNAS, POSSIVELMENTE REPRESENTANTES DE TURMAS (03 FOTOS);</p> <p>> ATIVIDADES ESPORTIVAS: JOGOS ESTUDANTIS (04 FOTOS);</p> <p>> DESFILE CÍVICO DO 7 DE SETEMBRO REALIZADO NA AVENIDA EDUARDO RIBEIRO, TRECHO ONDE HOJE É A PRAÇA DO CONGRESSO (04 FOTOS);</p> <p>> VISITA REALIZADA AO COMANDO MILITAR DO AMAZONAS NA CIDADE TABATINGA. OS ALUNOS (AS) E PROFESSORES SE DESLOCARAM DE AVIÃO PARA A CIDADE (11 FOTOS);</p> <p>> CONFRATERNIZAÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES. ELES ESTÃO EM UM BANHO, POSSIVELMENTE SE TRATA DA MESMA VIAGEM REALIZADA (03 FOTOS);</p> <p>> ATIVIDADES EXTRACLASSE REALIZADA NO PAÇO DA CIDADE DE MANAUS (APRESENTAÇÃO DE CAPOEIRA) (02 FOTOS).</p>	40
6	12538	<p>ÁLBUM COR VERDE, CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULARES, NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU: 91-01-006, SEM TÍTULO E DATA DE IDENTIFICAÇÃO.</p> <p>CONTENDO 35 FOTOS, VEMOS:</p> <p>> VISITA DO PRESIDENTE JOÃO FIGUEIREDO</p> <p>> INAUGURAÇÃO DO LABORATÓRIO DE ELETROTÉCNICA E CERIMONIAL (31 FOTOS)</p> <p>> PREMIAÇÕES AOS ALUNOS E ALUNAS DESPORTISTAS (04 FOTOS)</p>	35
7	12539	<p>ÁLBUM COR MARROM, CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO: AS PÁGINAS CONTENDO AS IMAGENS PLASTIFICADAS ESTÃO SOLTAS DENTRO DO ÁLBUM, NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU:</p> <p>91-01-007, SOB TÍTULO: FESTA JUNINA DA ETFAM 1981 COMPLEXO ESPORTIVO OSWALDO MACHADO</p> <p>DIRETOR: JORGE HUMBERTO BARRETO</p> <p>CONTENDO 29 FOTOS, VEMOS:</p> <p>REFEITÓRIO JAMIL ASSEM (03 FOTOS)</p> <p>> PREMIAÇÕES ESPORTIVAS (08 FOTOS)</p> <p>> FESTA JUNINA (15 FOTOS)</p> <p>> APRESENTAÇÃO DO CORAL DA ETFA (03 FOTOS)</p>	29
8	12540	<p>ÁLBUM COR VERDE, CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULARES, NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU: 91-01-008, SOB TÍTULO: MEMÓRIA DA ESCOLA ANTIGA DÉCADA 1960 E 1970</p> <p>CONTENDO 19 FOTOS, VEMOS</p> <p>> JOGOS ESTUDANTIS: 08 FOTOS COM ESCOLAS DIVERSAS</p> <p>> ALGUMA IMPORTANTE AUTORIDADE (11 FOTOS)</p> <p>DIRETOR JOSÉ ROBERTO DE MELLO BARRETO</p>	19
9	12541	<p>ÁLBUM COR VERDE, CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULARES, NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU 91-01-0011, SOB TÍTULO: MEMÓRIA DA ESCOLA ANTIGA DÉCADA 1960 E 1970</p>	12

		CONTENDO 12 FOTOS, VEMOS	
		> CONFRATERNIZAÇÃO	
		> ESCOLA TECNICA DE MANAUS CURSO INDUSTRIAL BÁSICO SOLENIDADE DE FORMATURA ANO 1958	
		> ATIVIDADES ESPORTIVAS 04 FOTOS	
		> REUNIÃO ADMINISTRATIVA 05 FOTOS	
1 0	12542	ÁLBUM COR VERDE, CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULARES, NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU: 91-01-0010, SOB TÍTULO: MEMÓRIA DA ESCOLA ANTIGA DÉCADA DE 1960 E 1970	14
		CONTENDO 14 FOTOS, VEMOS	
		> CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE ALUNOS E PROFESSORES, POSSIVELMENTE TÉRMINO DE ALGUM CURSO	
		DEVIDO A ENTREGA DE DIPLOMAS 05 FOTOS	
1 1	12543	ÁLBUM COR VERDE, CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULARES, NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU: 91-01-009, SOB TÍTULO: MEMÓRIA DA ESCOLA ANTIGA DÉCADA 1960 E 1970.	17
		CONTENDO 17 FOTOS, VEMOS:	
		> VI ENCONTRO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DA EDUCAÇÃO NATAL/RN 11 A 15/02/74 05 FOTOS	
		> 6ª ASSEMBLEIA GERAL DA CONFEDERAÇÃO DA MAÇONARIA SIMBÓLICA DO BRASIL - GRANDE LOJA UNIDA DA BAHIA - SALVADOR - BAHIA - 19 A 28-8-1972 04 FOTOS	
		> ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES 31/01 A 07/02/1976 EM CURITIBA 01 FOTO	
		> VI ENCONTRO DE ASSESSORES DE PLANEJAMENTO EDUCACIONAL - BELO HORIZONTE 22 A 26/09/75 01 FOTO	
1 2	12544	ÁLBUM COR VERDE, CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULARES, NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU: 91-01-012, SOB TÍTULO: MEMÓRIA DA ESCOLA ANTIGA DÉCADA 1960 E 1970	15
		CONTENDO 15 FOTOS, VEMOS:	
		> JOGOS ESTUDANTIS ENVOLVENDO DIVERSAS ESCOLAS (13 FOTOS)	
		> FORMATURA DE ALUNOS E ALUNAS 02 FOTOS	
1 3	12545	ÁLBUM COR VERDE, CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULARES, NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU: 91-01-013, SOB TÍTULO: MEMÓRIA DA ESCOLA ANTIGA DÉCADA 1980	68
		CONTENDO 68 FOTOS	
1 4	12546	ÁLBUM COR VERDE, CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULARES, NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU: 91-01-014, SOB TÍTULO: PÁSCOA DA ETFAM 1983	8
		DIRETOR: JORGE HUMBERTO BARRETO	
		CONTENDO 08 FOTOS, VEMOS:	
		> ALUNOS E ALUNAS EM MISSA EM CELEBRAÇÃO À PÁSCOA EM UMA IGREJA NÃO IDENTIFICADA	
1 5	12547	ÁLBUM COM CAPA ESTAMPADA, CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO REGULARES, NÚMERO DE REGISTRO NO MUSEU: 91-01-015, SOB TÍTULO: MEMÓRIA DA ESCOLA ANTIGA 1960 E 1970	15
		CONTENDO 15 FOTOS, VEMOS:	
		> CERIMONIAL CÍVICO COM HASTEAMENTO DE BANDEIRAS NA PORTA DA ETFAM	

1 6	12548	PRODUTO ÁLBUM COM CAPA ESTAMPADA CONTENDO 15 FOTOS, VEMOS: > FUTEBOL DE SALÃO PROFESSORES X CURSO DE EDIFICAÇÕES OUTUBRO/1969 (03 FOTOS) > JANTAR DE CONGRAÇAMENTO ENTRE SERVIDORES DA ETFA "CHAPÉU DE PALHA" - OUTUBRO/1969 (09 FOTOS) > CONCURSO DE ORATÓRIA - OUTUBRO/1969 (03 FOTOS) 1º, 2º, E 3º COLOCADOS	15
1 7	12549	ÁLBUM COM CAPA ESTAMPADA CONTENDO 22 FOTOS, VEMOS > HASTEAMENTO DE BANDEIRAS COMO NO ÁLBUM 15 (08 FOTOS) > ALUNOS E ALUNAS REUNIDOS NO AUDITÓRIO (02 FOTOS) > ALUNOS MENINOS ENFILEIRADOS EM UMA MISSA (06 FOTOS) > HASTEAMENTO DE BANDEIRAS COM OUTROS DIRETORES (03 FOTOS)	22
1 8	12550	ÁLBUM COM CAPA ESTAMPADA CONTENDO 15 FOTOS, VEMOS: > RECEPÇÃO A AUTORIDADES (11 FOTOS) > FUTEBOL (PELADA) 04 FOTOS	15
1 9	12551	ÁLBUM COM CAPA ESTAMPADA CONTENDO ALÉM DAS FOTOS, RECORTES DE JORNAL > NOMEAÇÃO DE JORGE HUMBERTO PARA DIRETOR GERAL DA INSTITUIÇÃO > VISITA DE JORGE HUMBERTO À ESCOLA TÉCNICA DE CUIABÁ (03 FOTOS) > CORAL DA ETFA (06 FOTOS) > JORGE HUMBERTO DISCURSANDO NA LOJA MAÇÔNICA (03 FOTOS)	12
2 0	12552	ÁLBUM COR VERDE CONTENDO 13 FOTOS, VEMOS > CERIMÔNIA (ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO? ALUNOS RECEBENDO PREMIOS) IDENTIFICAR O DIRETOR DOS ÓCULOS ESCUROS	13
2 1	12553	ÁLBUM COR VERDE CONTENDO 31 FOTOS, VEMOS > MISSA EM CELEBRAÇÃO À POSSE DO PROFESSOR JORGE HUMBERTO BARRETO (06 FOTOS) > POSSE DO PROFESSOR NO AUDITÓRIO DA INSTITUIÇÃO (25 FOTOS)	31
2 2	12554	ÁLBUM COR VERMELHO CONTENDO 35 FOTOS, VEMOS: > CAMPANHA E PROCESSO ELEITORAL NO QUAL FOI VENCIDO PELO PROFESSOR JORGE HUMBERTO	35
2 3	12555	ÁLBUM COR VERMELHO DIRETOR: JORGE HUMBERTO BARRETO CONTENDO 13 FOTOS, VEMOS: > HOMENAGEM AOS PAIS E PROFESSORES PAIS	13

2 4	12556	ÁLBUM COR VERDE	11
		DIRETOR: JORGE HUMBERTO BARRETO	
		CONTENDO 11 FOTOS, VEMOS	
		> PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS E ALUNAS NOS JOGOS (07 FOTOS) > PREMIAÇÃO E CONFRATERNIZAÇÃO (02 FOTOS)	
2 5	12557	ÁLBUM COR VERDE	35
		DIRETOR: JORGE HUMBERTO BARRETO	
		19 A 25/10/1978 - ETEFESC - FLORIANÓPOLIS	
		CONTENDO 35 FOTOS, VEMOS:	
		> REUNIÃO (10 FOTOS) > ATIVIDADES NÃO IDENTIFICADAS REALIZADAS NA INSTITUIÇÃO (25 FOTOS)	
2 6	12558	ÁLBUM COR AZUL	15
		DIRETOR: JORGE HUMBERTO BARRETO	
		CONTENDO 15 FOTOS > SOBRE OS JOGOS DAS ESCOLAS TÉCNICAS	
2 7	12559	ÁLBUM COR VERDE	18
		DIRETOR: JORGE HUMBERTO BARRETO	
		CONTENDO 18 FOTOS, VEMOS	
		> 3º ENCONTRO DE ELETRÔNICA - III ENPEL - ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO AMAZONAS 05 DE JULHO DE 1982 (01 FOTO)	
		> BANDA "MARCIAL" FUNDADA EM 1981? (03 FOTO)	
		> ALUNOS E ALUNAS RECEBEM A COMUNHÃO EM UMA MISSA (05 FOTOS) > JOGOS INTERNOS E PREMIAÇÃO (09 FOTOS)	
2 8	12560	ÁLBUM COR AZUL	22
		CONTENDO 22 FOTOS DA TURMA > RELAÇÃO DOS NOMES DOS FORMANDOS	
2 9	12561	ÁLBUM COR AZUL	51
		CONTENDO 51 FOTOS, VEMOS	
		> SEMANA DA PÁTRIA 1981-82-83 (09 FOTOS) > MICRO-ESTÁGIO SIDERAMA (33 FOTOS)	
3 0	12562	ÁLBUM COR AZUL	44
		CONTENDO 44 FOTOS, VEMOS:	
		> ALUNOS E ALUNAS LABORATÓRIO/OFICINA - MOTORES E MECÂNICA DE AUTOS	
		SOLDA E SERRALHERIA TORNEARIA E AJUSTAGEM	
3 1	12563	ÁLBUM COR AZUL	55
		CONTENDO 55 FOTOS, VEMOS: > LISTA DE ALUNOS E IMAGENS DA TURMA CONCLUINTE DAQUELE ANO EM VÁRIOS ESPAÇOS DE LABORATÓRIO E OFICINAS	